

ELES DIZEM

NÃO  
A  
NÃO

UM ESTUDO  
SOBRE A GERAÇÃO **N**



Glória Diógenes  
(org.)

**ELES DIZEM**

NÃO

AO

NÃO

**UM ESTUDO  
SOBRE A GERAÇÃO N**

Ed. 01

Fortaleza-CE

2019

## **GERAÇÃO N: DA PRECARIEDADE MATERIAL À RESILIÊNCIA COMPORTAMENTAL**

O conceito de “geração” é produto do marketing americano dos anos 1950/1960 e detectou inicialmente jovens do pós-guerra encarregados de reconstruir os Estados Unidos. Era a chamada geração dos baby boomers. Esse conceito sempre foi usado para identificar os traços de comportamento de cada uma delas, e com o tempo ganhou credenciais acadêmicas mais críveis, embora ainda seja usado erroneamente, expurgando a ideia de classe.

Não é o nosso caso. Estou falando aqui de jovens nascidos e criados na periferia de Fortaleza, que poderemos situar como pertencentes à ralé e aos batalhadores<sup>1</sup>, se usarmos os conceitos de classes sociais do sociólogo Jessé de Souza para melhor compreendermos as classes de baixa renda do Brasil, evitando as distorções da limitada visão ancorada apenas na renda ou no capital econômico.

Esta pesquisa mapeou o conjunto de elementos materiais, sociais e culturais que determinam, em grande medida, o comportamento, os desejos e anseios de um contingente de quase 700 mil jovens considerados “nem-nem” e “nem-nem-nem” no Estado do Ceará<sup>2</sup>.

1. Em seu livro *A elite do atraso* (Leya, 2017), Jessé de Souza mostra como a ralé brasileira foi composta historicamente pelos negros recém-libertos e por mulatos para quem essa nova condição foi apenas nova forma de degradação, gerando a ralé de novos escravos de hoje. Já em *Batalhadores* (Contracorrente, 2014), ele mostra o conjunto de brasileiros que de alguma forma conseguiram vínculos produtivos e incorporaram aspectos do capital cultural. Ao contrário dos economistas, para Jessé de Souza as análises centradas na renda não permitem compreender os processos constitutivos das “classes sociais” e suas fronteiras. Ele parte da economia política, privilegiando as dinâmicas entre as relações de produção e as classes sociais, para construção de sua teoria sobre classes no Brasil. Essa opção é essencial para entendermos por que batalhadores não formam nova fração da classe média. Classes sociais são constituídas por aportes ideológicos, éticos, morais, educacionais, compreendidos pela noção de cultura. O desafio de Souza é construir uma análise não hierárquica capaz de considerar os diversos fluxos entre as dimensões cultural e material. Os batalhadores distinguem-se da ralé pela “pequena incorporação dos capitais pessoais mais importantes da sociedade moderna, capital econômico e capital cultural”. Como “renda” não é um elemento delimitador de “classe”, observamos enorme diversidade entre os indivíduos caracterizados como “batalhadores”. Há os “batalhadores empreendedores”, constituídos por pequenos comerciantes (lojinhas de garagem, barracas de rua ou em feiras, lojinhas de bairro e comunidades populares), donos de indústrias de pequeno porte (confeções, serralheria, carpintaria) e pequenos agricultores. De modo geral, são ex-trabalhadores rurais, ex-empregados do comércio ou do setor industrial, os quais perderam seu emprego por demissão ou fechamento das empresas. No caso das mulheres, o abandono dos maridos as transforma em única fonte de geração de renda da família. Há também os “batalhadores assalariados”, dedicados ao trabalho em pequenas e médias indústrias, vendedores, técnicos, profissionais do setor de serviços como telemarketing. Jessé de Souza destaca mobilidade entre frações de classe e classes (batalhadores, empreendedores e ralé). O fundamental é o papel do capital cultural, que desempenha posição essencial na reprodução material e na concepção de mundo do batalhador.

2. O objetivo dessa pesquisa foi ouvir, caracterizar e entender esses jovens, de 16 a 29 anos, chamados “nem-nem” (aqueles que não estudam e não trabalham) e “nem-nem-nem” (os que não estudam, não trabalham e não estão procurando emprego). Ao longo do texto, usam-se os termos “jovens na condição nem-nem” e “jovens nem-nem-nem”, alternadamente, para se referir aos jovens que não participam do mercado de trabalho e não estudam.

O que chamo de Geração N, portanto, são jovens nascidos entre 1990 e 2002, oriundos de famílias de baixa renda, residentes na sua maioria na periferia das grandes e médias cidades, que estão sem estudar, sem trabalhar e que, em certos casos, desistiram até mesmo de procurar empregos. Eles vivem a margem do universo possível que faz a distinção social no Brasil contemporâneo.

Após analisar o relatório encomendado pelo Instituto Dragão do Mar e coordenado com credibilidade e competência pela socióloga e pesquisadora Glória Diógenes, com vistas a nortear as políticas públicas dirigidas a esses jovens, e associá-lo tanto à minha experiência de criador desse instituto, em 1995, quanto às chamadas Escolas Criativas<sup>3</sup>, selecionei doze pontos definidores de diversos aspectos que podem ajudar a compreender e elaborar caminhos para novas políticas públicas capazes de retirá-los do limbo social e cultural em que se encontram. São eles:

1. **Maturidade.** É uma geração que cresce e se torna adulta muito depressa (principalmente as mulheres com a chegada de filhos). O mundo adulto chega muitas vezes em pleno início da adolescência.
2. **Internet.** Essa geração sofre, sim, o impacto dos celulares e do Whatsapp. O que isso significa? Informação textual altamente centrada em arquétipos.
3. **Perspectiva profissional.** Portas fechadas para o mundo do trabalho industrial clássico levou-a aos "corres", o trabalho precarizado, ou às facções. Ela não se recusa a trabalhar: quer trabalhar, precisa do trabalho, mas não se submete a qualquer trabalho fixo. As incursões pelo mercado de trabalho são marcadas pela precariedade. Há total ausência de perspectiva profissional, marcada mais pela ruptura do que pela continuidade.
4. **Sociabilidade sitiada.** A guerra entre facções e polícia levou-a ao declínio da interação social, uma limitada mobilidade territorial e à redução da confiança social.
5. **Insegurança.** Com dificuldades financeiras graves e insegurança máxima em relação à vida social, tem um déficit de capital social e cultural que a mantém insegura quanto a sua capacidade de administrar sua vida e estabelecer vínculos com o trabalho produtivo.

3. As Escolas Criativas geridas pelo Instituto Dragão do Mar sob contrato de gestão com a Secretaria de Cultura do Estado são: Escola Porto Iracema das Artes, Escola de Gastronomia Social Ivens Dias Branco, Centro de Formação Artística do Centro Cultural Bom Jardim, Centro de Formação Olímpica, Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, Theatro José de Alencar, Vila da Música e Casa de Saberes Cego Aderaldo.

6. **Escola.** Embora ainda lhe pareça a única possibilidade de ascensão social, a escola acaba provocando desinteresse, na medida em que não “fala” com esse novo mundo do trabalho e nem com o novo mundo tecnológico.
7. **Sexo, relacionamento e filhos.** Ela se posiciona precocemente em relação a isso. A pornografia na internet é um elemento avassalador.
8. **Liberdade de gênero e de expressão.** Ela parece, principalmente as mulheres, inclusiva e aberta, embora ainda perplexa. Os homens se mostram assustados e francamente agressivos diante do avanço feminino.
9. **Futuro.** Quanto aos seus sonhos – embora extremamente dependente e vivendo de resíduos materiais da sociedade de consumo –, ela é otimista, crente num futuro de mais igualdade e justiça social.
10. **Resiliência.** Ela tem jogo de cintura para enfrentar ameaças familiares, violência policial, isolamento social e um mundo do trabalho hostil e ainda acreditar que tudo vai dar certo e sua potência instintual vai superar todos os impasses.
11. **Drogas, aborto, armas, pena de morte.** Há uma visão individualista da superação das dificuldades.
12. **Religiosidade.** O avanço do pentecostalismo é um dado real e crescente. Está associado às crenças da meritocracia no trabalho (incorporada do modelo de distinção da classe média) e adoção de uma ética protestante (Weber).

Diante desses dados, quais as perspectivas para a Geração N? Como esses milhares de jovens cearenses terão chances de sobreviver à barbárie, se não através da força de política de Estado?

Acredito que só as políticas de cultura vão permitir a criação de capital cultural e acesso à nova sociedade do conhecimento. Cultura entendida aqui como entrada no campo simbólico e capacidade de dominar linguagens não só reproduzindo, mas sobretudo criando e alargando permanentemente repertório no sentido mais amplo e forte.

É o que apresentamos agora, sob a coordenação do secretário Élcio Batista: um conjunto de programas chamados “Superação”, baseados em processos de formação artística, ação cultural e criação de formas de afirmação (empreendedorismo) desenvolvidos e aprimorados a partir da experiência do Instituto Dragão do Mar.

Tratamos de superar as políticas até então dominantes, em que a maior parte dos recursos sob a tutela de lógicas ideológicas, muitas vezes travestidas de populares, não passa de métodos de captura do investimento público pela alta classe média já detentora do capital e de distinção.

Precisamos sair da lógica do custo-benefício e passar à lógica do custo-oportunidade.

Não basta retorno do investimento. É preciso que o investimento público tenha retorno, sim. Mas é preciso também que ele atenda às prioridades máximas da emergência política. Em palavras diretas: entre todas as possibilidades de investimento público, precisamos eleger as prioridades em termos de escala social (maior número de pessoas atingidas), capacidade de transformação de cada beneficiado em agente de mudança e, finalmente, o mais racional custo per capita.

É necessário e possível iniciarmos neste projeto "Superação" uma nova geração de políticas públicas de cultura capazes de transformar o capital cultural na grande e definitiva marca de incorporação desses jovens no atual mundo do trabalho. A falta de compreensão do impacto político do capital cultural no reformismo econômico do lulismo e a crença no simples aumento de renda estão entre as causas das fragilidades das políticas progressistas.

A cultura, entendida como capacidade de afirmação simbólica da população oprimida diante da classe média e dos endinheirados, é que vai transformar a vida dos mais pobres. Não é a renda. A distinção social e superação da pobreza se faz por meio da cultura. E essa transformação demanda o domínio das linhagens culturais (cinema, TV, artes visuais, artes cênicas, moda, artesanato, teatro, dança, música etc.) pela população mais vulnerável, principalmente os jovens.

"Superação" é um projeto de mudança social e cultural que pretende mudar, efetivamente, a vida miserável dos milhares de herdeiros da escravidão do país. A pesquisa aqui apresentada e realizada com máximo rigor pela equipe da socióloga Glória Diógenes é um passo importante para a concretização desse projeto.

## **ENTRE NEM-NEM-NEM E NÃO-NÃO-NÃO: O QUE TÊM A DIZER ESSAS JUVENTUDES?**

No início do ano de 2018, nós que formamos o Laboratório das Artes e das Juventudes-LAJUS da Universidade Federal do Ceará, recebemos um vultuoso desafio: o de investigar as dinâmicas de vida e o imaginário de um segmento juvenil que se aloca num suposto campo *nem-nem-nem*. Esboça-se de modo geral em torno da difusão e reflexão dessa categoria um tipo de consenso, qual seja, são considerados “nem-nem-nem” aqueles jovens que nem estudam, nem trabalham, não demonstram interesse em retomar a escola e nem em buscar uma ocupação (Costa e Ulyssea, 2014, p. 115)<sup>1</sup>.

Diante de um conjunto de leituras desenvolvidas previamente para a execução do projeto inicial da pesquisa, juntamente com interlocutores do Instituto Dragão do Mar e do OCA, delineamos um eixo pactuado de investigação: poderia haver em contraposição à juventude *nem-nem-nem* um imaginário juvenil tecido no *não-não-não*, qual seja, diz que não trabalha mas tem um *trampo* que possibilita uns *corre*, um se *virar* e que escapa dos tradicionais moldes de captação de dados de pesquisa e dribla instâncias das políticas públicas?

O desafio ainda mais notório, após identificarmos a área na cidade de Fortaleza que mais concentra jovens com o perfil “nem, nem” e “nem, nem, nem”, *locus* da pesquisa, o Grande Bom Jardim, foi o de transpor distâncias, desconfianças, recusas e assim ultrapassar abismos que parecem lançar essas/esse jovens para territórios inacessíveis, que se forjam de costas para as instituições e interlocutores “formais”. Consideramos um mérito dessa investigação, em meio ao agravamento das intervenções de facções criminosas no espaço da pesquisa, da *guerra* entre elas, entre elas e a polícia e entre elas e à própria comunidade, termos mesmo assim garantido o acesso e o registro de palavras e narrativas dessas juventudes. Diante de dados tão elucidativos, da possibilidade de percepção e observação mais próxima de suas realidades, tentamos evitar ainda mais a rigidez de categorizações prévias, de natureza generalizante sem a conexão com as singularidades desses sujeitos; ou mesmo por referenciais teóricos relativos a outras práticas culturais e outros contextos sócio-históricos.

O espaço etnográfico da pesquisa, para além de sua dimensão quantitativa, o uso de diários de observação, a empatia gerada por conversas em grupo, a construção de trajetórias de vida e, fundamentalmente, a desenvoltura dos pesquisadores e a familiaridade diante de um campo, de princípio, identificado como fechado e inóspito, permitiu alcançar pistas valiosas de pesquisa. Palmilhamos não apenas o plano dos índices estatísticos que apontam e distinguem de maneira mais direta situações variadas dessas juventudes, como também alcançamos o domínio das narrativas, das práticas e das razões que povoam a condição juvenil categorizada como “nem-nem” e “nem-nem-nem”.

Estamos diante de uma colcha de retalhos que embora aparentemente forme uma unidade, evidencia para quem observa com vagar sinais de esgarçamento relativos à inserção desses jovens na escola, nas dinâmicas do trabalho e nos vínculos que estabelecem com outros atores que habitam os territórios minados por violência, conflitos e rivalida-

<sup>1</sup> COSTA, Joana Simões de Melo; ULYSSEA, Gabriel. O fenômeno dos jovens Nem Nem. In: CORSEUIL, Carlos Henrique; BOTELHO, Rosana Ulhôa (org.). Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

des. Certamente, os espantosos números de ampliação dos sujeitos identificados no que se denomina amplamente de juventude “nem, nem, nem”, produzem visibilidade, também, às fissuras e impasses que marcam o “ser jovem” no Brasil nos últimos anos e o descarrilamento de muitas das políticas públicas voltadas para esse segmento.

A pesquisa ora apresentada confirma o limiar ou as tênues fronteiras entre as juventudes que se encontram na escola, que buscam ou desempenham alguma atividade de trabalho com àquelas consideradas na condição “nem, nem” ou “nem, nem, nem”. Tendo sido identificado que os atores pesquisados, “nem-nem-nem” e “nem-nem”, mais do que qualquer outro segmento juvenil, assumem maior porosidade em relação aos contextos de violência, observou-se, também, que eles atuam em um campo não tão segmentado, cindido, sendo qualquer jovem que experimenta essa realidade comum, em potencial, um possível “n”.

Provavelmente, o achado mais significativo da pesquisa ora publicada, seja relativo a necessidade de reconstrução das formas usuais de classificação, da formulação e operação (uso) da categoria “nem, nem, nem”. Vale ressaltar que parte expressiva deles e delas estão, na maioria das vezes, “fazendo algum corre”, buscando uma ocupação” que pareça escapar das moduladas formas de absorção dessa força de trabalho, ou tentando traspor a intrincada interlocução das estruturas escolares com esses jovens identificados, frequentemente, como “problemas”. Vale ressaltar que especialmente as “meninas”, por conta de gravidez precoce ou demandas de trabalhos domésticos na família, dizem “ralar” muito e não conseguem assim coadunar a situação de mãe muito jovem com exigências do mercado de trabalho. Muitas dessas juventudes já estabelecem ou desejam desenvolver ações criativas, aqui identificadas nessa pesquisa no campo da música, da pintura, da dança, da gastronomia porém, com forte tendência à iniciativas de autogestão e de empreendedorismo.

Ao longo desse documento, percebemos que os ritos de impasse da juventude “n”, suas práticas e formas de atuação, voltam-se de maneira mais decisiva para um tipo de dissidência (um não ao não) diante do que, comumente, lhes é oferecido na esfera das políticas públicas do que mesmo de uma presumida ausência, de um isolamento, de uma despotencialização de seus desejos e vontades de mudança. Essas juventudes movimentam-se sucessivamente, arriscam cotidianamente suas vidas entre fogos cruzados, transpõem barreiras de natureza diversa, negações, descréditos, vácuos de possibilidades. Por isso, não se trata de reforçar um “nem” que não foi por eles pronunciado.

A expectativa que nos anima, na partilha desses dados, é que essa pesquisa possa provocar mais ainda a construção de uma paisagem policromática de oportunidades e acesso a bens e serviços, da universalização dos direitos das juventudes. Provavelmente, a compreensão de contextos concretos de vida, do modos como os jovens se movem e se situam em seus territórios, dos seus impasses e desejos, possa nos sinalizar quais pactos de linguagem poderiam suscitar a transposição de um nem-não para possíveis sins. Quem sabe poderemos, numa maior convergência de olhares e interpretações, transpor signos do mútuo silêncio e medo que atinge as juventudes e a sociedade como um todo.

#### **Glória Diógenes**

*Professora titular do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Pesquisadora do Cnpq. Coordenadora do Laboratório das Artes e das Juventudes.*

*Membro-fundadora da Rede luso-brasileira da cultura e das artes - Todas as Artes.*

*Membro-fundadora da Rede de Pesquisa luso-brasileira em Artes e Intervenções Urbanas – R.A.I.U.*

*Membro da REAJ - Rede de Estudos sobre Experiências e Ações Juvenis.*

## **POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE: UM FAROL PARA AS PERIFERIAS DE FORTALEZA?**

Nos últimos anos, o Instituto Oca tem desenvolvido pesquisas no campo da segurança pública, da violência letal e das vulnerabilidades juvenis. Em 2016, passamos a integrar o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará em parceria com o Governo do Estado do Ceará e o Unicef. Coordenamos um amplo estudo sobre as trajetórias dos adolescentes assassinados em sete municípios do Estado, que deu origem a um conjunto de recomendações de políticas públicas para prevenção de homicídios na adolescência. Atualmente estamos desenvolvendo estudos sobre as potencialidades da política de assistência social e saúde na prevenção de homicídios, como também, sobre a juventude “nem, nem”, ou seja, aqueles jovens que não estudam e não trabalham e estão vivendo em situações de extremas vulnerabilidades.

Nossa preocupação com essas temáticas intensificou na medida em que o problema da violência urbana se agravou no Ceará, afetando, sobretudo a juventude das periferias. Jovens que não trabalham e não estudam podem ser sujeitos com potencial para o envolvimento em situações perigosas juntos aos grupos armados que oferecem “um trabalho” ou “um trampo” no mundo ilegal. O crescimento rápido e desordenado das cidades, o desenvolvimento econômico (que não superou as desigualdades sociais) e as fragilidades das políticas públicas sociais e de segurança podem ser apontados como fatores que impulsionaram esse processo. O registro dos homicídios no Brasil tornou-se um indicador relevante para evidenciar esse contexto. Em 2017, foram contabilizados 63.880 homicídios no território nacional, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Assim, estamos de frente a desafios grandiosos que podem colocar o Ceará como produtor de metodologias e políticas de enfrentamento à violência e as desigualdades sociais.

Diante desse cenário trágico que coloca em risco não só a vida dos jovens pobres, negros e moradores das regiões periféricas do Brasil (as principais vítimas da violência urbana no Brasil), mas também o sentimento de viver na cidade, de transitar por suas ruas, calçadas e praças, sentindo-se afetivamente membro de uma comunidade, é necessário através da produção de pesquisas e estudos científicos, dar voz aos indivíduos que possuem seus cotidianos atravessados por situações de violência. Com isso, o Instituto OCA visa essa produção de conhecimento, mobilizando pesquisadores das Universidades e dos movimentos sociais no intuito de desenvolver um saber sobre o cotidiano, sobre a vida dos jovens e de suas famílias e comunidades. Dessa maneira, acreditamos que essas narrativas cotidianas se apresentam como faróis capazes de irradiar luzes que produzam políticas públicas e sociais eficazes, produtora de direitos, de práticas de cidadania e que possibilitem um olhar diferente, criativo, autônomo e viável para o enfrentamento das desigualdades sociais, desvinculando os jovens de trajetórias arriscadas e vulneráveis e tecendo fios de esperanças de uma vida mais segura e feliz.

**Fernando Silvio de Andrade**

*Presidente do Instituto Oca*



## SUMÁRIO

<b>PARTE UM: INTRODUÇÃO E METODOLOGIA</b>	<b>10</b>
<b>NEM-NEM-NEM E NEM-NEM: TRILHAS JUVENIS .....</b>	<b>12</b>
<b>ESTRATÉGIAS E TÁTICAS METODOLÓGICAS: OU POR QUE O CAMPO DAS JUVENTUDES É TERRENO MINADO .....</b>	<b>17</b>
<b>PARTE DOIS: HISTÓRIAS DE VIDA</b>	<b>30</b>
<b>C., 16 ANOS, ESTUDOU ATÉ O SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO TRABALHA .....</b>	<b>32</b>
<b>M., 25 ANOS, ESTUDOU ATÉ O OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ESTÁ TENTANDO ABRIR UM CHURRASQUINHO .....</b>	<b>33</b>
<b>A., 22 ANOS, DEIXOU DE ESTUDAR NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, FAZ BICOS COMO FOTÓGRAFA .....</b>	<b>36</b>
<b>PARTE TRÊS: ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>38</b>
<b>EU, UM JOVEM DA PERIFERIA DE FORTALEZA: DEFININDO HISTÓRIAS, MAPEANDO POSSIBILIDADES, IDENTIFICANDO POTENCIALIDADES. ....</b>	<b>40</b>

<b>VIVÊNCIAS ESCOLARES: MULTIPLICIDADES DE SENTIDOS .....</b>	<b>44</b>
<b>EXPERIÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES .....</b>	<b>52</b>
<b>TRAÇOS DE VIDA E SOCIABILIDADES JUVENIS .....</b>	<b>66</b>
<b>PARTE QUATRO: ASPECTOS CONCLUSIVOS RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS</b>	<b>79</b>
<b>ASPECTOS CONCLUSIVOS .....</b>	<b>80</b>
<b>RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS .....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>85</b>



PARTE UM

# INTRODUÇÃO E METODOLOGIA



**NEM-NEM-NEM E NEM-NEM: TRILHAS JUVENIS**

*Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope  
você marcha, José!  
José, para onde?*

*(Carlos Drummond de Andrade,  
excerto do poema "E agora José?)*

Quando se fala em juventude, a primeira pergunta que se coloca em pauta é: que juventude? Provavelmente se trata de uma das categorias teóricas, ou pertinentes às políticas públicas, mais marcadas pela imprecisão. Há uma plêiade de configurações, experimentações e vivências que marcam as práticas juvenis. Por tal razão, como Abramo (2005), Dayrell (2007) e Diógenes (1998), elegemos por trabalhar com o termo "condição juvenil". Essa categoria desloca-se do marcador meramente geracional e etário de juventude e "atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc." (DAYRELL, 2007, p. 108). Além desses fatores,

a juventude é um conceito que exige de quem pesquisa, e mais ainda de quem atua nesse campo de construção específica das políticas públicas, uma necessidade contínua de decifração. Ela representa uma condição que mais se define por suas práticas, por suas formas diversas de atuação e de experimentação do que mesmo por conceituações e referenciais estáveis e fixos. (DIÓGENES, 2012, p. 104)

E o que significa, dentro dessa paisagem diversa e controversa das práticas juvenis, se falar em juventude "nem-nem" e "nem-nem-nem"?

São os chamados "nem-nem", termo para os que não têm trabalho e nem estudam, e cujo conceito já é conhecido dos pesquisadores há mais de uma década. Para o Banco Mundial, em estudo recente apresentado em Brasília no início de março, eles agora representam 11 milhões de pessoas na faixa dos 15 aos 29 anos – cerca de 20%<sup>1</sup>.

São considerados "nem-nem-nem" aqueles que nem estudam, nem trabalham e não demonstram in-

1. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/nem-nem-ovens-nem-estudam-nem-trabalham-sao-11-milhoes-brasil/>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

teresse em retomar a escola e nem em buscar uma ocupação. Costa e Ulyssea (2014, p. 115), em uma publicação do IPEA acerca dos “desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros”, destacam a crescente preocupação, tanto entre pesquisadores quanto entre formuladores de políticas públicas, “com os jovens que não estão investindo em sua capacidade produtiva por meio do sistema formal de ensino ou diretamente no mercado de trabalho”. Observa-se que a afirmação dos referidos autores parece aludir aos próprios jovens como sendo os sujeitos responsáveis por essa “falta de investimento” no sistema formal de ensino ou no mercado de trabalho. Ao contrário, observa-se que “os jovens se retraem, se enclausuram em redes sociais que muitas vezes se aproveitam de suas fragilidades e de sua falta de crença no futuro e, nesse universo paralelo, experimentam o ilícito e perdem ou se distanciam dos liames com o plano das instituições” (DIÓGENES; SÁ, 2011, p. 152).

Por tal razão, na pesquisa ora apresentada acerca da condição dos jovens “nem-nem-nem” e “nem-nem”, tentamos ultrapassar a rigidez de categorizações prévias e de distinções da situação da juventude atribuídas por dados quantitativos generalizantes, sem a conexão com as singularidades desses sujeitos, ou mesmo por referenciais teóricos relativos a outras práticas culturais e outros contextos sócio-históricos. Interessou-nos identificar, dentro do que consideramos metodologicamente como *caso exemplar* (um *locus* da observação que condensa a maior parte das variáveis verificadas no *problema* relativo à pesquisa), o que *acontece*<sup>2</sup> com esses atores “nem-nem-nem” e “nem-nem” e que parece expressar uma recusa em relação à escola, ao trabalho e outras vias da institucionalidade. Tentou-se assim escapar, no âmbito desta investigação, de etiquetas que pré-classificam e esquadriham as juventudes por meio de variáveis universalizantes como também de couraças teóricas que costumam fazer “calar” o que emerge dos fazeres e das práticas situados no campo de pesquisa. Embora o recorte etário da investigação tenha sido estabelecido de 15 a 29 anos, levamos em conta que “hoje em dia, são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida” (2009, p. 373). Tomaremos essas definições pautadas em *gerações demográficas* (PAIS, 2009) apenas como indicadores do tempo de vida, ampliando a análise relativa aos dados qualitativos para os fluxos descontínuos e o embaralhamento que se estabelece em algumas dessas fronteiras etárias.

No que tange a processos de adultização precoce, da alteração de rotas de vida por distanciamento desses jovens em relação à família, ao trabalho e à escola. Uma pesquisa realizada pela Flacso ainda em 1992 acerca do “Trabalho e a rua” assume um tom quase profético quando, no texto de Arno Vogel denominado “A casa e a rua: a cidade como fascínio e descaminho”, o autor enuncia um elemento que, naquele momento, surge como novidade: os jovens passam a repudiar a ética do trabalho e consideram se voltar para o que o autor denomina de ética da aventura. Um elemento de natureza aparentemente subjetiva, considerado nessa pesquisa da Flacso, pode operar e potencializar a análise dos dados da presente investigação. Vogel (p. 149) referia-se ao fato, no caso das crianças e adolescentes em situação de rua, de parte substantiva desses sujeitos afirmarem “não poder confiar nos pais”, produzindo em suas vidas um “acréscimo insuportável de imprevisibilidade”. Profere o autor então: “a queda do potencial de confiança faz cair também a capacidade da ação[,] [...] os laços se afrouxam na razão direta do enfraquecimento da densidade moral.” Os laços se afrouxam, como veremos na análise a seguir, não apenas em relação à família; esse esgarçamento se estende à escola, à dinâmica do trabalho e aos vínculos com sujeitos que habitam territórios minados por violência, conflitos e rivalidades.

Outra categoria, a relativa ao trabalho, vem sendo continuamente “atualizada”, transmudando-se muitas vezes em significados nativos traduzidos em “fazer uns corres”, “trampar” e “se virar”, cerzidos, no geral, *entre* atividades legais e ilegais. Como afirma Dayrell (2003, p. 50), “o mundo do trabalho pouco contribuiu no processo de humanização desses jovens, não lhes abrindo perspectivas para que

2. Reporto-me à percepção de acontecimento evocada por Foucault (1987, p. 54): “o acontecimento precisa de uma lógica mais complexa. O acontecimento não é um estado de coisas que possa servir de referente a uma proposição [...] Agindo no acontecimento um ‘diagrama de forças’, algo, também, virtual, que ainda não aconteceu, dimensões do por vir.”

pu­dessem ampliar suas potencialidades, muito menos construir uma imagem positiva de si mesmos”, devendo salientar que, muitas vezes, tal qual reporta o referido autor, se trata de um espaço (o do trabalho) concernente ao mundo adulto e que “se mostra impermeável às necessidades dos jovens em construir-se como sujeitos”. Essa impermeabilidade é detectada em recentes estatísticas, que passam a chamar atenção e serem alvo de reflexão e problematização, tal qual assinala a *Revista de Educação*<sup>3</sup> de 2016: O documento analisa dados de 2015 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, onde um em cada cinco jovens não está na escola, em treinamento ou trabalhando. De forma geral, os jovens que não concluíram o ensino médio são em sua maioria negros, com baixa renda familiar e são precocemente direcionados para o mercado de trabalho — quase sempre aquele, informal e precário. Até porque o desemprego, que hoje atinge 11,8% da população ativa (Pnad) é maior entre jovens, mulheres e trabalhadores sem nível superior. A taxa de desocupação entre pessoas com 14 a 17 anos é de 39% e entre os de 18 a 24 anos chega a 25,3%.

Um fator significativo é que a situação mais delicada é relativa às mulheres: as meninas representavam 59,1% de jovens nessa faixa etária que não estudavam nem trabalhavam nesse ano. Ou seja, brasileiros fora da escola e do mercado de trabalho estão apressados por limites relacionados tanto à pobreza quanto ao gênero.

Dados de levantamento realizado pelo IBGE em 2017<sup>4</sup> apontam que o número de jovens de 16 a 29 anos que não estudam e nem trabalham atingiu 25,8% do total; em 2012, esse índice representava 22,8%. Cíntia Simões Agostinho, analista desse Instituto, na mesma matéria ressalta que “são os jovens que mais sofreram com os efeitos da crise no mercado de trabalho”, devido à dificuldade de se inserirem no mercado ou de conciliarem estudo e trabalho. Observa-se que essa situação se agrava quando se opera um recorte do gênero. Segundo o IBGE, “a desigualdade entre o percentual de homens e o de mulheres de 16 a 29 anos que não estudam nem estão ocupados persiste ao longo da série histórica”. De acordo com a pesquisa, dentre o total de jovens no país em 2016, 19% dos homens não estudavam nem estavam ocupados. Já entre as mulheres este percentual saltou para 32,7%. Na análise de conteúdo dos dados da pesquisa ora realizada, a situação de vácuo de possibilidade de ocupação da ausência de conexão do jovem com a dinâmica escolar evidencia-se de forma ainda mais destacada. Indicadores recentes veiculados pelo jornal *O Globo* em 2018<sup>5</sup> já evidenciam uma ampliação acelerada dos índices de jovens que se situam na categoria “nem-nem-nem”: O número de jovens, entre 15 e 29 anos, que não estudam, não trabalham e nem procuram emprego triplicou desde o início da crise econômica, há quatro anos. Depois do mínimo histórico em meados de 2014, os “nem-nem-nem” saltaram de 445 mil para quase 1,4 milhão em junho deste ano. O levantamento foi feito pela consultoria IDados, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE.

Não há dúvida da natureza alarmante dos números que saltam e avançam em ritmo galopante e assim dão visibilidade às fissuras e agruras que marcam o “ser jovem” no Brasil nos últimos dez anos. Portanto, mesmo em se tratando de uma pesquisa de natureza quantitativa, optamos, tal qual será destacado no capítulo referente à metodologia, por tentar escapar das armadilhas circulares das estatísticas, assumindo elas, por vezes, tons autoexplicativos e, como já mencionado, que, comumente, se descolam das narrativas, das práticas e das razões que povoam a condição juvenil categorizada como “nem-nem” e “nem-nem-nem”.

3 Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/nem-nem-jovens-nem-estudam-nem-trabalham-sao-11-milhoes-brasil>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

4 Disponível em: <[g1.globo.com/economia/noticia/numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-cresce-20-em-4-anos-e-chega-a-258-em-2016-diz-ibge.ghtml](http://g1.globo.com/economia/noticia/numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-cresce-20-em-4-anos-e-chega-a-258-em-2016-diz-ibge.ghtml)>. Acesso em: 16 dez. 2018.

5 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/jovens-nao-estudam-nao-trabalham-desistem-de-buscar-em-pregio-23113548>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

Optamos por construir a estratégia de investigação priorizando tanto a aplicação de questionários, com um quadro amostral estratificado por sexo e faixa etária, como a *escuta* que se realiza por meio de *histórias de vida*, *grupos focais*, e *trajetórias* de sujeitos considerados emblemáticos na paisagem da pesquisa situada no CBJ. Um outro dado qualitativo de grande valia diz respeito aos documentos relativos aos *diários de campo* construídos pelos pesquisadores. Além de dados que enunciam e de certo modo *comprovam* hipóteses acerca das expectativas, desejos e destinos dessas juventudes, nos interessou, também, atuando como móvel central dessa investigação, a *densidade moral*, como ressalta Vogel, que faz com que alguns jovens se distanciem da escola do trabalho e nem mesmo busquem vias e oportunidades de retorno.

Como indicado no projeto que antecedeu essa pesquisa, é possível, em contraposição às preocupações de uma juventude “nem-nem-nem”, um imaginário juvenil tecido no “não-não-não”: por exemplo, diz que não trabalha, mas tem um “trampo” que possibilita “uns corre”, um “se virar”, um “se desdobrar”, por vezes considerado “marginal”, que escapa dos tradicionais moldes de captação de dados de pesquisa e que dribla instâncias das políticas públicas. A pergunta que percorreu todo o eixo da investigação pode ser assim desenhada: qual a lógica de um segmento que se aloca num suposto campo “nem-nem-nem”, e que rastros levariam os jovens a construir acessos possíveis para um “sim-sim-sim” dialogando com estilos de vida, suas estéticas, traços e vontades e com espaços e ações juvenis construídas nas políticas públicas? Aqui vale fazer uma ressalva. Quando se fala em culturas juvenis, em práticas juvenis, quase sempre, como exemplifica Machado Pais (1990, p. 140), se fala em valores, crenças, símbolos e normas; o certo é que esses elementos “tanto podem ser próprios ou inerentes às fases da vida [...] como podem ser derivados e assimilados de gerações precedentes”. Por tal razão, parte-se do princípio que a juventude atua como “vitrine das tensões sociais” (DIÓGENES, 1998), mobilizando tanto experimentações e signos de demarcações do “ser jovem”, como espelhando e refletindo elementos referentes a um tempo, a distinções de classes, de etnias, de locais de moradia, de orientações sexuais, de gênero etc.

De outro modo, observa-se na pesquisa ora apresentada que os atores pesquisados, “nem-nem-nem” e “nem-nem”, mais do que qualquer outro segmento juvenil, assumem maior *porosidade* em relação ao contexto de violência e aos estremecimentos políticos que têm marcado a atual conjuntura brasileira<sup>6</sup>. Trata-se de uma paisagem cuja condição é marcada pelo risco, pela insegurança, tanto material como simbólica, pela ausência de uma percepção de futuro, por um vácuo de um presente condizente com as aspirações e necessidades relativas a esse segmento. O cenário é Fortaleza, 2018. O relatório “Cada vida importa”, acerca da prevenção de homicídios na adolescência, aponta que Fortaleza assumiu o maior índice de homicídios no Brasil (IHA) entre as capitais brasileiras em 2012 (Fonte: Homicídios na Adolescência no Brasil). De forma mais avultada, os índices de homicídio no panorama em que vivem os jovens da periferia de Fortaleza é de quase guerra permanente. Uma matéria recente do jornal *O Povo*<sup>7</sup> indica que “organizações criminosas têm dominado o Estado”. Inclusive, o cotidiano da pesquisa, como relatado no tópico relativo à metodologia, foi marcado e entrecortado pela dinâmica de atuação das facções no local. O Comando Vermelho (CV) possui cerca de 9.056 membros e surgiu no estado do Rio de Janeiro. A Família do Norte (FDN) tem pelo menos 663 integrantes e nasceu

6 Em 31 de agosto de 2016, o Senado Federal aprovou o impeachment de Dilma Rousseff, presidente eleita em 2014, constando 61 votos favoráveis e 20 contrários, por muitos ganhando a votação a conotação de um golpe político. Em seu lugar assume o vice Michel Temer. Em 7 de abril de 2018 o ex-presidente Lula é preso. Em julho de 2017, o juiz federal Sérgio Moro condenou o ex-presidente a uma pena de 9 anos e 6 meses de prisão na ação penal referente ao caso do Triplex pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Nas eleições presidenciais de 2018, concorre com o candidato do Partido dos Trabalhadores (apoiado por Lula), Antônio Haddad, Jair Bolsonaro, sendo eleito presidente no segundo turno das eleições tendo como uma de suas principais bandeiras a eliminação das facções e a mobilização de um programa armamentista baseado no ódio e intolerância aos que “ameaçam” a ordem social. Propõe ainda o presidente eleito a eliminação de programas sociais, como o bolsa família, o corte do programa de cotas nas instituições públicas de ensino, o estrangulamento das instâncias de promoção de direitos e diminuição das desigualdade sociais, dentre outras pautas.

7 Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/conheca-os-perfis-das-faccoes-que-atuam-no-ceara.html>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

no Amazonas. Os Guardiões do Estado (GDE) é uma facção cearense, que teve sua origem no bairro Conjunto Palmeiras, conta com cerca de 5.718 membros, e a organização paulista Primeiro Comando Capital (PCC) tem 3.230 integrantes, no Ceará.

Na área de ação da pesquisa, o Grande Bom Jardim (GBJ), a ser descrita no capítulo metodológico, a situação de instabilidade e insegurança da intensa intervenção local da polícia e da ampliação do poder de grupos de facções não é diferente. No caso do GBJ essa situação assume, comumente, tons mais drásticos, produzindo um duplo movimento: ou mobiliza a **adesão dos jovens** ou o **retraimento de seus vínculos e de suas vivências** no bairro. Um relato de um diário de campo retrata um pouco do dia a dia desses atores juvenis e de sua mobilidade nos bairros que compõem o GBJ:

Antes dos jovens chegarem, conversamos com o filho de Margarida, que nos esclareceu sobre as siglas que vimos. ADP é Alto da Paz, TD<sub>2</sub> é "tudo 2", uma referência ao número de letras de CV (Comando Vermelho). Por outro lado, TD<sub>3</sub>, embora eu não tenha visto, seria de "tudo 3", em alusão às três letras de Guardiões do Estado – GDE e Primeiro Comando da Capital – PCC. O filho dela disse que o território em que estávamos era GDE. Ele se dizia "tudo 5", ou seja, 2 e 3, tudo junto, sem a separação. Perguntamos se ele era ou se sentia impedido de circular de um território para outro, e ele negou, pois não nenhum vínculo ou prática que o prejudicasse. Uma dica para garantir esse trânsito livre, por exemplo, é que os jovens moradores que usam maconha, comprem apenas dos vendedores da própria área. Comprar de alguém da área de outra facção não dá.

Somado à situação da insegurança e à restrição da sociabilidade no GBJ, dados relativos à página do site do Centro Cultural Bom Jardim destacam a dimensão singular desse conglomerado no que tange à situação de desigualdade, falta de acesso às políticas básicas de assistência e promoção de direitos:

De acordo com o ranking dos bairros segundo o índice de vulnerabilidade, os cinco bairros que compõem o Grande Bom Jardim encontram-se entre os 12 mais vulneráveis de Fortaleza (Bom Jardim – 4<sup>o</sup>; Siqueira – 6<sup>o</sup>; Canidezinho – 10<sup>o</sup>; Granja Lisboa – 11<sup>o</sup> e Granja Portugal – 12<sup>o</sup>). Em termos populacionais, esse território (GBJ) engloba 8,33% da população de Fortaleza e 38% da população da área administrativa V (SER V). Esta área é a maior da cidade e concentra os piores indicadores sociais e econômicos. Observando o perfil da população, o território do GBJ possui um grande contingente populacional de pessoas na faixa etária de 0 a 29, em torno de 120.957 habitantes. A expressão proporcional desse número é a representação de que 60% da população total do Grande Bom Jardim é jovem (0 a 29 anos), sendo que, do total dessa população, 58% tem entre 0 e 17 anos, faixa de cobertura das garantias do Estatuto da Criança e do Adolescente. [...] De acordo com o tratamento dos dados do último Censo (2010) feito pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), sobre a extrema pobreza na capital cearense, o Grande Bom Jardim tem 04 de seus bairros no ranking dos 10 bairros com o maior número e proporção de pessoas em extrema pobreza.

Pode-se perceber, por meio dos resultados apresentados a seguir, que muitas vezes o que as juventudes buscam é muito mais projetos que empregos, como se vem discutindo de forma intensa entre pesquisadores que voltam suas investigações para esse campo. Perdeu-se a noção de carreira, construída por uma lógica linear.<sup>8</sup> Remando contra a maré, muitas vezes, tanto a escola como as políticas públicas voltadas para a juventude atuam por meio da lógica de formação e construção de uma carreira que pouco tem atraído os jovens. Isso tem gerado correntes de desencanto, tanto dos jovens em relação ao "mundo social" em que estão situados, como das políticas públicas, escolas, e do âmbito família. Um desencanto que não ganha espaço nas estatísticas e que, sendo inaudível, assume a condição de *inexistente*. Ao contrário, de modo geral para as juventudes, a lógica relativa aos projetos, aos "tramos", se desenha em multilinhas, múltiplas direções e ocupações "que aparecem", contrariando a dimensão

8 Para aprofundar a temática, ler *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*, livro organizado por José Machado Pais e Isabel Mendes.

rígida e unidimensional das trajetórias lineares de trabalho. A “falta de ocupação”, a crescente crise no mercado de trabalho brasileiro, acabou por produzir entre os jovens uma recodificação da categoria trabalho, produzindo um tipo de flexibilidade (“pegar um bico”) e de “mistura” de fazeres e saberes (“dá-se um jeito”, “não sei, mas desenrolo”) que escapa das tradicionais formações profissionalizantes. Acontece, como se poderá identificar com os dados apresentados a seguir, que essa demanda de “novos horizontes profissionais” encontra-se quase sempre estrangulada pela crescente crise de desemprego que atinge parte da população ativa no Brasil.

Assim, findamos essas linhas introdutórias com um dado bastante significativo que emergiu da pesquisa ora apresentada: quase 47% dos jovens identificados como “nem-nem-nem” têm como nível de escolaridade apenas o fundamental incompleto, o que evidencia o impacto dessa baixa escolaridade nos destinos e oportunidades de ocupação que permeiam esse segmento. De modo controverso, Luanda Botelho, analista da Coordenação de Indicadores Sociais do IBGE, considera, ao refletir sobre os dados referentes à juventude “nem-nem-nem”, que esse fenômeno não se dá “por conta da frequência escolar, mas pelo aumento da desocupação”.<sup>9</sup> Esses são fatores que acabam por inscrever o discurso da analista dentro de uma contumaz via circular que perfaz o campo das políticas públicas: a ausência da escola que retrai oportunidades do mercado de trabalho e que, por isso, afeta e dificulta o retorno à escola. Não se sai fácil dessa enlinhada teia. Esse labirinto de estatísticas desalentadoras acerca da inserção e capacidade de absorção das juventudes no mercado acaba por fortalecer as frágeis estruturas de inserção social que, *a priori*, deveriam estar integrando, promovendo e fortalecendo vínculos de interação institucional. Quanto mais a juventude se afasta da escola e do trabalho, opera-se uma cisão de vínculos institucionais, intensificando práticas instituintes,<sup>10</sup> muitas vezes *outsiders*, tornando assim ainda mais difícil o diálogo com esses atores e a reconstrução de políticas capazes de atrair e incorporar esses jovens. Por tudo isso e muito mais torna-se emergencial tentar entender essa geração que se move *fora do lugar*, em planos descontínuos, que flutua em espaços *não consentidos*, afora dos lugares costumeiros de construção de vínculos sociais e de aceitação pública. Então, vamos percorrer os caminhos que lá traçamos.

### **ESTRATÉGIAS E TÁTICAS METODOLÓGICAS: OU POR QUE O CAMPO DAS JUVENTUDES É TERRENO MINADO**

Tal qual elucidado no capítulo introdutório desta pesquisa, o espaço geográfico de investigação, no caso o Grande Bom Jardim, pode ser identificado como um terreno minado, um *chão* em estado de guerra que “explode” e “apaga” em meio a cenas cotidianas. Esse “viver acuado” se coloca como um dos aspectos constitutivos dos modos de subjetivação juvenis nesses contextos estigmatizados (Barreira & Batista, 2011, p. 11). Provavelmente, essa dimensão da cultura do medo e da insegurança baliza a vida dos jovens que habitam tais territórios e, como consequência, recorta a dos sujeitos “externos” que ali adentram com o intuito de observar e tomar informações muitas vezes burladas, caladas e silenciadas entre os próprios sujeitos que habitam tais locais.

A cultura do medo, a sensação de estar pisando, cotidianamente, em um campo marcado pela imprevi-

9 Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-cresce-20-em-4-anos-e-chega-a-258-em-2016-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

10 Para identificar de forma mais precisa as categorizações em torno da discussão entre instituinte e instituído, ver a obra de Cornelius Castoriadis, *A instituição imaginária da sociedade*, 1982.

sibilidade, projeta nesses jovens um *habitus* cultural construído por meio do conflito, da insegurança e de ondas de instabilidade, mesmo que, por vezes, eles afirmem a intenção de um futuro concebido em bases sólidas. Portanto, tomando uma metáfora utilizada por Bourdieu (2011), as palavras proferidas no âmbito da pesquisa dos jovens “nem-nem” e “nem-nem-nem” se projetam, também, como campos minados, sendo ditas como regras interiorizadas de um *jogo* social, sem que eles mesmos percebam explicitamente as influências de todas as peças que dinamizam o *tabuleiro* de suas vidas. De tal maneira, os “dados” e as narrativas aos quais os pesquisadores tiveram acesso, aqui sistematizados, se colocam muito mais como “portas de entrada”, códigos cifrados de uma realidade complexa, do que como retrato “real” e nítido do panorama e dos atores pesquisados.

### **α) Breve caracterização do território**

O bairro mais populoso de Fortaleza, segundo o IBGE (2010) já foi uma fazenda.<sup>12</sup> Na década de 1960, o espaço foi loteado a preços populares pela família Gentil e o local atraiu pessoas de várias partes da cidade. Nas décadas posteriores, a ocupação desordenada e a oferta de serviços públicos ocorreram em velocidade desproporcional, caracterizando o bairro como um local violento e desigual.

O desenho do território hoje compreende os bairros Bom Jardim, Canidezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. É interessante pontuar que os conjuntos e loteamentos ainda “falam mais alto” que as denominações de bairro, e que Fortaleza se mistura com Maracanaú e Caucaia nas extremidades do Siqueira e da Granja Lisboa por visíveis áreas contíguas. Por exemplo, Santa Cecília e Santo Amaro podem ser considerados Bom Jardim; São Vicente é no Siqueira. O Jardim Jatobá é oficialmente do município de Maracanaú, mas na prática se considera Fortaleza, já que fica avizinado do Siqueira.

Atualmente, o Grande Bom Jardim abriga 8,33% da população de Fortaleza e, destes, 60% são jovens na faixa etária de 15 a 29 anos. A juventude é maioria no Bom Jardim e é, também, alvo predominante entre as vítimas de violência na região. Destacam-se ainda os altos números de vulnerabilidade social e violência que configuram o grande Bom Jardim como o quarto bairro mais vulnerável de Fortaleza. Em decorrência deste perfil, o bairro é alvo preferencial de ações e programas do Estado<sup>13</sup> e do terceiro setor que visam promover iniciativas nas áreas de educação, esporte, cultura e profissionalização, além de ser referência em atividades de organização da população e engajamento político em torno de reivindicação de direitos.

### **b) Ações e projetos governamentais e não-governamentais que atuam no GBJ**

Como primeira etapa da pesquisa, foi realizado um estudo exploratório com a finalidade de identificar ações e iniciativas que voltavam-se para o público-alvo da pesquisa. Assim, foi possível identificar potenciais locais de encontro dos jovens “nem-nem” e “nem-nem-nem”, espaços de lazer, modos de uso do bairro e seus *points*. Destacamos algumas das iniciativas identificadas na primeira fase do trabalho de campo:

11 “[...] ações humanas tem por base algo diferente da intenção, isto é, disposições adquiridas que fazem com que a ação possa e deva ser interpretada como orientada em direção a tal ou qual fim, sem que se possa, entretanto, dizer que ela tenha por princípio a busca consciente desse objetivo” (BOURDIEU, 2011, p. 164).

12 Fonte: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2014/02/bairro-bom-jardim-territorio-da-paz.html>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

13 Programa Ceará Pacífico, Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), Rede Acolhe da Defensoria Pública, entre outros.

Nome	Endereço	Rede social / site	Descrição
<b>CCBJ: Centro Cultural Bom Jardim</b>	Rua Três Corações, 400, Bom Jardim	<a href="http://ccbj.redelivre.org.br/">http://ccbj.redelivre.org.br/</a>	Equipamento cultural da Secretaria de Cultura do Estado. Oferece atividades formativas, cursos e oficinas além de programação artística como teatro, música, dança, cinema, fotografia e artes em geral.
<b>Instituição Primavera</b>	Av. Osório de Paiva, 5623, Canidézinho	<a href="https://cdvhs.org.br/">https://cdvhs.org.br/</a>	Organização da sociedade civil que busca promover ações relacionadas aos direitos humanos.
<b>Jovens Agentes da Paz</b>		<a href="http://jovensdepaz.blogspot.com/">http://jovensdepaz.blogspot.com/</a>	Projeto do CDVHS. Pretende, por meio da cultura de paz, envolver a juventude em um processo que desperte a não violência, a convivência movida pela diversidade, pelo respeito e pelo diálogo. Atua nas escolas localizadas no território.
<b>Projeto Sementes</b>			Projeto do CDVHS.
<b>Rede Dlis: Rede de Desenvolvimento Sustentável do Grande Bom Jardim</b>			É uma instância de articulações de lutas envolvendo 33 entidades e movimentos demandando questões específicas de cada bairro, articulando atuações no que diz respeito ao conjunto da região e da cidade. Teve início em dezembro de 2003 e atua em um processo de diagnóstico, planejamento e monitoramento de políticas públicas de efetivação de direitos humanos em cinco bairros da região.
<b>Associação de Moradores do Bom Jardim</b>	Rua Nova Conquista, 415, Bom Jardim		
<b>CRAS: Centro de Referência em Assistência Social</b>	CRAS Bom Jardim: Rua Cel. João Correia, 2023 CRAS Granja Portugal: Rua Humberto Lomeu, 1130 CRAS Canidézinho: Rua José Maurício, 405		Órgão responsável por coordenar as atividades assistenciais.
<b>Projeto Folhas</b>	Rua Nova Conquista, 2671, Granja Lisboa	<a href="http://projetojosehenrique.org/">http://projetojosehenrique.org/</a>	Projeto social que desenvolve ações na área de educação, cultura, esportes e capacitação profissional.
<b>Instituição Verão</b>	Rua Xavier da Silveira, 2781, Granja Lisboa	<a href="https://www.facebook.com/Quintal-Cultural-Raimundo-Vieira-">https://www.facebook.com/Quintal-Cultural-Raimundo-Vieira-</a>	Espaço cultural e biblioteca livre, mantido por doações e por iniciativa da proprietária do espaço. Promove saraus e outras atividades voltadas para o incentivo à cultura e às artes.
<b>Projeto ABC Bom Jardim</b>	Rua Três Corações, 762, Granja Lisboa	<a href="https://www.facebook.com/abcbomjardim/">https://www.facebook.com/abcbomjardim/</a>	Projeto da secretaria estadual de trabalho e desenvolvimento social em parceria com o conselho comunitário dos moradores do Parque Santa Cecília que oferece cursos e oficinas nas áreas de cultura, esporte, formação profissional etc.
<b>Instituto Katiana Pena</b>	Rua Mirtes Cordeiro, 3147, Granja Lisboa,	<a href="http://institutokatianapena.com.br/">http://institutokatianapena.com.br/</a>	Oferece cursos de dança e atividades educativas como incentivo à leitura, reforço escolar, contações de histórias, exposições de filmes etc.
<b>Instituição Outono</b>	Rua Benjamin da Silva, 110, Canidézinho		Instituição sem fins lucrativos que atua no território do Programa Ceará Pacífico – Bom Jardim com a promoção social, por meio de atividades e ações de formação, produção e difusão das artes integradas.

### c) Abordagem e “entrada” no terreno de pesquisa

A incursão no campo se deu a partir de iniciativas que já atuavam no território, particularmente o Instituição Primavera, por meio do Projeto Sementes. Já que os pesquisadores já tinham feito investigações anteriores no GBJ, a mobilização das redes pessoais ocorreu de início por meio de elos e contatos preexistentes. O fato de todos os membros da equipe de campo já terem proximidade com pessoas que moram no bairro e que tinham fácil acesso a alguns jovens próximos do perfil “nem-nem” e “nem-nem-nem” otimizou sobremaneira a abordagem e o tempo dedicado à aplicação dos questionários.

A equipe recebeu auxílio de interlocutores-chave no acesso aos jovens: Liduina (agente de saúde), Margarida (agente de saúde aposentada e dona de uma biblioteca livre), Rosa (líder comunitária), Orquídea (professora de maquiagem em cursos da STDS que acontecia no território), Lótus (educador social Projeto Sementes) e Junquilha (Projeto Folhas). Assim, as primeiras entrevistas efetuadas com jovens se deram a partir de agendamento feito por pessoas que atuam no território. Na medida em que a força desses contatos ocasionou o decantado efeito “bola de neve” na pesquisa (os nomes e as histórias foram se repetindo), os pesquisadores se voltaram então para locais de fluxo de pessoas no bairro: praças, posto de saúde, CRAS etc. Nesses espaços, os pesquisadores abordavam os jovens, apresentavam-se, faziam a triagem do perfil e, se eles correspondessem, indagavam sobre sua disponibilidade em participar da pesquisa. Poucas pessoas se recusaram a responder os questionários; o gargalo acontecia na dificuldade de se identificar jovens cuja trajetória de vida se encaixaria num perfil “nem-nem” e “nem-nem-nem”.

Vale ressaltar que foram inúmeras as indicações de precauções feitas por moradores locais em relação à segurança dos pesquisadores. Caso não se tratasse de pesquisadores com desenvoltura e competência para atuar em campos de pesquisa com essa característica, e não houvesse também a rede de conhecimentos pré-efetuados na área, devido à situação belicosa da atuação das facções locais,<sup>14</sup> provavelmente não teria sido possível tal investigação. Eram essas algumas das precauções que os pesquisadores costumavam escutar dos moradores: andar sempre acompanhado de morador ou alguém com intimidade com o local, utilizando, preferencialmente, as vias principais do bairro. Os pesquisadores evitaram usar o GPS ou “atalhos” para não correrem o risco de cruzar locais proibidos e arriscados.

Outra tática de grande valia foi relativa ao drible à burocracia dos postos de saúde que, por exemplo, exigiam autorização via secretaria de saúde para entrada no local. Ao perceberem os pesquisadores que os/as jovens costumavam ficar nas proximidades do carrinho de comida que havia em frente ao posto, logo ocuparam a mesma posição e os contatos seguiram-se de forma mais factível e espontânea.

Uma outra forma de facilitação do acesso ocorria da seguinte forma: quando os pesquisadores conseguiam reunir mais de três jovens em um encontro preagendado, costumavam levar um lanche para garantir a presença e torná-la mais agradável. Se a primeira atividade de campo, como uma visita marcada via interlocutores, não dava certo, os pesquisadores dirigiam-se para o CRAS ou para a praça da Granja Lisboa e abordavam os jovens que lá encontravam.

Essa pesquisa, tal qual já mencionado, foi recortada por episódios recorrentes de conflitos entre facções, conflitos com a polícia, disputas de territórios, manifestações em toda a cidade por meio de incêndios de transportes coletivos,<sup>15</sup> dentre outros, incluindo o período eleitoral de 2018. Uma das

<sup>14</sup> Esse assunto será retomado na análise dos conteúdos.

<sup>15</sup> Para saber mais sobre o episódio dos incêndios: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/08/07/em-novo-ataque-criminosos-quebram-onibus-em-fortaleza-mas-policia-evita-incendio.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

mais destacadas necessidades de precaução se refere à dissociação da identidade dos pesquisadores em relação ao Programa Ceará Pacífico,<sup>16</sup> não apenas pelo assassinato da Poeta,<sup>17</sup> uma participante do mesmo, como também por um conjunto de críticas comumente referenciadas a esse projeto por parte dos jovens. Esse tópico será devidamente analisado no relatório final. Aqui transcrevo dois diferentes trechos de diários de campo que deixam ver as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores para se movimentarem nos territórios da pesquisa e a constante condição de “suspeito” (MISSE, 2008) que dinamiza a vida dos jovens do GBJ:

Sentamos e Amarilis começou apresentando a pesquisa. A fala de Jacinto voltou-se mais para a explicação da história daquele espaço de sítio. Contou que o local leva o nome de um santo Católico porque em décadas passadas era obrigatório pela Constituição. Sobre o projeto que vem acontecendo lá com os jovens, ele disse que busca trabalhar com a garantia de direitos sociais e humanos. Segundo Jacinto, a divulgação é feita pelo “boca a boca”, o que, no entanto, custou a vida de uma jovem, conhecida como Poeta, que propagandeava a experiência como forma de tirar os meninos e meninas do tráfico. Jacinto trouxe também um relato de experiência com a polícia, que certa vez o acusou de estar “formando um antro de marginais” ali e levou os jovens de lá para a delegacia, inclusive o instrutor (Lótus).

Voltamos para a casa de Lírio. Enquanto Lisianto já estava na faculdade, fazendo Gestão Ambiental no IFCE, e tinha tido uma educação formal com bolsa numa escola particular católica, Lírio ainda era estudante do ensino médio, numa escola profissionalizante. Lisianto já tinha trabalhado como articulador do Ceará Pacífico e relatou alguns momentos de tensionamento com a equipe gestora do programa, por não concordar com práticas e discursos e por não querer vestir a camisa (literalmente) ou usar os materiais do programa. Ele era muito questionado por isso, até que sentira necessidade de sair. Lírio demonstrava ser muito articulado e desencanado na fala, um menino “ligado”. Enquanto Lisianto parecia mais sério, Lírio conseguia oscilar entre ser menino e maduro, responsável, como quem parece saber o que está fazendo na vida. A mãe dele trouxe suco e biscoitos pra gente.

Ambos os interlocutores de pesquisa criticaram o Ceará Pacífico e a polícia, como se se operasse entre eles uma condição semelhante no que tange às constantes abordagens violentas. O nível de **não confiança** atingiu, entre os interlocutores institucionais, a mesma simetria, não se projetando quase nenhuma distinção entre pacificação e repressão/violência policial. Essa percepção inicial, que emergiu já nos estudos exploratórios e nos primeiros passos da investigação, provavelmente deixou os pesquisadores atentos para a “comprovação” ou não dessas tendências.

Em geral, nas abordagens, os policiais pediam logo para ver o celular e o jovem precisava destravar o aparelho para que eles pudessem “vasculhar” as fotografias. Segundo eles, era melhor destravar logo na frente do policial; do contrário, eles exigiam ver nota fiscal, como forma de comprovar que o celular seria do jovem e não roubado. Mas quem anda com a nota fiscal do celular por aí? Quem guarda nota fiscal do celular em casa? Lírio relatou inclusive comentários maliciosos de um policial sobre as fotos da namorada de Lírio.

16 “O Pacto por um Ceará Pacífico objetiva fundamentalmente a redução dos índices criminais e o aumento da segurança da população cearense, através da implementação de ações intersetoriais e interinstitucionais que proporcionarão a construção de uma Cultura de Paz no Ceará. Essas ações englobam os aspectos da segurança pública no sentido estrito, mas não se resumem a eles e estendem-se a iniciativas voltadas à melhoria do contexto urbano, ao acolhimento às populações mais vulneráveis e ao enfrentamento à violência como um todo, a partir da atuação articulada, integrada e compartilhada dos órgãos e entidades públicas estaduais, municipais e federais, e da sociedade civil.” Disponível em: <[https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/CP\\_Livro3\\_Ceara%CC%81-Pacif%CC%81fco-em-Ac%CC%A7a%CC%83o.pdf](https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/CP_Livro3_Ceara%CC%81-Pacif%CC%81fco-em-Ac%CC%A7a%CC%83o.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2018.

17 Cristina Poeta fazia parte do Programa Ceará Pacífico e, de acordo com o que se diz na maior parte das notícias, sua morte tem vinculações com sua participação nesse programa, tendo sido executada por membros de uma facção de atuação local. Diz uma das notícias: “A credibilidade de Cristina Poeta na comunidade do Genibaú e a qualidade de seu trabalho em conscientizar os jovens através do cordel chamava a atenção de todos, inclusive, da facção criminosa presente na região. Até que Cristina foi procurada pelo ‘Pacto por um Ceará Pacífico’, programa estadual que envolve seguimentos governamentais e sociedade civil (no caso dela, liderança comunitária) para definir políticas de segurança pública. A corda sempre rebenta para o lado mais vulnerável e Cristina Poeta, moradora da área, teve a vida ceifada de forma tão trágica pela barbárie que acomete as periferias.” Ver mais detalhes em: <<https://inverta.org/jornal/edicao-impressa/494/social/quem-matou-cristina-poeta>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Os diários de campo ressaltam, recorrentemente, a incidência de episódios de disputa, violência e medo na comunidade, tal qual algumas passagens registradas:

Só conseguimos voltar a campo no dia 9 de agosto, pois nos dias anteriores ouvimos de articuladores recomendação de não ir a campo naquele período. Ônibus haviam sido incendiados em Fortaleza e a polícia estava sempre nos territórios atrás de suspeitos. Assim, o momento estava sendo considerado tenso no bairro.

Havíamos combinado de ir ao sarau do reggae roots na quarta-feira, 15 de agosto, na praça do Canindézinho. Mesmo sendo feriado por ser dia da padroeira de Fortaleza, optamos por ir, pois já estava na metade do mês e ainda tínhamos pouquíssimos questionários aplicados. No entanto, quando nos encontramos no shopping Benfica para seguirmos juntos para a praça, Amarilis recebeu a informação de que o evento havia sido cancelado em função da ameaça de chacina. Ela recebeu de um dos contatos que nos receberia no local um print da informação do cancelamento do evento na página do Facebook.

No caminho, ainda no GBJ, percebemos que haviam escrito "CV" com os dedos no vidro traseiro do carro de Amarilis e paramos para apagar. Ainda no caminho, recebemos uma ligação de Bromélia, que estava preocupada com a gente, pois havia ocorrido uma perseguição policial na área em que estávamos. Ela contou que haviam assassinado dois policiais na vila Manoel Sátiro e que os suspeitos teriam fugido para o Bom Jardim sendo seguidos por policiais.

Pode-se denominar esse trabalho de campo como sendo operado num campo descontínuo e, potencialmente, passível de deslocamento e adaptação, tanto em direção a outros locais como na busca de outros sujeitos, tendo em vista as peculiaridades aqui destacadas que marcam o dia a dia do GBJ.

## ACESSO AOS JOVENS NEM-NEM E NEM-NEM-NEM: PRINCIPAL GARGALO

Embora o número de jovens sob o perfil "nem-nem-nem" seja expressivo no Grande Bom Jardim, o acesso aos mesmos não se deu de forma imediata, nem fácil. A equipe de pesquisa, por entender que era "delicado" abordar alguém na rua e perguntar se ele era "nem-nem", utilizou como primeira estratégia, como destacado, contar com a mediação de educadores sociais, participantes de projetos, líderes comunitários, articuladores e outros profissionais que atuam no território e que já identificavam suas práticas com o perfil da pesquisa. Essa estratégia se mostrou válida, porém não operou o efeito desejado no campo. Desse modo, no início, em um dia extensivo de trabalho, a equipe saía do Bom Jardim com no máximo três questionários aplicados.

Em um segundo momento, o grupo começou a abordar os jovens em espaços de trânsito, postos de saúde, Centros de Referência em Serviço Social e praças. Com esta abordagem, o campo fluiu e o grupo de pesquisadores conseguiu conversar com mais jovens. De maneira geral, a receptividade foi boa, poucos jovens abordados se negaram a responder e a aplicação do questionário, no geral, acontecia sem intercorrências, dúvidas ou entraves. Em resumo, a operacionalização dos questionários aconteceu de maneira tranquila. Chegar até os sujeitos é que se tornou o grande desafio, especialmente no que tange às jovens do sexo feminino, mais restritas ao ambiente doméstico. Para facilitar esse acesso, a equipe de pesquisadores contou com o auxílio de agentes comunitárias de saúde e de uma moradora, também ex-agente de saúde, proprietária de uma biblioteca livre e que tinha destacada atuação na comunidade.

Com uma tipologia prévia, identificamos o que denominamos de perfis médios e extremos entre os jovens "nem-nem-nem". Os perfis médios femininos compreendem mulheres jovens que deixaram

a escola e o trabalho por motivo de gravidez e/ou tiveram filhos. O perfil médio masculino é relativo àquele que perdeu o interesse pela escola, começou a ter muitas faltas e acabou perdendo a matrícula ou o que deixou a escola porque precisou trabalhar para ajudar a família. Entre os perfis extremos, no caso do masculino, estão os jovens ameaçados por facções ou os "envolvidos", tal qual a designação nativa, e que passam a trabalhar para o tráfico e/ou entram nas facções. Os perfis extremos femininos se caracterizam por jovens que tiveram vários direitos violados, foram abusadas ou deixaram a escola para morar junto com o companheiro ou propriamente casar-se.

## GRUPOS FOCAIS

Entre as metodologias qualitativas utilizadas nas pesquisas sociais existem diversas técnicas de coletas de dados que priorizam o contato face a face, entre elas o grupo focal, que se caracteriza por produzir informações por meio da discussão em grupo de tópicos ou assuntos específicos ao tema da pesquisa. É possível dizer que essa estratégia metodológica ocupa um lugar intermediário entre a observação participante e a entrevista de profundidade.

No planejamento e execução de um grupo focal importa levar em consideração o local onde o encontro será realizado, a composição dos membros e a postura do moderador, pois todos esses elementos influenciam os resultados das informações engendradas no grupo. Segundo Gondim (2003, p. 153):

O ponto de partida para se levar a termo um projeto de pesquisa que esteja apoiado no uso de grupos focais é a clareza de propósito. As decisões metodológicas dependem dos objetivos traçados. Isto irá influenciar na composição dos grupos, no número de elementos, na homogeneidade ou heterogeneidade dos participantes (cultura, idade, gênero, status social etc.), no recurso tecnológico empregado (face a face ou mediados por tecnologias de informação), na decisão dos locais de realização (naturais, contexto onde ocorre, ou artificiais, realizados em laboratórios), nas características que o moderador venha a assumir (diretividade ou não-diretividade) e no tipo de análise dos resultados (de processos e de conteúdo: oposições, convergências, temas centrais de argumentação intra e intergrupais, análises de discurso, linguísticas etc.).

No âmbito desta pesquisa, a utilização do grupo focal foi combinada a outros métodos de coleta de informações, tais como aplicação de questionário, observação participante, entrevistas em profundidade para descrição de histórias de vida e anotações em diário de todas as etapas e idas ao campo.

Foram realizados quatro grupos focais, dois para cada gênero, em diferentes espaços e bairros do Grande Bom Jardim, recorte geográfico da pesquisa, durante os meses de setembro e outubro de 2018. A faixa etária dos participantes seguiu o recorte etário da pesquisa, compreendendo jovens de 15 a 29 anos, e teve no total a participação de vinte (20) jovens, entre eles alguns que participaram da etapa anterior, a aplicação dos questionários. Consideramos que, metodologicamente, seria interessante incluir um mesmo jovem nestas duas etapas, pois seria uma oportunidade de aprofundar temas e questões que o questionário não possibilitava.

Um grupo focal feminino aconteceu na sede do Instituição Outono, localizada na ocupação conhecida como Comunidade Jardim, dentro do bairro Canindezinho. O outro grupo com jovens do gênero feminino ocorreu no Instituição Verão, localizado no Parque Santa Cecília na Granja Lisboa, com jovens que vivenciam a maternidade. Os encontros para os grupos focais masculinos aconteceram no espaço da Instituição Inverno ou Casa do Jacinto, como é chamada pelos sujeitos do campo. A casa localiza-se no Bom Jardim. Importa salientar que um grupo focal com jovens do gênero masculino marcado no Instituição Verão não aconteceu por falta de participantes para a realização da conversa e outro grupo focal que chegou

a acontecer teve que ser desconsiderado para fins da pesquisa, pois os participantes estavam fora do perfil. Os relatos e mais detalhes dos grupos focais serão descritos a seguir.

A condução da conversa nos grupos buscou seguir o mesmo roteiro nas três situações, dando espaço para a espontaneidade dos assuntos que na ocasião surgiam por iniciativa dos participantes. Começávamos com uma breve apresentação da pesquisa e com a descrição dos objetivos, das regras e das expectativas do grupo focal. Em seguida, dava-se início à conversa a partir da pergunta “em uma palavra, o que acham de...” atrelada aos temas geradores da pesquisa: família, escola, trabalho, sonhos, bairro, cidade etc. Ao final, era oferecido um lanche com bolos, biscoitos e sucos aos jovens que participaram do grupo focal. Abaixo, apresentamos o roteiro orientador das conversas nos grupos focais, ressaltando seu caráter aberto e dialógico:

Questões da pesquisa	Tópicos para discussão
Introdução e abertura do grupo focal	Agradecer a presença de todos.
	Explicar de forma clara os objetivos do grupo focal (GF) e da pesquisa.
	Informar as regras básicas do GF: 1) não existe opinião certa ou errada, expressem a opinião de vocês; 2) falar um de cada vez; 3) evitar centralizar a conversa etc.
Apresentações	Solicitar que todos façam uma apresentação breve: nome, idade, bairro em que moram.
Família	Solicitar que todos falem de suas famílias, com quem moram, como é a convivência, o que acham dos parentes etc.
Escola	Solicitar que descrevam como era a escola em que estudaram, em que série/ano abandonaram a escola e o porquê de terem evadido.
Trabalho/Trampo	Solicitar que comentem situações de trabalho que vivenciaram e procurar fazer link com habilidades pessoais, atividades que sabem/podem desenvolver como um possível trabalho ou trampo.
Bairro/Cidade	Conversar sobre os locais do bairro que gostam de frequentar, quais os problemas e vantagens de morar no Grande Bom Jardim e quais os locais que frequentam fora do bairro de domicílio.
Sonhos/Expectativas	Solicitar que os participantes descrevam como enxergam suas vidas no futuro, que sonhos constroem e que expectativas possuem em relação às suas vidas.
Outras questões	Dar espaço para assuntos/temas que surgiram a partir da dinâmica do próprio grupo.

As conversas no grupo procuravam abordar as vivências relacionadas as experiências juvenis, ou seja, como eles avaliavam sua autoimagem com o intuito de perscrutar a “condição de jovem”, suas habilidades pessoais e as interações destes com a família, a escola, mundo do trabalho, espaços do bairro e da cidade etc. A conversa no grupo também buscou perfilar os sonhos e as expectativas de futuro dos jovens que abandonaram a escola e que estão fora do mercado de trabalho e quais experiências de *trampo*<sup>18</sup> pontuam seus fazeres e práticas.

Outros temas que se sobressaíram nas conversas dos grupos foram relativos à violência policial, particularmente no que diz respeito à trajetória masculina. Não raros foram os relatos de murros, socos, pontapés e coronhadas desferidas por policiais nas abordagens aos jovens, independente do perfil de "suspeição" que os mesmos possam ter.

A "cultura do medo" demonstrou ter uma influência na relação dos jovens com os espaços públicos da cidade e do próprio bairro. A percepção que estes atores constroem de si mesmos transita principalmente entre família, educação e trabalho. Embora endossem as estatísticas da evasão escolar, os jovens valorizam em suas falas a escola e a educação como meios de "ser alguém na vida". As expectativas de construir uma família e encontrar alguém para casar foram recorrentes.

A reunião dos jovens para participar dos grupos focais se constituiu em um intenso desafio. Desde a fase anterior, da aplicação dos questionários no que tange ao acesso aos jovens identificados nas variáveis correlatas ao perfil "nem-nem" e "nem-nem-nem", a tarefa árdua de chegar até esses sujeitos se deu devido principalmente à vulnerabilidade do território: a atuação das facções e os casos de violência e criminalidade exigiam atenção na movimentação pelos bairros, bem como cautela na abordagem aos jovens. Os pesquisadores foram aconselhados pelos sujeitos (educadores, agentes de saúde, assistentes sociais etc.) que atuam no Grande Bom Jardim a tomar várias medidas de precaução, dentre elas não usar roupas com cores que pudessem ser associadas às facções e andar com os vidros do carro baixo para que pudéssemos ser avistados de dentro do veículo. Dadas as circunstâncias de restrição à circulação de jovens entre ruas e recortes do bairro comandadas por facções rivais, a reunião de participantes para os grupos tinha que levar em consideração a possibilidade ou o risco de jovens serem agrupados em um mesmo espaço. Um sujeito da área x não poderia estar junto com um morador da área y, por exemplo.

Nesse sentido, para o recrutamento dos participantes foi necessário recorrer aos interlocutores do campo com os quais estabelecemos contato na fase da aplicação dos questionários. Os educadores sociais do Projeto Sementes, Perpétua, Lótus e Lisianto, a assistente social do Instituição Primavera, Petúnia, a agente comunitária de saúde, Liduina, e a proprietária do Instituição Verão Raimundo Ferreira Tulipa atuaram como recrutadores, convidando os jovens para participar dos grupos, bem como estiveram presentes quando os grupos aconteceram, atuando como auxiliares e interlocutores das rodas de conversa.

## ○ PLANO AMOSTRAL

O Grande Bom Jardim contém 146.606 jovens na faixa etária de 15 a 29 anos. Considera-se que 22,5% (32.986,35) desses jovens estariam situados na faixa "nem, nem". Desse universo, 14,4% estariam inscritos na faixa "nem, nem, nem". Vale ressaltar que as mulheres se projetam, ocupando a equação de 2/3 em relação aos homens. A amostragem estratificada entre gênero e faixa etária, a ser utilizada na pesquisa quantitativa (com perguntas abertas e fechadas), seria então de 0,71%, perfazendo um total de 150 pesquisados (100 mulheres e 50 homens).

Os locais pesquisados foram os seguintes, levando-se em conta as proporções e os "pesos" amostrais:

**BAIRROS**

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Bom Jardim	41	50,6	39	57,4	53,3%
Canindezinho	1	1,2	8	11,8	6%
Grande Bom Jardim	10	12,3	2	2,9	8%
Granja Lisboa	19	23,5	12	17,6	20,6%
Granja Portugal	5	6,2	5	7,4	6,6%
Jardim Jatobá	1	1,2	0	0	0,6%
Santa Cecília	1	1,2	0	0	0,6%
Santo Amaro	3	3,7	1	1,5	2,6%
São Vicente	0	0	1	1,5	0,6%

### GRUPO FOCAL FEMININO – SEDE DO INSTITUIÇÃO OUTONO – 27 DE SETEMBRO

O grupo foi articulado pela educadora do Projeto Sementes, de nome Perpétua, e pela assistente social do Instituição Primavera, Petúnia, e aconteceu na sede do Instituição Outono. O Instituição Outono está localizado na ocupação conhecida como Comunidade Jardim, no bairro Canindezinho. Chega-se ao Instituição Outono por uma viela cujo espaço só possibilita que um carro passe por vez. A pavimentação é de terra. Não há asfalto ou calçamento e muito menos calçadas. Na entrada da rua, pizações (ver imagens em anexo) avisam que ali é território de facções e quem chega de moto deve tirar o capacete e quem entra de carro deve baixar os vidros. Há também uma advertência de que é proibido roubar naquela área. O Instituição Outono tem um portão que dá direto para a rua e este permanece aberto quando há atividades no espaço. Dessa forma, quem está fora pode enxergar tudo o que acontece dentro.

O portão se abre para um salão com ventiladores, a partir do qual é possível acessar as salas, os banheiros e a cozinha do espaço. No dia do grupo focal, o Instituição Outono era sede de um curso de maquiagem promovido pela Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS) do governo do estado. O espaço já tinha sido visitado para aplicação dos questionários e a maioria das jovens convidadas para o grupo focal tinha respondido ao questionário da pesquisa “nem-nem”.

Ao término da aula, sete (7) jovens de idade de 19 a 29 anos agruparam-se em círculo em um canto do salão e demos início à conversa do grupo focal. Entre as jovens, havia um homem trans, que portava códigos de vestimenta e aparência masculina. Ao pedir que as participantes se apresentassem, em um primeiro momento, ele disse se chamar Hibisco. Houve risos e interferências das outras participantes e ele então citou seu nome de registro civil: Begônia. Relatou uma situação de violência policial que sofreu, segundo o mesmo, motivado pelo fato de se “vestir como homem”.

Não foi possível usar uma das duas salas que o Instituição Outono dispõe, pois, segundo a professora de maquiagem responsável pelo espaço na ocasião, as salas eram muito quentes e não tinham ventilador. Outras pessoas permaneceram no espaço e o fato de o portão ficar aberto para a rua dificultou que o grupo

acontecesse em um espaço ideal de silêncio e concentração. Algumas vezes os pesquisadores foram interrompidos por barulho de carro de som ou pela conversa das outras pessoas que permaneciam no salão do Instituto Outono. As opções eram aceitar essas condições ou ter ainda mais dificuldades em articular um grupo focal em outro local, data e horário. Foi necessário se adaptar a essas dificuldades e dar prosseguimento à conversa em grupo.

As jovens declararam que interromperam os estudos por motivos diversos; entre os mais recorrentes estão gravidez, casamento e falta de interesse. Uma das participantes do grupo começou a faculdade de história no Maranhão, mas teve que voltar para cuidar de uma pessoa doente no Ceará. Ela foi apontada pelas colegas como sendo muito inteligente e foi possível perceber a admiração das demais por este fato. Destacaram-se as opiniões das jovens sobre trabalho, cursos e formação profissional. Para uma das jovens, conseguir emprego é uma questão de ter experiência, pois mesmo com baixa escolaridade ela acredita que é possível trabalhar. As jovens comentaram também suas impressões sobre o bairro e a cidade que podem ser melhor percebidas na transcrição da conversa do grupo.

### GRUPO FOCAL MASCULINO – INSTITUIÇÃO VERÃO – 28 DE SETEMBRO

O segundo grupo foi articulado junto com Crisântemo, estudante de geografia e barbeiro (ele tem um salão em casa), filho de Tulipa, a proprietária do Instituto Verão. Os jovens com quem aplicamos os questionários na primeira fase frequentam o espaço e são amigos de Crisântemo. Ele e a mãe auxiliaram no recrutamento dos jovens, além de disponibilizarem o espaço para a realização da roda de conversa.

O Quintal situa-se nos fundos da casa de Tulipa. Não há um acesso independente a este espaço e é necessário passar pelos cômodos da casa para chegar até lá. O quintal tem forma retangular e no fundo há um palco coberto onde estão as estantes de livros da biblioteca livre. Nas paredes há pinturas de rostos de escritores e outros artistas como Tim Maia e Clarice Lispector.

No dia e horário combinados com os pesquisadores, apenas dois jovens apareceram para participar do grupo. Eles tentaram entrar em contato com os demais, mas eles justificaram que naquele dia apareceram alguns “tramos” para os quais eles não podiam faltar. Conta a mediadora que, no final, “Tulipa me acompanhou até a casa de Antúrio, um dos jovens convidados, a fim de ver com ele a possibilidade de organizar outro grupo em data e horário posterior. Senti-me frustrada e pensei que o campo a todo tempo lembra que nem todo dia é dia de pesquisador”.

A pesquisa vai mostrando que não há como tentar controlar em absoluto as dinâmicas da vida cotidiana. O tempo dos sujeitos e o tempo da pesquisa divergem e cabe ao pesquisador ir se adaptando às intempéries à medida que elas vão surgindo. Não foi possível se certificar de que os jovens diziam a verdade, e nem se trata disso; no entanto, pareceu ser uma pista interessante pelo fato de justificarem a falta em uma roda de conversa sobre trabalho e escola com um “trampo” que afirmam terem “arrumado” para aquele dia.

### GRUPO FOCAL MASCULINO REMARCADO NA INSTITUIÇÃO VERÃO – 5 DE OUTUBRO

Reproduzimos um diário de campo da pesquisadora/mediadora dos grupos focais Amarílis:

Conseguimos com a ajuda de Antúrio, Crisântemo e Tulipa marcar um novo grupo focal com jovens do sexo masculino no Instituto Verão, dessa vez com sujeitos que não foram convidados na primeira oportunidade. No entanto, ao darmos início às apresentações, os jovens comentaram que estavam frequentando a escola. Por questões éticas e práticas da pesquisa não interrompemos o grupo e demos continuidade. No entanto, o grupo teve que ser desconsiderado para fins da pesquisa, por se tratar de jovens fora do perfil “nem-nem”.

### GRUPO FOCAL MASCULINO – INSTITUIÇÃO INVERNO (CASA DO JACINTO) – 5 DE OUTUBRO

Com a ajuda de Lótus, educador social do Projeto Sementes, os pesquisadores conseguiram agendar um grupo focal com jovens do gênero masculino na Casa de Jacinto. Este foi um local visitado várias vezes ao longo da fase de aplicação dos questionários, pois lá era sede de oficinas e cursos do referido projeto. Vale ressaltar que entre os participantes havia jovens “nem-nem”. A casa localiza-se no Bom Jardim, próximo a uma sede da UPA. O acesso se dá por um portão que permanece trancado. Ao passar pelo portão, percorre-se um corredor no qual se tem acesso a salas que funcionam como escritório e depósito e ao fim do corredor há um salão onde aconteciam as aulas do projeto. Foi neste espaço que aconteceu a conversa em grupo.

O grupo contou com a participação de seis (6) jovens e teve a interlocução e apoio de Petúnia, assistente social do CDVHS. Destacaram-se na conversa os relatos de violência policial sofridos pelos jovens e as estratégias que adotam para minimizar os abusos durante essas abordagens, tais como não olhar diretamente nos olhos do policial, andar portando documentos e evitar transitar pelo bairro desacompanhado.

### GRUPO FOCAL FEMININO – INSTITUIÇÃO VERÃO – 15 DE OUTUBRO

O segundo grupo focal com jovens do gênero feminino contou com a ajuda da agente de saúde Liduina no recrutamento das jovens e na execução do grupo. Ela auxiliou com a disposição de mesas e cadeiras pelo espaço e no momento de servir o lanche oferecido ao final.

Este grupo aconteceu no Instituição Verão, descrito anteriormente. As quatro (4) participantes eram mães e levaram suas filhas para a roda de conversa. Outras jovens foram convidadas, mas não puderam comparecer. Em alguns momentos, a demanda por atenção por parte das crianças dificultou o prosseguimento das falas das jovens. Nessas situações a mediadora do grupo interrompia a conversa e, após a demanda ser atendida, dava prosseguimento ao grupo.

### GRUPO FOCAL MASCULINO – INSTITUIÇÃO INVERNO (CASA DO JACINTO) – 19 DE OUTUBRO

Com a intermediação de Lisianto, outro educador do Projeto Sementes, foi articulado mais um grupo focal com jovens do gênero masculino, novamente na Casa do Jacinto. Este grupo contou com três (3) participantes, pois o restante dos jovens convidados estava com temor de sair de casa devido a uma ocorrência do dia anterior. Segundo o que foi relatado por um participante que foi entrevistado pela equipe quando da aplicação dos questionários, um jovem foi pego pela polícia pilotando uma moto sem carteira. Foi assim o rapaz apreendido junto com a moto, diz que “apanhou da polícia” e foi levado para a delegacia onde encontrava-se preso nos dias que se seguiram o episódio. O fato aconteceu na rua em que alguns participantes do grupo moram e, segundo eles, isso deixou alguns colegas amedrontados.

A participação dos jovens no grupo focal foi satisfatória e trouxe alguns temas pertinentes para a compreensão de aspectos subjetivos que marcam a condição dos jovens “nem-nem” e “nem-nem-nem”. Dentre elas, destaca-se o papel da escola e, conseqüentemente, da educação na trajetória juvenil, bem como a intersecção de outros referenciais como família, trabalho, filhos, sonhos e projetos de vida. Outro ponto instigante foi a percepção e os relatos dos jovens quanto à vivência de situações de violência e abuso de poder policial e os usos e contra-usos que fazem dos espaços da cidade e do bairro.

## HISTÓRIAS DE VIDA

O método de história de vida é comumente usado em abordagens qualitativas como se colocando na condição de caso representativo de uma situação coletiva. O relato de uma trajetória individual pode auxiliar nas conexões das microrrelações sociais com dimensões da macroanálise. Vale ressaltar, como alude Queiroz (1988, p. 21), que muito embora “o pesquisador sub-repticiamente dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador”.

Tal abordagem baseia-se na “premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 120). O método de história de vida possibilita que o sujeito reconstrua suas trajetórias, memórias e opiniões a respeito dos fatos que aconteceram na sua vida.

Na pesquisa “nem-nem” foram relatadas as trajetórias de vida de três jovens. Além das entrevistas em profundidade, estabeleceram-se conversas informais com os sujeitos cujas vidas são retratadas nas histórias. Foram escolhidos “casos exemplares” da representatividade dos perfis de jovens “nem-nem” com os quais tivemos contato durante a pesquisa de campo. Nesse sentido, relatou-se a história de duas jovens do gênero feminino e um do gênero masculino, seguindo a amostra da pesquisa logo abaixo apresentada.

A. tem 22 anos, é mãe de três filhos e deixou de estudar no primeiro ano do ensino médio. É moradora do Bom Jardim, reside com o namorado e gosta de fotografia. Fez cursos na área e, por vezes, “arranja tramos” de fotógrafa. Os pesquisadores conheceram a jovem no Instituição Verão e foi neste local que a encontraram para as entrevistas e conversas.

M. tem 25 anos e deixou a escola ainda no ensino fundamental. Estudou até o oitavo ano. Passou por diversos abrigos e famílias adotivas antes de se casar. É mãe de quatro filhos e está tentando montar um churrasquinho para vender na rua. O pesquisador conversou com M. em sua residência.

C. tem 16 anos, mas o corpo franzino aparenta ter menos. A predileção por brincadeiras, jogos de futebol e video game parece retardar a entrada do rapaz na adolescência. C. abandonou a escola no oitavo ano do ensino fundamental, após seu tio ser assassinado por uma facção rival. Ele diz que ficou com medo, pois sua escola ficava em um território “inimigo”. O grupo teve contato com C. no Projeto Folhas e era neste local que costumam conversar e construir a linha de sua trajetória

PARTE DOIS

# HISTÓRIAS DE VIDA





## **C., 16 ANOS, ESTUDOU ATÉ O SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO TRABALHA**

O corpo franzino de C. desmente a idade que possui. Aos 16 anos, o rapaz parece retardar a entrada na adolescência: gosta de brincar, praticar esportes e jogar *free fire*<sup>19</sup> no celular. Nós o conhecemos no Projeto Folhas, localizado no Parque Santa Cecília, na Granja Lisboa. Sua história chamou atenção, porque o pastor responsável pelo projeto comentou que ele passava o dia por lá, não tinha faltas e era o primeiro a chegar quando o projeto abria os portões. Embora a exigência para que os jovens frequentem o projeto é que estejam matriculados na escola, C. não está estudando desde o primeiro semestre deste ano. Com medo de ser morto pelas facções, abandonou o sétimo ano do ensino fundamental. Ele comenta que não foi ameaçado diretamente, mas viu seus colegas serem e se assustou: “esse negócio de facção todo dia mata um”, comentou, e C. achou melhor não arriscar.

Ainda segundo o pastor<sup>20</sup>, muitos jovens usam a desculpa das facções para não irem mais à escola. Quando comentamos a veracidade ou não das informações e justificativas para C. ter abandonado a escola, o pastor diz que prefere acreditar, já que um parente de C. foi assassinado recentemente em uma discussão de bar.

A avó, responsável pelo menino, também ficou assustada e aceitou que ele deixasse a escola com medo de pôr a vida do jovem em risco. A escola de C. fica em um território comandado pela facção rival à que gerencia a região em que mora. O trânsito entre espaços rivais tornou-se arriscado para todos os moradores, além de ter “envolvidos” dentro da própria escola. Ao explicar como é a dinâmica de relacionamento com as facções, C. comenta que é ruim não poder andar por onde quer, porque, se a pessoa não for conhecida no território, o envolvido tira uma foto, compartilha no grupo de Whatsapp e se alguém comentar que o conhece, é liberado; caso contrário, é apagado sem direito de defesa.

C. conta que morou no bairro desde pequeno e vive em uma casa humilde. Além da sua residência, no quintal há mais duas casas, onde moram seus tios e primos. A mãe de C. reside próximo. Participou do Projeto Folhas pela primeira vez quando tinha cinco anos. Teve que sair porque acordava tarde, faltava ou chegava atrasado e isso fez com que perdesse a vaga. Retornou este ano quando, ao abandonar a escola, “ficou sem fazer nada”. O pastor aceitou sua presença, pois, segundo este, estar no espaço do projeto é uma estratégia de tirar os jovens ociosos das ruas e evitar que se tornem “envolvidos”.

Quando C. deixou de frequentar a escola municipal Lireda Facó, a instituição informou aos responsáveis, via ligação telefônica, das numerosas faltas do aluno, mas nada foi feito para tentar reintegrar o jovem. Nenhuma visita, reunião ou conversa. Os responsáveis por C. também não procuraram a instituição. Na sua opinião, a escola era boa e os professores eram atenciosos, mas sentia que faltava algo que o capturasse, prendesse sua atenção. Repetente, C. disse estar cansado de ver

19 Jogo de celular que simular uma arena de guerra e que é moda entre os jovens. Ouvimos várias vezes em campo referências a este jogo.

20 Em conversas informais, o Junquillo comenta sobre a relação do projeto com a dinâmica da violência no bairro. Os eventos ligados às facções está interferindo na evasão dos participantes do Projeto Folhas, ocasionadas em muitos casos pelas brigas das facções e interferências do tráfico na dinâmica do bairro: os jovens e seus familiares ficam com medo de sair de casa. Por essa razão, as visitas domiciliares têm se intensificado. Tem jovens envolvidos no projeto e com estes procura conversar, aconselhar, mesmo sendo alertado que não deve falar mal das facções. Há também entre os alunos do projeto, jovens “envolvidos”. Para estes, o pastor diz que não cobra assiduidade como dos outros, pois teme que a presença deles na sede do projeto coloque a vida das outras crianças e jovens em risco caso venha a acontecer um possível acerto de contas.

os mesmos assuntos na sala de aula. Em uma das vezes que repetiu, C. foi transferido para o turno da noite. A princípio estranhou, mas depois se acostumou e achou até melhor, pois assim poderia passar o dia na rua, jogando e brincando. Ele conta que era bagunceiro, desrespeitava colegas e professores e, até ser ameaçado pelo irmão de um colega, “vivia brigando” na escola.

Percebe-se em sua fala que já havia uma desmotivação para continuar estudando: distorção idade-série, turno noturno, repetência, desinteresse pelas matérias e disciplinas que, somadas aos eventos violentos atribuídos as facções, corroboraram para que C. abandonasse a escola. Ele comenta que já tinha avisado a avó que deixaria de estudar.

Ao falar de sua rotina, C. conta que ia para o colégio e quando voltava ficava em casa ou ia pra rua brincar com os amigos. Revela que gosta de jogar bola (futebol) e se pudesse passaria 24h fazendo isso. Enquanto conversávamos, fomos continuamente interrompidos por outros jovens que chamavam C. para jogar. Um professor observa que C. é bom jogador e por isso sua presença é concorrida nos jogos que acontecem na quadra do Projeto. Ao deixar de ir pra escola, passou a ficar o dia em casa “sem fazer nada”, nas suas palavras. Um colega que frequentava o projeto o chamou para acompanhá-lo em uma aula de jiu-jitsu. C. se empolgou com a luta e nesse mesmo dia falou com o pastor, que o autorizou a retornar as atividades do projeto.

Pelo bairro, costuma frequentar a pracinha do Santa Cecília e a Areninha recém construída. Pouco sai da região do Grande Bom Jardim e revela desconhecer outros bairros e locais da cidade. Seu primeiro *trampo* foi em uma oficina de bicicletas, na qual trabalhava como “faz tudo”.

C. não deixou claro se pretende voltar a estudar, mas disse sentir falta dos colegas e da atenção de alguns professores com quem conversava. Seu plano para o futuro envolve trabalhar para ajudar a família a ter uma vida melhor. Sua profissão dos sonhos: ser jogador de futebol!

### **M., 25 ANOS, ESTUDOU ATÉ O OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ESTÁ TENTANDO ABRIR UM CHURRASQUINHO**

Conhecemos M. nos primeiros momentos de aplicação do questionário. Chegamos até ela por indicação de outra entrevistada, sua vizinha na vila localizada em uma rua de terra, sem saneamento ou pavimentação, cercada de terrenos baldios em um local do bairro Bom Jardim mais conhecido por Conjunto Palmares que faz limite com o município de Caucaia. Nas paredes em frente à Vila, pixações informam que ali é território do Comando Vermelho.

Conversar com ela é disputar a atenção e as demandas de seus quatro filhos: a mais velha tem sete anos, o segundo sete, a terceira três e o mais novo está com nove meses. Em algumas visitas conversávamos na porta de sua casa mesmo, em pé e dando pausas para as interrupções das crianças pequenas e dos outros moradores da vila. Em uma ocasião fomos convidados a entrar em sua casa e a conversa aconteceu na sala contígua ao espaço exterior. A sala possui um conjunto de sofá de dois e três lugares e um móvel com TV e *modem* para internet. Nenhum quadro ou foto pendurada na parede. Chamou atenção o único livro no móvel da TV: *Lira dos vinte anos*, de Álvaro de Azevedo.

Com 25 anos, M. estudou até o oitavo ano. Perdeu as contas de quantas vezes tentou voltar pra escola, matriculando-se no EJA (educação de jovens e adultos), mas as gravidezes, as situações de abuso e as mudanças de endereço dificultaram a continuidade dos estudos.

Sobre sua infância, ela conta que deu muito trabalho e era "danada, aprontava demais". Quando questionada sobre o que ela fazia nestas "dاناções", M. se esgueirava e sem dar mais detalhes apenas respondia que eram "coisas erradas". Ela justifica que por esse motivo foi mandada para abrigos pelo pai que a criou. Foi ele quem a trouxe ainda pequena de Ipueiras, cidade do interior cearense na qual M. nasceu. Veio morar junto com a madrasta que, segundo M., batia nela com muita frequência. Em algumas conversas, M. comentou que foi abusada pelo pai na infância e que isso a fez se revoltar, mas que perdoou o pai e atualmente se dá bem com ele. Quando estava no abrigo, fugia frequentemente para a casa da mãe. De uma das vezes que fugiu, a mãe aceitou ficar com ela e M. passou a morar em uma favela na Messejana. Nessas idas e vindas, abandonou a escola ainda no ensino fundamental, no oitavo ano.

Na casa da mãe conheceu o primeiro marido, pai da filha mais velha. Passaram cinco anos juntos até ela descobrir suas infidelidades e pôr fim ao relacionamento. Ele não queria ter filhos e M. tinha dificuldades em engravidar. Procurou o Gonzaguinha da Messejana e lá fez "tratamento" por dois anos.

A primeira gravidez foi de risco e M. conta que passou os nove meses sangrando, em repouso e sentindo dor. Foi a primeira das quatro cesáreas que teve e compartilha que todos os seus filhos, quando bebês, tiveram problemas de intolerância à lactose, o que a fez passar por vários aperteiros até descobrir o diagnóstico: crianças com infecções frequentes, dificuldades para conseguir o leite adequado, restrições em sua alimentação quando amamentava. Para o filho mais novo, ela entrou recentemente na fila de espera do posto de saúde para receber o leite que o governo distribui gratuitamente para as crianças intolerantes a lactose.

Quando se separou do primeiro marido, voltou para a casa da mãe e passou a ser usuária de drogas. Um amigo, sensibilizado com sua situação, arranjou um emprego para ela de faxineira em um antiquário de 23 cômodos. O trabalho exigia que morasse no emprego. M. deixou a filha aos cuidados da avó paterna e passou mais de três anos trabalhando, estudando e morando no local de trabalho. De quinze em quinze dias ia visitar a filha. Conheceu o pai dos dois filhos do meio nessa época. Ele morava nas imediações do antiquário e no início sua patroa foi contra o namoro, mas mesmo assim M. passou a morar junto com o namorado e três meses depois engravidou do segundo filho. O casal teve dificuldades financeiras e se mudou para a casa dos sogros. M. conta que era um "inferno": casa lotada de gente, humilhações por parte dos sogros e outros familiares do marido. Veio a segunda gravidez e ela teve que continuar trabalhando, pois o companheiro ficou desempregado. Ela conta que não tem sorte com os companheiros que arranja. Todos eram preguiçosos para trabalhar.

Abandonou o segundo marido e foi morar com os dois filhos do segundo casamento em um apartamento do pai na Granja Lisboa. Foi um período de muitas dificuldades, passou fome e narrou que cozinhava com álcool em um forno improvisado, porque não possuía fogão em casa. Ela conta que o pai das crianças não a ajudava e só a procurava quando queria ter relações com ela, o que a deixou com raiva. M. diz que não estava dando conta e decidiu voltar para a casa da mãe, pois lá não passaria necessidade. Segundo ela, o padrasto era muito trabalhador, vendia picolé e se esforçava para não deixar faltar nada em casa.

Ela estava arrumando suas coisas para se mudar quando o pai chegou no apartamento para lhe dar uma má notícia. Ela conta que quando o viu sentiu que algo estava errado. Ele vinha trazendo a notícia que de a mãe tinha falecido. Alcoólatra, a mãe de M. caiu em uma fossa quando embriagada e se afogou em meio a lama e fezes. Com muita dificuldade, M. e os irmãos conseguiram uma vaquinha para pagar o velório da mãe e a enterraram no cemitério do Bom Jardim.

Mesmo com o falecimento materno, M. não abandonou a ideia de se mudar para a favela onde a mãe morava. Ficou lá até conhecer o dono da Vila em que mora atualmente. Ele alugou uma casa para ela e botou uma marmitaria para M. trabalhar. Ela revelou, em tom de segredo, pois sua voz abaixava quando falava desse assunto, que teve um envolvimento amoroso com o dono da vila. Ela não paga o aluguel integral. O proprietário fica com seu cartão do Bolsa Família, no qual recebe o equivalente a quatro benefícios e em troca atua como uma espécie de síndico no lugar. Para M. é justo que ele tenha posse do cartão, pois se fosse para pagar o aluguel "de verdade" ela não teria condições. Ela conta que o proprietário da vila queria inclusive casar com ela no cartório. M. diz que se arrende de não ter aceitado, pois teria direito a bens e herança, caso ele viesse a falecer.

O trabalho com a marmitaria teve que ser interrompido porque M. descobriu que tinha miomas no útero. Ela conta que trabalhava demais e sentia muitas dores. Vendeu as coisas da marmitaria e adquiriu um carrinho de lanches. Vendia em frente à policlínica da Messejana. Em meio a risos, conta que sua vida daria um livro. Passou por vários perrengues com o carrinho de lanches que empurrava de casa até a policlínica: várias vezes o carrinho virou, perdeu bujão de gás e foi assaltado.

As dificuldades fizeram com que abandonasse o carrinho de lanches e voltasse a usar drogas até reencontrar um amor da infância e voltar a namorar. Depois de alguns meses de namoro, engravidou do quarto filho. Antes de dar a luz, sua antiga patroa do antiquário procurou M. para contar que o pai dos seus dois filhos do meio, seu segundo marido, tinha falecido. Ela contou que ficou muito desestabilizada emocionalmente, principalmente porque ele morreu em um acidente de moto na volta de uma festa para a qual ele tinha convidado M. e ela tinha recusado.

Ao contar essa parte de sua história, M. se emociona. Segundo ela, ele era o amor da sua vida; mesmo tendo se envolvido em outros relacionamentos, nunca o esqueceu. Nas histórias entrecruzadas que por razões metodológicas são contadas aqui linearmente, M. fazia constantes referências ao pai dos seus dois filhos do meio, referindo-se a ele como alguém que gostava, mas que não queria ajudá-la financeiramente, era infiel e ausente como pai. Estas razões a fizeram se afastar, mesmo nutrindo sentimentos por ele. Quando de seu falecimento, teve dificuldades em conseguir pensão, pois o sogro entrou na justiça para ficar com uma parte do benefício. M. conseguiu ficar com a metade e atualmente recebe mensalmente quinhentos (500) reais de pensão. Nos momentos em que estivemos na casa de M., foi possível notar que ela "negocia" eletrodomésticos, embora tenha omitido esta atividade quando questionada sobre seus "tramos". Em uma situação, dois homens chegaram em uma moto, perguntando o que ela tinha. M. respondeu que estava com ventiladores e um microondas seminovos.

Na nossa última conversa, testemunhamos M. conseguir uma vaga na creche para a filha mais nova. Os dois mais velhos já estão matriculados e ela diz que fará de tudo para que eles terminem os estudos. Foi por essa razão que trouxe a filha mais velha da casa da avó paterna. Lá a menina não ia para a escola e, nas palavras de M., era negligenciada. Percebe-se um amadurecimento precoce na criança de sete anos. Poucas vezes a vimos brincando. Enquanto M. conversava sobre sua vida, a menina

comandava os trabalhos domésticos e o cuidado com os irmãos. Impressionou a desenvoltura com a qual a menina varria a casa usando uma vassoura com o dobro de sua altura ou quando carregava no colo o bebê mais novo.

Quando se autoavalia como mãe, M. diz que, mesmo sendo cuidadosa, eles “vivem doentes” e que deve ser algum espírito do mal que os prejudica e por isso pretende levá-los à igreja. Ela comenta que chega a ser criticada pelas vizinhas, pois não deixa as crianças saírem para brincar quando querem, os mantém em casa.

Revela que não é apaixonada pelo atual companheiro, mas que se conforma, pois mesmo ele sendo “mole” para trabalhar, ajuda nas tarefas domésticas e com as crianças. Quando estava de resguardo, M. botava anúncio no OLX oferecendo a mão de obra do marido, mas, mesmo quando aparecia trabalho, ele se esgueirava e não ia.

Entre os “tramos” que já fez – empregada doméstica, marmitaria, vendedora de lanches –, atualmente M. tenta montar um churrasquinho na esquina da vila onde mora. Adiou a inauguração porque o filho mais novo teve uma crise intestinal por conta dos derivados de leite. Antes fazia sequilhos em casa, mas o marido tinha vergonha de sair vendendo e o lucro era pouco de quem vinha comprar em sua casa.

Quando perguntada sobre seus sonhos e planos, M. nos dá como resposta o que ouvimos de tantas bocas nesses meses de pesquisa no Grande Bom Jardim: sonha em construir a própria casa.

### **A., 22 ANOS, DEIXOU DE ESTUDAR NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, FAZ BICOS COMO FOTÓGRAFA**

Conhecemos A., de 22 anos, em uma das visitas ao Instituição Verão. Ela estava junto a amigos e o namorado que frequentam os saraus e outros eventos que acontecem neste espaço. Foi ao aplicarmos o questionário com A. que nos demos conta que a sua trajetória merecia ser narrada, tanto pelo perfil “nem-nem” como pela sua trajetória de relação com as expressões artísticas.

Ao abandonar o primeiro ano do ensino médio na escola pública CAIC Maria Alves Carioca devido a uma gravidez, A. ficou um tempo “sem fazer nada” até surgir a oportunidade de fazer um curso de fotografia no Centro Cultural Bom Jardim. Desde então, é chamada pelos amigos para documentar apresentações de rap, saraus e outras investidas artísticas que “seu grupo” faz. É assim que ela se refere ao bando de amigos que “andam” juntos nas ações e “rolês” do Grande Bom Jardim. Estes rolês são as festas de reggae, os saraus, as rodas de rap e tudo o mais que agregar jovens. A. refere-se constantemente aos amigos e ressalta o quanto eles são importantes em sua vida. Em uma das ocasiões que marcamos de conversar, ela desmarcou, pois justificou que estava ajudando uma amiga com problemas.

A oportunidade do curso de fotografia apareceu na programação do Centro Cultural Bom Jardim, espaço que A. frequenta no bairro, e ela ficou empolgada com a ideia. Diz que fez muito sacrifício para tentar concluir o curso, algumas vezes não tinha com quem deixar os filhos e os levava para as aulas. Entre os seus planos e sonhos de futuro está o de investir na carreira de fotógrafa: fazer outros cursos de aperfeiçoamento, comprar equipamentos melhores e tentar ser reconhecida.

A primeira gravidez aconteceu aos 16 anos. O pai da criança, outro namorado à época, não assumiu e A. teve que encarar os cuidados com um recém-nascido praticamente sozinha. Conta que a mãe a ajudava, mas “não dava moleza”: pegava no pé, cobrava que ela cuidasse bem da criança, não ficava com a bebê se A. quisesse sair, por exemplo. Segundo ela, essa atitude a forçou a se tornar uma mãe de “verdade”. Quando autoavalia a maternidade, A. diz que foi o pontapé para que ela amadurecesse e que hoje não enxerga sua vida sem seus filhos.

A. tentou continuar estudando e conseguiu terminar o ano escolar naquele momento da primeira gravidez. Com o segundo filho, fruto de outro relacionamento que “não deu certo”, como afirmou, veio a demanda de cuidar de duas crianças e ela abandonou a escola no primeiro ano do ensino médio. Ela conta que sentia que a instituição escolar “não facilitou sua vida” quando estava grávida: cobravam que ela usasse farda mesmo sem a camisa da escola caber nela, não perdoavam as faltas e quando ela deixou de frequentar as aulas, nem a diretora nem os professores ou funcionários da escola a procuraram para saber a justificativa ou tentar convencer A. a voltar a estudar.

A. conta que tem planos de retornar à escola, pensa em se matricular no EJA (educação de jovens e adultos) no ano que vem e se recorda com carinho da escola que frequentou, dos colegas e professores. Comenta que as atividades da escola relacionadas com arte, tais como teatro, pintura e dança, eram as que mais gostava, pois sempre teve vontade de trabalhar com criação artística ou quem sabe ser artista. Ela diz que ao longo da adolescência gostava de se expressar mudando as cores do cabelo, que já pintou de várias cores: rosa, azul, verde, lilás. Atualmente A. usa cabelo preto, mas os *piercings* na orelha e no nariz, além de algumas tatuagens, revelam que essa demanda por expressão ainda acompanha A..

Foi na escola que ela fez aulas de teatro e foi por lá que participou de um grupo de dança chamado Companhia de Dança Nabru. Fez diversas apresentações com o grupo, mas teve que parar as atividades por conta da segunda gravidez. Depois que o filho nasceu, A. confessa que teve dificuldades de retomar algumas atividades, entre elas os ensaios e apresentações do grupo.

A. conheceu o atual namorado no grupo de dança do qual faz parte. Eles estudavam juntos, tinham amigos em comum, mas não tinham se interessado um pelo outro até A. assistir a uma apresentação de Diego. Ela conta que ficou impressionada com as rimas que ele soltou em uma disputa de rap e desde então começaram a paquerar e acabou evoluindo para um namoro. A. engravidou desse relacionamento e eles têm um filho de nove meses, moram juntos na casa da família de A. e se desdobram entre cuidar das crianças, trabalhar quando aparece algo e se divertir como jovens na idade deles. A. comenta que uma vez ao mês eles procuram sair somente os dois: vão ao cinema, ou à Praia de Iracema ou ficam nos locais do bairro que mais gostam, a pracinha do Santa Cecília ou o Centro Cultural Bom Jardim. Ela diz que só assim conseguem continuar “apaixonados”.



PARTE TRÊS

# ANÁLISE DOS DADOS



**EU, UM JOVEM DA PERIFERIA  
DE FORTALEZA: DEFININDO HISTÓRIAS,  
MAPEANDO POSSIBILIDADES, IDENTIFICANDO  
POTENCIALIDADES.**

Um dos grandes desafios em analisar a condição juvenil na contemporaneidade é estabelecer o que chamamos de “perfil”. Estamos diante de um coletivo de indivíduos inscritos sob a marca da diversidade, da multiculturalidade e de singularidades que são instigantes e inquietantes. No entanto, algumas tipologias nos ajudam nessa compreensão, como gênero, cor da pele, estado civil, escolaridade, local de moradia e renda. Importante destacar que esses elementos analíticos não são suficientes por si só para traçarmos formas de identificação, mas podem nos auxiliar a retratar algumas características que delineiam a condição juvenil na contemporaneidade.

Dos 150 jovens que participaram dessa pesquisa, 54,4% se identificam como jovens que “nem trabalham e nem estudam” ou “jovens nem, nem” e 45,6% como os que “nem trabalham, nem estudam e nem estão procurando” definidos como “jovens nem, nem, nem”. Quanto ao recorte de gênero, 66,6% são mulheres e 33,3% homens. Eles se identificaram como heterossexuais em 92% das respostas.

O Brasil apresenta um dos piores quadros, entre nove países da América Latina e do Caribe, segundo dados do estudo “Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar?”, realizado com 15 mil jovens latino-americanos do Brasil, do México, do Chile, da Colômbia, do Peru, do Paraguai, do Uruguai, de El Salvador e do Haiti. Estima-se que existem 20 milhões de jovens “nem, nem” (aqueles que não estudam, nem trabalham) nessa região, sendo 25% no México, 24% em El Salvador, 23% no Brasil. A média na região é de 21% dos jovens. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados de 1992 a 2012, publicado na pesquisa “Desafios à Trajetória Profissional dos Jovens Brasileiros” (2014), 23% dos jovens brasileiros nem trabalham e nem estudam (e são na maioria mulheres que vivem em situação de pobreza), 49% se dedicam completamente ao estudo, 15% trabalham e estudam e 13% só trabalham. Segundo Joana Simões de Melo Costa e Gabriel Ulyssea (2014, p. 134):

A propensão a ser nem-nem está fortemente associada ao fato de o jovem ser mulher e ter filhos, ter baixa escolaridade e possuir baixa renda domiciliar. Além disso, verificou-se que os jovens fora da idade escolar correspondente ao ensino básico (18 anos ou mais) são mais sujeitos ao status nem-nem, assim como aqueles residentes em áreas rurais.

Essas características foram observadas nas discussões dos grupos focais quando as meninas se apresentaram da seguinte maneira:

Meu nome é Magnólia, tenho 29 anos, sou casada, atualmente estou desempregada, desde que eu tive a neném, que eu tive que sair do trabalho. Desde então não consegui retornar para o mercado de trabalho. Eu tenho vontade de aprender alguma coisa, mas não sei o que ainda. Eu busco assim alguma coisa, estou sempre estudando.

Gente, meu nome é Jasmim, tenho 28 anos, sou casada. No momento estou desempregada, com um processo rolando na justiça. E a área que eu me especializo mais, assim, é a área de recepção. Também tem a minha pequena, que eu não posso voltar agora, porque ela é muito

colada a mim, mas quando ela tiver maior, eu pretendo voltar para a área que eu gosto. Antes eu trabalhava na recepção de academia, fiquei uns três anos, gostei do que eu aprendi lá.

Portanto, estamos diante de um grupo que deve ser analisado a partir de um recorte de classe, como também de gênero e de raça, pois quando perguntados sobre a cor de sua pele, 79,33% disseram que são pardos e pretos e 14,66% que são brancos, como destaca a tabela abaixo:

### 1. COR DA PELE

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Branco	10	12,3	12	17,6	14,6%
Negro	16	19,8	7	10,3	15,3%
Pardo	51	63	45	66,2	64%
Amarelo	4	4,9	3	4,4	4,6%
Indígena	0	0	1	1,5	1,5%

Esses dados são importantes para pensarmos sobre as formas de identificação e reconhecimento da condição juvenil através da definição racial. Quase 80% dos jovens se identificam como negros, portanto representantes de um país miscigenado, assim como, multicultural e multirracial. Ser um jovem, pobre e negro também os coloca de frente a uma trágica definição: os “jovens matáveis”, ou seja, como define Giorgio Agamben, um indivíduo “que qualquer um pode matá-lo sem cometer homicídio, a sua inteira existência é reduzida a uma vida nua despojada de todo direito” (2002, p.189). Eles estão na mira das cerca de 17,6 milhões de armas leves em circulação no Brasil, das quais 57% são ilegais, segundo a pesquisa “Armas leves no Brasil: Produção, Comércio e Posse” realizada pelo Instituto de Altos Estudos Internacionais em Genebra e pelas ONGs Small Arms Survey, Viva Rio e ISER, em um país que registra mais de 33 mil homicídios de jovens por ano – em sua maioria, meninos nordestinos, pobres e negros –, como apontam as várias edições da pesquisa Mapa da Violência no Brasil.

Vítimas não dos homicídios, mas da exclusão no mercado de trabalho brasileiro, os jovens cearenses que compõem essa pesquisa são solteiros/solteiras em 55,3% dos casos, 32,6% moram juntos, 10% casados/casadas e 1,3% divorciados/divorciadas. Apenas 16,6% dos jovens disseram que são os únicos “responsáveis por si” (uma questão comumente utilizada nas pesquisas quantitativas que geralmente é compreendida como uma responsabilidade sobre a renda familiar), 28% responderam que são os/as companheiros/companheiras, 26% as mães e 9,3% os pais. Quanto à composição do grupo familiar que reside nas casas onde moram, 41,33% moram com a mãe, 16,66% com o pai, 43,33% com filhos e 4% sozinhos. Nota-se que há um número maior de jovens que moram com os filhos:

## 2. COM QUEM MORA

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Pai	16	19,8	9	13,2	16,6%
Mãe	44	54,3	18	26,5	41,3%
Padrasto	6	7,4	1	1,5	4,6%
Madrastra	0	-	0	-	-
Irmãos	35	43,2	25	36,8	40%
Avô	5	6,2	3	4,4	5,3
Avó	5	6,2	5	7,4	6,6%
Tios	2	2,5	3	4,4	3,3%
Pais adotivos	2	2,5	0	-	1,3%
Filhos	26	32,1	39	57,4	43,3%
Companheiro	34	42	35	51,5	46%
Sozinho	6	7,4	0	-	4%
Outros	15	18,5	8	11,8	
Cunhados	3	3,7	1	1,5	2,6%
Primos	2	2,4	1	1,5	2%
Sobrinhos	7	8,6	3	4,4	6,6%
Sogros	2	1,2	2	3	2,6%
Enteado	1	1,2	0	0	0,3%
Amigos	0	0	1	1,5	0,3%

Ainda sobre a composição de seus grupos familiares, 46% dos jovens entrevistados disseram que têm filhos. No entanto, os jovens "nem, nem, nem" têm menos filhos (61,8%) do que os jovens "nem, nem" (46,9%). É importante destacar que a maior parte dos jovens "nem, nem, nem" são do gênero feminino. Então observamos um perfil formado por jovens mulheres, com filhos, que vivem na casa dos pais, com as mães sendo as "chefes de família". Segundo dados do IPEA, o número de famílias brasileiras chefiadas por mulheres saltou de 23% para 40% entre 1995 e 2015. Ana Maria Goldani (1994) destaca que nos últimos anos observa-se uma mudança nos formatos nucleares dos arranjos familiares, fazendo com que as mulheres passassem a assumir novas funções, com uma perda de espaço no percentual de famílias compostas pelo casal e filhos e um aumento de famílias compostas por um dos membros

e filhos ou de pessoas morando sozinhas (famílias monoparentais), juntamente com a queda da fecundidade e do tamanho dos módulos familiares. Assim, muitas mulheres são as responsáveis pela segurança emocional e financeira de suas famílias.

Sobre a renda familiar é importante analisar que as famílias das classes populares são formadas por trabalhadores que vivem situações precárias nas relações de trabalho. Muitos não possuem carteira assinada, fazem “bicos” ou trabalhos eventuais com pagamento de diárias ou pela atividade desempenhada. A renda também é comumente completada por programa de transferência de renda, sendo o programa Bolsa Família o mais comum. No caso dessa pesquisa, pouco mais da metade, 51,3%, afirmou que sua renda mensal é de um (1) salário mínimo e que 61% têm famílias cadastrados no Bolsa Família, como mostram as duas tabelas a seguir:

### 3. RENDA MENSAL

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Até meio salário mínimo	10	12,3	11	16,2	14%
Entre meio e 1 salário mínimo	28	34,6	28	41,2	37,3%
Entre 1 e 2 salários mínimos	35	43,2	29	42,6	42,6%
Mais de 3 salários mínimos	4	4,9	0	0	2,6%
Não sei	4	4,9	0	0	2,6%

### 4. AUXÍLIO SOCIAL

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Não recebe	29	35,8	24	35,8	35,3
Bolsa família	49	60,5	43	64,2	61,3
Outro	3	3,7	0	0	0

Portanto, estamos diante de problemas de injustiça e exclusão social que demarcam sociedades desiguais. Suas formas e expressões atuais apontam novos sentidos e produzem novos atores sociais. Atualmente, a dimensão econômica, simbolizada pela dificuldade de inserção no mundo do trabalho, se configura como uma das principais formas de desigualdade social. Elimar Pinheiro do Nascimento (2000) aponta que as diferentes formas de exclusões acontecem por causa de um processo simultaneamente econômico (expulsão do mundo do trabalho), cultural (não reconhecimento ou negação dos direitos) e social (rupturas de vínculos comunitários), que leva à formação de grupos de indivíduos

“desnecessários economicamente”, “incômodos politicamente” e “perigosos socialmente”, que podem ser eliminados fisicamente sem que o desaparecimento de seus corpos seja percebido. Nesse sentido, jovens pobres, negros, de baixa formação escolar e precária qualificação profissional integram, de forma perversa e injusta, grupos de pessoas compreendidas pelo senso comum como descartáveis.

## **VIVÊNCIAS ESCOLARES:**

### **MULTIPLICIDADES DE SENTIDOS**

Sobre suas experiências escolares, 86% estudaram em escolas públicas, 5,3% em escolas particulares e 8% tiveram matrículas em ambos os tipos de escolas. Ao longo de suas trajetórias vivenciadas no turno da manhã para 46% dos jovens, no turno da tarde para 41,3% e no turno da noite apenas para 12%, o ensino médio incompleto foi a escolaridade apontada por 50% dos jovens entrevistados, como destacam nas falas a seguir:

Violeta (19 anos): Eu tiro por mim, que minha mãe sempre me incentivou muito a estudar e eu estudei até o sexto ano. Sempre me dediquei. Quando eu cheguei no sexto ano... o povo diz que amizades não influenciam, mas influenciam sim. Quantos iam fazer alguma coisa e ficavam “ah, Violeta, vem e tal”? Você fica com vontade e acaba fazendo. Não é com todo mundo, lógico, mas tem as pessoas mais fracas que acabam caindo nas influências. Ai quando chegou no sétimo ano, eu já não quis mais estudar.

Hortênsia (20 anos): Eu só tenho até o nono ano. Foi assim, eu comecei a fazer as provas, do nada tive que sair do colégio como eu te expliquei, porque eu estava cuidando do meu marido. Eu saí da escola e não quis mais vir de jeito nenhum, porque eu tava muito cansada, do jeito que eu te falei. Não colocaram minhas notas, era para eu ir para o primeiro ano e não me passaram. (...) Eu queria entender por que as pessoas que não têm o ensino médio ainda não podem fazer Enem. Eu acho isso uma injustiça, porque tem pessoas que são ruins numa matéria e boas em outras. Se eu fosse fazer um Enem, por exemplo, em uma redação... quando eu estudava a professora dizia assim, olhava pros textos que eu fazia e dizia “Hortênsia, foi tu sozinha que fez isso aqui?”, e eu respondia “foi eu sim”. Eu ia achar legal se as pessoas que não tivessem o ensino médio, se tivesse só o ensino fundamental, também pudessem fazer Enem. Tem pessoas que se garantem... em história... eu adoro história, geografia.

Angélica (24 anos): Eu parei no nono ano, mas eu consegui um emprego de carteira assinada.

Íris (22 anos): Não terminei meus estudos, mas pretendo no próximo ano terminar e também trabalhar, e ter meu próprio negócio.

No Brasil, o índice de escolarização piora depois que o jovem completa 18 anos, segundo dados da pesquisa “Education at Glance 2017”, da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). As taxas estão abaixo da maioria dos países da OCDE, onde pelo menos 90% dos jovens de 15 a 17 anos estão no ensino médio e, em média, 75% dos que têm 18 anos estão no ensino superior. Outro dado que reflete o problema do ensino brasileiro é o tempo de conclusão. Só metade dos alunos brasileiros completa esta modalidade de ensino dentro de período ideal, ou seja, em três anos. Apesar de avanços nas garantias constitucionais para as políticas de educação no Brasil, como na descentralização das ações educacionais, na reorganização dos recursos orçamentários, na ampliação quantitativa de escolas e vagas e na introdução do piso nacional de remuneração para professores, o país ainda não conseguiu melhorar os índices de escolarização nacional. Márcio Pochmann e Eliza Ferreira (2016, p. 1243) destacam que:

Apesar disso, a trajetória da democratização se revelou muito mais uma expansão quantitativa de matrículas em contextos escolares desiguais e empobrecidos, com trabalhadores desvalorizados como categoria profissional. Portanto, não se construiu uma estrutura para exercer, com igualdade, o direito à educação.

Os dados dessa desigualdade são observados quando analisamos a trajetória escolar e laboral de jovens pobres, negros e nordestinos que enfrentam dificuldades para sonhar ou se inserir no mundo do trabalho, como os jovens que participaram dessa pesquisa. Nenhum jovem entrevistado cursou ou concluiu o ensino superior em ambos os grupos, como indica a tabela abaixo:

## 5. ESCOLARIDADE

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Analfabeto	0	0	1	1,5	0,3%
Sabe ler, mas não foi à escola	0	0	0	0	0%
Fundamental incompleto	28	34,6	29	42,6	38%
Fundamental completo	7	8,6	5	7,4	8%
Médio incompleto	42	51,9	33	48,5	50%
Médio completo	4	4,9	0	0	2,6%
Superior incompleto	0	0	0	0	0%
Superior completo	0	0	0	0	0%
Não sei	0	0	0	0	0%

Chegar ao ensino superior é um grande desafio para os jovens brasileiros. Apenas 15% dos estudantes brasileiros de 25 a 34 anos estão no ensino superior, segundo a pesquisa da OCDE. Comparando com números de outros países da América Latina, na Argentina são 21% e no Chile e na Colômbia são 22%. No entanto, se comparado aos países dos BRICS (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o Brasil está melhor: a China tem 10%, a Índia, 11%, e a África do Sul, 12%. Apesar dos baixos índices, alcançar o ensino superior pode ser reconhecido como um desejo ou um projeto para os/as participantes dessa pesquisa:

Hortênsia (20 anos): O que eu queria trabalhar pra mim mesmo, era em duas coisas. Era no IML, porque eu tenho curiosidade em ver. Eu queria. Anatomia, na necropsia. E outro que eu queria muito era no serviço social, em questão de crianças abandonadas.

Violeta (19 anos): Eu acho que lá na minha casa sempre foi em primeiro lugar os estudos. A minha mãe sempre pegou no pé, e até hoje pega no pé, para eu fazer uma faculdade, ingressar na faculdade e ter um bom emprego. Eu acho que hoje sem o estudo você não é nada, até porque eu já fui para muitas entrevistas, e gente que tem estudo não consegue, imagine sem ter.

Importante destacar que, apesar dos entraves na melhoria nos índices de escolaridade no Brasil, observa-se que há um aumento em relação às gerações de pais e filhos. Hoje os jovens possuem uma experiência escolar maior do que seus pais. No entanto, vale destacar que a entrada no mercado de trabalho finalizava o tempo do estudo, diferente dos dias atuais, quando a violência urbana, por exemplo, pode ser um entrave para a permanência dos jovens nas escolas. Destacando a escolaridade dos pais dos/das jovens entrevistados/entrevistadas, 8,6% das mães e 7,3% dos pais são analfabetos, sendo o ensino fundamental incompleto a escolaridade alcançada por 39,3% das mães e 26,6% dos pais. Sobre os jovens "nem, nem, nem", nenhuma mãe cursou ou concluiu o ensino superior. Já com os jovens "nem, nem" apenas um (1) entrevistado disse que o pai cursou, mas não concluiu, e seis pais concluíram o ensino superior, como demonstram as falas a seguir:

Azaléia (26 anos): Meu pai também só estudou até a quarta série. Ele nunca incentivou a minha mãe a terminar os estudos. Mas mesmo assim ela terminou os estudos, terminou o ensino médio. Eu sempre gostei de estudar.

Íris (22 anos): Os meus pais não terminaram, porque trabalharam cedo pra sustentar a gente, a família grande, né? Mas eles sempre incentivavam a gente a estudar, ir para o colégio. Eu também estudei e parei, por causa dos filhos. Minha gravidez foi complicada, aí eu parei. Depois que meu filho nasceu, fiquei parada. Mas eu pretendo voltar.

Jasmim (28 anos): Meus pais deixaram de estudar logo cedo por causa do trabalho, porque era bem difícil. Já no meu caso, eu pude continuar os estudos sempre em escola pública, nunca estudei em particular. Mas assim, o que me encantava muito na escola, e ainda me encanta, é a capacidade que alguns professores têm de chamar atenção dos alunos para fazer trabalhos, pesquisas. Naquele tempo não tinha internet, era tudo pesquisado. No meu caso, eu gostava muito de apresentar trabalho, de pesquisar. O que eu vejo hoje, que está em falta, é que alguns dizem "ah, eu vou para escola para quê? Passa um trabalho, eu vou na internet e faço".

A escola e o trabalho pedagógico por ela desenvolvido só poderiam ser compreendidos, na perspectiva dos sociólogos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1993), quando relacionados ao sistema das relações entre as classes. A escola não é uma instância neutra que transmite uma forma de conhecimento que avalia os alunos a partir de critérios universalistas, mas, ao contrário, seria uma instituição a serviço da reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes. A reprodução e legitimação das desigualdades sociais propiciadas pela escola resultam na valorização e cobrança não apenas do domínio de um conjunto de referências culturais e linguísticas, mas também de um modo específico de se relacionar com a cultura e o saber. Ou seja, para Bourdieu e Passeron (1993), nas avaliações formais ou informais exige-se dos alunos muito mais do que o domínio do conteúdo transmitido, mas uma destreza verbal e um brilho no trato com o saber e a cultura que somente aqueles que têm familiaridade com a cultura dominante podem oferecer.

Portanto, os mais pobres ficam em desvantagem. Em uma sociedade hierarquizada e injusta como a nossa, não são todas as famílias que possuem a bagagem culta e letrada para se apropriar e se identificar com os ensinamentos escolares. Nesse sentido, o sistema de ensino que trata a todos igualmente, cobrando de todos o que só alguns detêm, não leva em consideração as diferenças e bases determina-

das pelas desigualdades de origem social e cultural. A escola é um lugar de formação, como também um lugar de sociabilidade juvenil recortada por uma diversidade de significados e experiências. Quando apropriadas pelos jovens, observa-se uma multiplicidade de sentidos em “estar na escola” ou “ir para a escola”, como podemos observar nas narrativas dos jovens dessa pesquisa:

Magnólia (29 anos): Era bem distante. Eu acho que escola não, não sei se é ainda hoje, mas eles tratam como “é criança, é aluno, não tem direito de falar”, não tem voz. Outros colegas também sofreram tanto por *bullying*, tanto por outros problemas familiares, eles traziam pra sala de aula que o aluno não conseguia se concentrar, os professores não conseguem lidar com aquele aluno que tá passando por problemas e acabam gerando conflitos em sala. Esses conflitos saem da sala de aula, vão para a diretoria e acabam que não resolve nada. Acho que tinha que ter algo com psicologia, alguma coisa assim. Em todos os colégios. Aluno não tem voz, não tem vez.

Narciso (15 anos): Tia, é melhor falar sobre o Brasil! Que na escola tá tudo normal (...) O que tá chato é só o Brasil mesmo. Eu falei a verdade, é isso aí mesmo.

Violeta (19 anos): Eu não acho que tenha nada fora do normal na escola. É o estilo deles. (...) Eles ensinam. Eles fazem o trabalho dele na escola, aí depende do aluno, né?

Alfazema (28 anos): Tem muitas pessoas que colocam o filho no colégio e acham que vai resolver tudo, de educação, de aprendizagem, de tudo. (...) Na realidade, eu acho que toda educação vem de casa. Eu acho que tá lá só pra aprender mesmo. Acho que a educação tem que vir mesmo de casa. Colégio não tá lá pra educar. Tem tantas crianças lá do colégio do meu menino que são tão boas, sabe? Assim, nas matérias. Mas são meninos mal educados que gritam a professora. Fazem esse tipo de coisa.

Magnólia (29 anos): O Paulo VI. Aí eu acho que fiquei fascinada, maravilhada por lá, porque tinha uma biblioteca, e eu podia pegar livros emprestados e levar pra ler. Isso pra mim foi o paraíso. Ai eu fui pra uma escola depois que também tinha biblioteca. No ensino médio, eu já não tive. Eu senti muita falta.

Beri (16 anos): Como é que se diz... quando leva a pessoa a ter vontade de fazer alguma coisa? Eles não estimulam a gente, pra estudar, nem nada. É diferente o ensino deles aí, por que eu já estudei em várias escolas. O ensino deles é diferente. (...) É, os professores não dão atenção. Ontem eu fiquei tão calmo, porque senão a sala todinha tinha quebrado um professor lá. Ele passou o conteúdo todinho do terceiro bimestre... a gente só foca naquele conteúdo, quando chega na hora da prova ele coloca outro conteúdo. Ele ainda fala assim “entrega tudo em branco que ganha um zero”.

Gerânio (17 anos): Não ajuda em nada não, mas tem essa reforma aí que ele querem fazer... essa reforma do ensino médio. Vai ficar mais complicado ainda, porque cada pessoa vai escolher a profissão que você quer... estudar só aquilo que você quer seguir. Se o cara quiser estudar só matemática, ele vai estudar só matemática.

Açafrão (16 anos): De tarde. A principal diferença de estudar à noite é que não tem aquele momento do recreio, para poder jogar bola, não tem aquele momento. A gente chega às 7 horas no colégio, fica até as 9 e 8 horas tem direito só de ir ao banheiro. Depois a gente tem que voltar para sala de novo e a merenda é só na hora que a gente chega no colégio. Aí pronto, a diferença é só essa.

Rai (17 anos): A minha também é boa, mas tem umas coisas que eu acho ruim. Quando uma pessoa conversa com a outra, elas tiram a recreação. Aí eu não gosto e saio da sala. Saio mesmo. Se eu não vou fazer recreação, vou sair então.

Cacto (15 anos): Tem gente que quer estudar num colégio melhor, que é em outro canto, controlado por outra facção e não pode ir. Aí é ruim.

Açafrão (16 anos): Os colégios que dá pra ir aqui é só o João Mendes, o Raquel Viana, o Patativa e o Princesa Isabel.

Rai (17 anos): Eu não posso mais estudar em nenhum. Eu também já estou indo pra um lugar que eu não posso ir, que é o Conjunto Ceará.

Entre os motivos alegados para o afastamento escolar estão o desinteresse (26,6%) e o trabalho (17,3%). A gravidez (32,4%) aparece em destaque no grupo dos jovens “nem, nem, nem”, que, como foi apontado anteriormente, é um grupo composto em sua maioria por mulheres.

## 6. AFASTAMENTO ESCOLAR

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	100%
Gravidez	8	9,9	22	32,4	20%
Trabalho	16	19,8	10	14,7	24%
Expulsão	8	9,9	2	2,9	6,6%
Desinteresse	25	30,9	15	22,1	26,6%
Dificuldade	1	1,2	7	10,3	5,3%
Afastamento gangue	1	1,2	1	1,5	1,3%
Afastamento gangue e tráfico	1	1,2	1	1,5	1,3%
Distância	1	1,2	0	-	0,3%
Preconceito racial	3	3,7	0	-	2%
Ingresso no crime	1	1,2	0	-	0,3%
Problema de saúde	1	1,2	0	-	0,3%
Precariedade da escola	1	1,2	0	-	0,3%
Perseguição da direção	1	1,2	2	2,9	2%
Para cuidar de parentes	3	3,7	3	4,4	4%
Mudança de turno	2	2,5	1	1,5	2%
Mudança de casa	1	1,2	1	1,5	1,3%
Casamento e depois gravidez	1	1,2	1	1,5	1,3%
Cansaço por conciliar escola e trabalho	1	1,2	1	1,5	1,3%
Foi preso	0	-	0	-	-
Não respondeu	5	6,2	1	1,5	4%
<b>Outros</b>					<b>14,6%</b>
Território da escola, transferência	5	5,9	1	1,5	4%
Problemas de família, casamento, cuidar de parentes	5	5,9	4	5,9	6%
Briga na escola, mundo do crime	2	2,5	3	4,5	3,3%
Conciliar trabalho e estudo	2	2,5	-	-	1,3%

Ser ou não interessante, uma característica comumente atribuída pelos jovens em suas narrativas sobre a escola, nos leva a refletir sobre até que ponto a escola promove atividades escolares ou formas de “estar na escola” que estejam de acordo com os “interesses juvenis”. Ser interessante pode estar ligado a algum tipo de afeto que foi ou que poderia ser mobilizado nos jovens. Na *Ética* de Spinoza, o autor define o afeto como uma das afecções do corpo – ou seja, o corpo sendo afetado pelo mundo – nas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, portanto uma experiência vivida e transmitida. Na terceira parte da *Ética*, Spinoza se dedica a estudar os afetos, criando assim uma verdadeira ciência dos afetos. Em um diálogo com o autor, compreender a escola ou as vivências escolares (título

dado a esta parte do relatório) como algo interessante para os jovens que participaram dessa pesquisa requer a mobilização de afetos como o desejo – “a própria essência do homem, enquanto essa é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si próprio, a agir de alguma maneira” (2011, p. 140) – e a segurança – “uma alegria surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, da qual foi afastada toda causa de dúvida” (2011, p. 144). Portanto, uma percepção da escola como uma via real para a transformação da trajetória de vida dos jovens. Abaixo algumas percepções sobre a escola:

Hortênsia (20 anos): Pretendo voltar a estudar, ter alguma coisa da minha vida, porque a gente não é nada sem estudo. Principalmente sem ter nada para fazer da vida. Porque eu acho assim, se a pessoa não tem nada para fazer, eu acho que ela não vive. A minha mãe diz assim: “tu passa o dia todinho sem fazer nada.” Justamente, eu passo o dia todinho sem fazer nada, só venho para cá, do curso vou para casa. É a mesma rotina de sempre. Eu queria mesmo era arrumar um emprego, ter a minha própria renda, não precisar de ninguém para me sustentar. Meu maior sonho é arrumar um emprego e não precisar do meu marido para me sustentar. A gente tem um marido da gente, certo, mas às vezes tem maridos que ficam passando na sua cara, e eu não gosto. Até quando eu morava com minha mãe e ela vinha passar as coisas na minha cara, eu não gostava. É de mim mesmo.

Violeta (19 anos): Eu ainda estou estudando. Eu comecei a repetir. No segundo ano agora eu repeti, e estou no terceiro. Não sei se eu vou passar, por falta de interesse meu mesmo. Eu já fui para várias entrevistas de emprego e não consegui, porque eu não estou me esforçando, não consigo falar, sou nervosa. É muito ruim.

Magnólia (29 anos): O que eu vi na época foi que muitos deles desistiram para poder trabalhar ou porque tiveram filho. As mulheres saíam pelos filhos, e os meninos para trabalhar, para poder ajudar em casa.

Angélica (24 anos): Porque eu engravidei. Eu engravidei aos 15, mas ainda continuei estudando grávida. Mas depois... eu engravidei da minha filha, depois da minha outra filha. Consegui um emprego de carteira assinada, mesmo eu parando no nono ano. Eu fui para entrevista de emprego e no mesmo dia eu passei.

Cravo (17 anos): Tem que ter diferença, coisas diferentes, pra trazer as pessoas que não gostam daquela... de estar só trancado numa sala direto. Tem gente que não se dá.

Agapanto (15 anos): Oficinas da escola mesmo. Tipo as que tinham do Mais Educação, do colégio público. Aí tinha oficina de grafite. Veio um cara de fora. Umas oficinas de português e matemática. Tinha o reforço também. Seria de grande ajuda também, o reforço.

Ipê (17 anos): Eles deixam trancado no cadeado. O banheiro também fica trancado. O aluno fica com vontade de fazer xixi.

Açafrão (16 anos): Porque eu, no colégio, fumei um cigarro do lado de fora, aí eu entrei e o menino perguntou se eu queria cigarro, eu disse que queria. Na hora do recreio, aí ele me deu. Eu fui pra detrás da quadra, que não tinha ninguém, deixei lá e saí. O motivo para eu ter fumado dentro do colégio é que eu já vi pessoas fumarem maconha lá e ela não falar nada. Aí só porque eu fumei um cigarro, ela me colocou para fora do colégio. Eu sei que eu tava errado, mas...

Dados sobre reprovação não foram baixos, com 35,8% no grupo “nem, nem” e 29,4% no “nem, nem, nem”. Situações de conflito, pontuadas no questionário da pesquisa como “brigas”, foram apontadas como situações que ocorreram nas vivências escolares. No grupo dos jovens “nem, nem”, 25,9% disseram que ocorreram brigas com meninos, 9,9% com meninas, 11,1% com professores, 9,9% com professoras e 11,1% com diretores. Já com os jovens “nem, nem, nem”, 17,6% brigaram com meninos, 16,2% com meninas, 7,4% com professores, 2,95% com professoras e 1,5% com diretores.

Suas visões sobre a escola apresentam questões instigantes para análise.

## 7. VISÕES SOBRE A ESCOLA

	Nem, nem		Nem, nem, nem				Total			
	Concordo		Discordo		Concordo		Discordo		Total	
	f	%	f	%	f	%	F	%	100%	100%
O estudo garante o futuro dos jovens	75	87,2	6	7,4	65	95,6	3	4,4	93%	6%
A maior parte dos jovens estuda para tirar de tempo	54	66,6	27	33,4	47	69,1	21	30,9	67,3%	32%
As escolas preparam os jovens para uma profissão	62	76,5	19	23,5	49	72,1	19	27,9	74%	25,3%
Na escola quase nada se aprende	12	14,8	69	85,2	10	14,7	58	85,3	14,6%	84,6%
A escola pode melhorar a vida dos jovens	78	96,3	3	3,7	62	91,2	6	8,8	9,3%	6%
A escola não entende o que querem os jovens	33	40,7	48	59,3	44	64,7	24	35,3	51,3%	48%

Um dado instigante diz respeito ao retorno à escola, considerado como uma possibilidade de reintegração. Portanto, a escola ainda é uma referência institucional para os jovens.

## 8. RETORNO ESCOLAR

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Não	12	84,8	20	29,9	21,3%
Sim	67	15,2	47	70,1	78,6%

As narrativas das meninas abaixo demonstram os desafios em ser mães e continuar estudando. Nota-se que não há uma retaguarda de políticas públicas para atender as meninas grávidas que estão na escola. Poucas discussões sobre sexualidade e gênero ocorrem nas escolas. O senso comum atualmente tem tomado essas temáticas como perigosas, não relacionando essa abordagem pelo viés da prevenção, mas sim da "incitação" a uma sexualidade precoce. Importante destacar a paternidade irresponsável de muitos meninos que não assumem o compromisso de participarem da gestação e da criação de seus filhos, ficando, muitas vezes, esse papel exclusivo para as meninas. Com isso, a escola fica em segundo plano, pois o cuidado com os filhos passa a definir seus cotidianos, como narram abaixo:

Grassol (19 anos): Eu comecei o ano e vou fazer o Enem, quero minha faculdade, quero começar. Comecei. Fui até o meio do ano e minha casa precisou de renda. Era minha mãe sozinha. Até hoje é ela sozinha. Eu me juntei, mas aí precisei trabalhar. Eu estou junta, mas preciso de um trabalho. Aí foi por isso que eu parei de estudar pro Enem, mais por essa questão de emprego e essa questão de que eu não vou estudar sabendo que na minha casa não tem nada. Então era isso. Não dava para eu estudar, deixando minha mãe sozinha. Deixando meus irmãos sozinhos, minha mulher sozinha. Então eu pensei "tenho que trabalhar", e não estou nem aí. E é isso até hoje. Eu não penso

nada de estudo. O Enem tá aí, eu já parei de estudar. Estou aí na luta até hoje por um trabalho, e até hoje nada. O estudo eu deixei de lado.

Angélica (24 anos): A maioria das jovens de hoje são todas novinhas e engravidando. Foi-se o tempo que era difícil uma adolescente engravidar. Hoje é cheio de adolescente grávida. Eu engravidei com 15 anos, mas eu nunca fui rejeitada, não. Quando eu fui com o barrigão as professoras me acolheram, a diretora. Eu parei no nono ano, mas mesmo assim eu ainda arrumei um emprego. Eu achava também que eu não ia arranjar. Às vezes a gente pensa que nunca vai arranjar, mas eu arrumei dois de carteira assinada. Graças a Deus nas entrevistas eu sei conversar.

Ser jovem implica em uma multiplicidade de pertencimentos localizados além da definição etária e geracional. É importante destacar que esses pertencimentos culturais, sociais e institucionais podem se apresentar de forma transitória, mas são essenciais para a compreensão da condição juvenil. Para Denise Cordeiro (2009), falar em juventude como uma construção social pressupõe romper com a ideia de homogeneidade e considerá-la dentro de suas diversidades, de seus pertencimentos, de seus campos de interação e de ocupação no espaço urbano, abandonando uma "visão mítica, totalizante e estática" que dificulta a interpretação da condição juvenil no tempo presente, marcado por desigualdades de várias ordens. Portanto, a própria definição de um jovem "nem, nem, nem", ou um jovem "não estou nem aí" já pode pressupor uma ideia de homogeneidade e estigmatização. Ainda mais em um país marcado por injustiças e desigualdade com a juventude experimentando as consequências diversas. Márcio Pochmann e Eliza Ferreira (2016, p. 1263) chamam a atenção para o fato de que:

Mesmo com os esforços dos governos na ampliação da matrícula no ensino médio, cujo marco central foi a Emenda Constitucional nº 59 (BRASIL, 2009b), que assegurou o direito à educação para a população de 4 a 17 anos de idade, o número de jovens com diploma é baixo em relação à população de 15 a 29 anos de idade. São 51.340.478 indivíduos (IBGE, 2010), sendo que muitos não chegaram a procurar a escola, outros tantos abandonaram os estudos de forma a não completar a educação básica e uma pequena porcentagem seguiu os estudos no ensino superior. A hipótese de maior aceitação no meio acadêmico sobre esse problema é da existência de fatores intraescolares próprios de uma instituição burocrática e disciplinar que geram o fracasso escolar, combinado a fatores externos vinculados à pobreza e à fragilidade das políticas educacionais.

Regina Novaes (2006), em seus estudos sobre a juventude brasileira, aponta que houve uma ampliação das agências socializadoras dos jovens que extrapola o âmbito das "clássicas" instituições. O aumento do espaço de influência dos meios de comunicação e a presença da internet têm aproximado jovens de mundos diferentes. Para a autora, apesar das diferenças e desigualdades sociais e relativas aos grupos etários, escolar, de gênero, raça e locais de moradia, os jovens de hoje, quando buscam, podem ter a mesma qualidade de informação sobre um determinado assunto. Esses novos espaços virtuais de sociabilidade fragilizam a escola como o único lugar de acesso à informação, pois nem todas estão acompanhando as mudanças e estratégias metodológicas de uso da internet que a sociedade da informação produz. Mesmo havendo um número significativo de escolas que possuem laboratórios de informática e acesso à internet, sejam elas públicas ou privadas, no Brasil. Apesar das diferenças sociais, os jovens estão conectados ao mundo virtual, seja de forma frequente ou periódica; portanto, como a escola pode afetar a juventude brasileira?

## EXPERIÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

O mundo do trabalho, expressão conceituada em uma área específica do saber sociológico, se refere à imensidão, à contradição e à distinção dessa forma de sociabilidade que muito define a condição humana. Estigmas, preconceitos, exaltações e privilégios circundam as práticas laborais no mundo moderno e quando os jovens entram em cena o trabalho pode ser apresentado como algo capaz de produzir ritos de passagem de uma fase da vida para outra ou, como define José Machado Pais (2009, p. 374), um rito de impasse, pois há mais desafios e contingências do que oportunidades e seguranças:

Passando ao presente, um dos traços que mais caracteriza a actual condição juvenil é a situação de impasse vivida por muitos jovens em relação ao seu futuro. Eles até poderão galgar as fronteiras que, supostamente, permitem a passagem simbólica da juventude para a idade adulta; contudo – porque a precariedade pauta as suas trajetórias de vida – muitos deles não conseguem reunir condições de independência económica estável.

Tal qual enfatiza o Sumário Executivo da Pesquisa Millennials (2018), realizada no Caribe e na América Latina, cujo título é “Trabalhar ou Estudar?”, não se pode induzir que os jovens “nem, nem” são ociosos e improdutivos. Por vezes, as formas de ocupação não são identificadas pelo próprios jovens dentro da categoria trabalho, ganhando a designação de “fazer uns corre”, “se virar”, “trampar”, “desdobrar”. Tais atividades são voltadas, frequentemente, para trabalhos de cuidado familiar, pequenos negócios, “bicos” ocasionais ou atividades ilícitas. Como afirmam o citado relatório e os dados da pesquisa ora analisados, os “nem, nem” são “pessoas ocupadas” e, fundamentalmente, são pessoas mal classificadas, “pois, na verdade, muito participam da força de trabalho”.

Outro dado da Pesquisa Millennials, que se repete na atual pesquisa, diz respeito à percepção que os jovens “nem, nem” e “nem, nem, nem” têm acerca dos principais problemas do seu bairro e de seu país. São eles os que mais identificam a violência, a insegurança e as drogas “como constante ameaça de dinheiro fácil que os afasta de suas aspirações educacionais e profissionais”.

Portanto, a inserção no mundo do trabalho relativa a esses jovens está diretamente relacionada com outros aspectos que, quando se trata do mercado de trabalho formal, não costumam ser considerados pelas pesquisas realizadas, nem pelas políticas públicas e muito menos pelos próprios jovens.

Ter ou não uma inserção no mundo do trabalho para os jovens pobres moradores das periferias brasileiras que não concluíram o ensino médio é uma experiência marcada por instabilidades e incertezas. Os dois grupos de jovens que foram entrevistados nesta pesquisa apresentaram afirmações diferentes sobre suas experiências no mundo do trabalho: 81,5% dos jovens “nem, nem” disseram que já trabalharam, enquanto que 77,9% dos jovens “nem, nem, nem” disseram não ter nenhuma experiência no mundo do trabalho. No entanto, a maior parte deles pretende trabalhar, como aponta a tabela abaixo.

### 9. PRETENDE TRABALHAR

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Não	3	3,7	11	16,4	10,6%
Sim	78	96,3	56	83,6	89,3%

Observa-se nas narrativas a seguir como as experiências laborais são diversas e delineadas por precariedades, seja na atividade subordinada desenvolvida por eles, seja como barreira da formação escolar que impossibilita uma oportunidade mais permanente e empolgante:

Íris (22 anos): Eu trabalhava cuidando de duas crianças. Só isso mesmo. Quando eu morava com a minha mãe.

Azaléia (26 anos): Eu trabalhei duas vezes com carteira assinada. Uma como jovem aprendiz, passei dois anos trabalhando num mercantil, lá no José Walter, e um ano na casa do sorveteiro, perto do colégio militar. E a última experiência de trabalho que eu tive foi sem carteira assinada, na sorveteria Pra Lá de Bom. Foram boas as experiências que eu tive. Deu pra conhecer várias pessoas legais. Tem gente que realmente está ali para te apoiar e tem gente que tá ali para te derrubar.

Jasmim (28 anos): Eu trabalhei um ano na Contax, como atendente da parte de reclamações. Até então, foi até bom. Passando com pouco mais de um ano, começaram a querer que a gente praticamente mentisse para os clientes. E eu não gostava. No treinamento foi uma coisa, na prática eles queriam que nós fizéssemos as perguntas todas aos clientes já revoltados, cansados.

Magnólia (29 anos): Eu trabalhei em uma escola, mas por falta de verba eu saí de lá.

Gardênia (20 anos): Só consegue emprego hoje quem tiver seu estudo completo. Assim de carreira assinada. (...) Eu acho que entre uma pessoa que foi até o nono ano e uma pessoa com superior, ensino médio, eles ainda vão olhar pra pessoa que tem o ensino médio... Numa entrevista que eu fui uma menina tinha bacharelado e ela foi olhada lá. Tipo, todo mundo tinha ensino médio. Lá na entrevista tinha falando que era primeiro emprego. Primeiro emprego só precisa de ensino médio. Eles só olharam pra que tinha bacharelado, não olharam pros outros, só pra ela.

Byra (16 anos): Assim, eu tenho que ir atrás de trabalhar de alguma coisa, como de servente, pra conseguir aquilo que eu quero comprar. Se não for assim eu fico só na vontade e não compro.

Beri (16 anos): Quando eu trabalhava, eu trabalhava com meu vô.

Sobre ter sofrido alguma situação de preconceito em suas experiências laborais, 14,8% dos jovens "nem, nem" disseram que sim e 32,4% dos jovens "nem, nem, nem" também responderam de forma afirmativa. O fator escolaridade, com 6,2% e 10,3% respectivamente, foi a principal motivação das práticas de preconceito. Apesar de um número baixo destacado pelos entrevistados, podemos refletir sobre como existem critérios de estigmatização que dificulta ainda mais a inserção no mundo do trabalho dos jovens brasileiros. Quando indagados se já pararam de estudar para trabalhar, percebe-se uma pequena diferença nas respostas dos dois grupos.

## 10. PAROU DE ESTUDAR PARA TRABALHAR

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
<b>Não</b>	59	72,8	11	16,4	46,6%
<b>Sim</b>	22	27,2	56	83,6	53,5%

As respostas a seguir destacam como o fator escolaridade é importante nas contratações e como estar contratado muda a forma de recepção da condição juvenil frente à sociedade:

Agapanto (15 anos): Também quando a gente é jovem, quando a gente não tem emprego, fica só em casa, fica assim... brincando ali no meio da rua, conversando. Aí os outros já acham que a gente não presta, que a gente já era, que já tá no mundo do crime mesmo. Aí a pessoa vai trabalhar, arruma um emprego legal, aí o pessoal já passa a ter respeito pela pessoa.

Girassol (19 anos): Tipo, em supermercados, eles querem mais quem tem ensino médio. Em farmácia.

Violeta (19 anos): Pizzaria, mas é um emprego de uma hora ou outra, a qualquer hora tu pode sair dali. E aí, sem os estudos, tu vai pra onde? Eu posso ser contratada numa pizzaria. Se essa pizzaria fechar, outra vai me contratar? Vai me contratar só porque eu trabalhei numa que fechou? Não.

Açafrão (16 anos): Eu tenho o meu tio, que desde quando eu era menor, que eu ia pro colégio junto com ele, a gente estudava no mesmo colégio. Aí ele estudava e eu não. Eu ia pro colégio só pra avacalhar, pra frescar. Ele estudava, estudava, e eu ficava chamando ele de nerd, babaca. Agora ele terminou o segundo curso e vai passar pra poder ser advogado. E eu tô aqui no sétimo ano ainda. Eu tô querendo parar pra estudar agora, que eu completei meus 16 anos, pra ver se eu consigo arrumar um emprego bom.

Cacto (15 anos): Se a pessoa não estudar, mais pra frente ela vai sentir falta dos estudos.

O "trampo", um conceito nativo utilizado pelos jovens, foi tratado nesta pesquisa como uma atividade reconhecida por eles como capaz de proporcionar alguma "grana". Trampar não segue a lógica do tempo do capitalismo por não ser regular e diária, nem a da CLT por não assegurar direitos, mas é a maneira mais comum entre as atividades laborais de jovens pobres com baixa formação escolar e qualificação profissional. Trampar pode ter uma relação com atividades legais ou ilegais (no caso desta pesquisa, 8,7% dos jovens "nem, nem" disseram que tramparam em algo ilegal e 1,3% dos jovens "nem, nem, nem" viveram essa situação), pode ser desenvolvida com os jovens tendo ou não experiência na atividade, pode ser de noite, de dia, na semana, nos fins de semana, faça chuva ou faça sol, o que designa o "trampar" é a oportunidade e a eventualidade. Os jovens "nem, nem", como estão à procura de algum trabalho, possuem mais experiência em trampos do que os "nem, nem, nem", como mostra a tabela abaixo:

## 11. FAZ ALGUM TRAMPO

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Não	33	40,7	35	52,2	45,3%
Sim	45	55,6	32	47,8	54,6%

Suas experiências no mundo do trabalho são narradas a partir de uma ideia de "trampo no que rolar", ou seja, jovens com experiências marcadas pela instabilidade, insegurança e precariedade.

Narciso (15 anos): Eu trabalho na feira da Parangaba, tia.

Hortênsia (20 anos): Num bar, lavando louça, garçõnete, ela é tudo.

Violeta (19 anos): Mas é só um dia na semana. Agora eu também estou trabalhando, mas pra mim não é um emprego. Porque é só uma vez na semana, vendendo Totolec. Eu só ganho se eu vender. Não é uma renda que dá pra se sustentar.

Angélica (24 anos): Não é obrigado você ter os estudos todinhos. Basta ter uma experiência. Eu trabalhei já de atendente, portanto tempo. Às vezes eles contrataram por experiência também. Também dão oportunidade pra quem nunca trabalhou, porque tudo tem sua primeira vez. Eu tenho experiência como balconista. Se eu colocar meu currículo em qualquer mercadinho, eu acho que eu passo. Na entrevista eu sei conversar, não fico nervosa. E olha que eu não terminei os estudos. E eu não minto não. Se perguntam “você terminou seus estudos?”. Não terminei não. Explico minha situação.

Gardênia (20 anos): Não vou mentir, tenho muito medo de ir pra uma entrevista e ficarem me perguntando várias coisas. Uma colega minha falou que fez uma entrevista ali no Atacadão. O homem lá perguntou pra ela quem era o presidente, ela não sabia nem responder. Te juro.

Ipê (17 anos): Eu vou atrás de algum emprego do tipo, capinar um terreno.

Açafrão (16 anos): Mas quando não tem, o jeito é chegar nos pés da mãe e implorar. Pedir pelo menos dez reais.

Açafrão (16 anos): Eles colocavam a gente pra trabalhar na Ceasa, 3 horas da manhã e ficava até meio-dia descarregando caminhão. Antes do meio-dia a gente terminava de descarregar as caixas de melão. Ai ele pagava 15 reais pra mim e 15 reais pra ele. Eu me sentia assim meio triste, porque eu fiz maior esforço, ele fez o esforço dele pra descarregar o caminhão todinho, fazer tudo certo, pra no final a gente ganhar só 15 reais.

O “trampo no que rolar”, não se destaca apenas como mais um dado analítico, mas assume centralidade, sendo um significativo “achado” da pesquisa. Observou-se que, mais que uma profissão, o que os jovens parecem buscar é a possibilidade de execução de *projetos* que os permitam atuar em múltiplas tarefas e possam assim *abrir portas* diversificadas de inserção no mercado de trabalho. Eugênio (2012, p. 229), ao refletir acerca de “novas profissões” no universo juvenil, assinala que esses sujeitos se equilibram entre os ritos da profissionalização e as rotas de criatividade, dos “corres que emergem do campo das experiências cotidianas. Ela designa essa tendência crescente como *geração slash*, aquele sinal gráfico de uma barra diagonal, utilizado em endereço da web”. Aprende-se fazendo, atua-se com o que se tem, e a cada projeto se pode mudar ou incorporar novas habilidades.

No grupo focal formado por jovens do gênero masculino (de 15 a 17 anos), observa-se a emergência de multitarefas. Um jovem pode atuar como servente, se preciso for, ou como monitor de informática. Como diz Samuel: “se quiser comprar alguma coisa tenho que dar meus pulos.” A recorrente expressão “dar meus pulos” significa que, a depender da situação, os jovens vão *costurando* e *descosturando* projetos. A noção de projeto, desenvolvida por Velho (1994, p. 41) no diálogo com A. Schutz, sinaliza a possibilidade de um tipo de organização coletiva ou individual que não é vivida de modo homogêneo. Cada projeto vai depender de singularidades relativas às trajetórias, tal qual família, gênero e geração. Complementa o referido autor que “a heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões” (1994, p. 48) e põem em xeque tradicionais concepções de identidade e de consistência existencial.

Pode-se dizer, atualizando a discussão efetuada por Gilberto Velho, que os projetos, mais que calcados em tradicionais referentes cristalizados de horizontes profissionais, pautam-se, amiúde, pelo vetor de “aquilo que rolar”. No geral, mesmo que o jovem não tenha sido preparado para a tarefa, ele costuma afirmar que “desdobra” o que vier, atuando numa confluência entre imaginação e experiência. Appadurai (2004, p. 48), numa instigante discussão acerca das *Dimensões culturais da globalização*, indica ser a imaginação, cada vez mais, um lugar e um vetor significativo nos sonhos de *concretização* de oportunidades no mundo do trabalho:

Imagem, imaginado, imaginário: são tudo termos que nos orientam para algo de fundamental e de novo nos processos culturais globais: a imaginação como prática social. Já não é mera fantasia (ópio do povo cuja verdadeira função está alhures), já não é simples fuga (de um mundo definido principalmente por objetivos e estruturas mais concretos), já não é passatempo de elites (portanto, irrelevante para as vidas da gente comum), já não é mera contemplação (irrelevante para novas formas de desejo e de subjectividade), a imaginação tornou-se um campo organizado de práticas sociais, uma maneira de trabalhar (tanto no sentido do labor como no de prática culturalmente organizada) é uma forma de negociação entre sedes de acção (indivíduos) e campos de possibilidade globalmente definidos.

A história de vida de M., residente no Conjunto Palmares, na vila localizada em uma rua de terra, sem saneamento ou pavimentação, cercada de terrenos baldios, tem um destacado efeito de projeção da versatilidade e das múltiplas possibilidades de ocupação, a depender dos “corres” e da necessidade “de dar seus pulos”. Com quatro filhos, tendo sido abusada pelo pai, “moradora de abrigo”, 25 anos, tendo abandonado a escola na sétima série, indica que já fez de tudo “para se virar”: trabalhou como faxineira num antiquário, teve uma pequena marmitaria numa vila em que morou, fazia sequilhos, foi empregada doméstica, teve um carrinho de lanches, e agora desenvolve uma nova atividade, como indica a pesquisadora:

Nos momentos em que estivemos na casa de M., foi possível notar que ela “negocia” eletrodomésticos, embora ela tenha omitido esta atividade quando questionada sobre seus “tramos”. Em uma situação, chegaram dois homens em uma moto, perguntando o que ela tinha. M. respondeu que estava com ventiladores e um microondas seminovos.

No curso de uma trajetória marcada por interrupções, desvios e precipitações, M.:

Em meio a risos, conta que sua vida daria um livro. Passou por vários perrengues com o carrinho de lanches que empurrava de casa até a policlínica: várias vezes o carrinho virou, perdeu bujão de gás e foi assaltada algumas vezes.

Além disso, diante de tantas tragédias cotidianas, como a morte súbita da mãe (que era alcoólatra), “afogada” em uma fossa, em meio a lama e fezes, M. resiste “empreendendo”, criando pequenos negócios. Atualmente, ela planeja montar um churrasquinho na esquina da vila onde mora, sonho adiado por conta de uma crise intestinal contraída por um dos filhos. Tudo que M., sujeito de uma estatística na qual figura como representante do gênero feminino de uma juventude “nem, nem, nem”, parece fazer é “se virar” de todas as formas que *imagina* e *empreende*, sem nenhum subsídio ou orientação das tantas políticas públicas que atuam no campo das juventudes.

De certo modo, há uma visível colisão entre o que os jovens vivem e anseiam e o *cardápio* limitado de ocupações que emergem no mercado de trabalho. A maior parte das possibilidades profissionais voltada para os jovens são pautadas nos referentes do mundo do trabalho formal e distanciadas daquelas que eles costumam experimentar e *imaginar*. Como afirma Appadurai, não se trata de “passatempo das elites”, a imaginação “tornou-se um campo organizado de práticas sociais”. A questão é pensar até que ponto, retomando Velho, os jovens “cheios de projetos”, principalmente os que perfazem o perfil “nem, nem” e “nem, nem, nem”, encontram um “campo de possibilidades” (1994, p. 44) que esteja sintonizado com aquilo que pontua suas trajetórias e experiências.

Vale ressaltar, sendo cada vez mais “a imaginação um palco para a acção e não apenas para a evasão” (APPADURAI, 2004, p. 20), que, se o jovem não encontra lugar para fazer vicejar essa imaginação, como se percebe nos dados e nas narrativas aqui apresentadas, ela pode fluir para esferas e ações ilegais, que mobilizem mais adrenalina e emoção e possibilitem mais “destaque” diante dos outros e da comunidade. Até porque a dimensão da visibilidade das ações na esfera pública, como menciona Hannah Arendt (1987), sendo ela o palco da “condição humana”, não se projetaria por meio de trabalhos repetitivos e mecânicos que parecem atirar para “invisibilidade” os já “esquecidos” jo-

vens da periferia. Daí que as áreas mais citadas no âmbito do trabalho, como pode se identificar na tabela abaixo, pouca relação estabelecem com profissões do mercado formal voltadas para a construção de carreiras lineares.

Trampar como serventes ou com serviços gerais foram as áreas mais citadas pelos jovens entrevistados, seguidas bem de perto pelo comércio, como apontam os dados a seguir:

## 12. TRAMPO

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Vendedor (cosmético, roupa, etc.)	11	13,2	3	4,5	9,3%
Servente, serviços gerais	5	6,1	10	15	10%
Auxiliar, ajudante	8	9,6	3	4,5	7,3%
Serviços de beleza (manicure, barbearia)	6	7,3	5	5,8	7,3%
Cuidador(a) (crianças, idosos, casa)	3	3,6	7	10,5	6,6%
Serviços diversos	7	8,4	3	4,5	6,6%
Ausente					52,7%

Por não exigir experiência dos jovens interessados no trampo, outras formas de ganhar dinheiro foram citadas pelos entrevistados. Podemos compreender que um trampo pode acontecer por uma indicação ou por uma oportunidade que surgiu eventualmente; no entanto, os jovens possuem habilidades ou experiências em áreas profissionais que também são reconhecidas como trampo, como apontam abaixo:

Violeta (19 anos): Telemarketing, babá. Experiência que foi pra currículo, foi trabalhar com telemarketing, em *call center*. (...) De vez em quando eu trabalho como designer de sobrancelhas, pelo curso que eu fiz aqui também. Só isso.

Gardênia (20 anos): Experiência eu não tive muita. Eu só cuidei de uma menina e só.

Angélica (24 anos): Eu já trabalhei no escritório do Hapvida como telemarketing. Já trabalhei aqui no Barretos. Já trabalhei no parque. (...) Só com o curso de designer de sobrancelhas, já dá pra arrumar um emprego no salão de carteira assinada. Só com teu curso. Tem muito salão que precisa de gente que trabalha com sobrancelha. É época de novo, aí é que vai precisar mesmo. Se ela colocar currículo em várias cabeleireiras, ela consegue.

Importante destacar a partir dos desejos e habilidades juvenis o que poderia ser oportunizado como áreas que mobilizam os afetos spinozianos, como foram citado anteriormente na referência à escola: o desejo e a segurança. O que querem os jovens? O que possibilitaria o desenvolvimento de uma trajetória no mundo do trabalho? A seguir, uma tabela com as áreas citadas pelos jovens como aquelas em que atuam para conseguir algum dinheiro:

## 13. ÁREAS DE ATUAÇÃO

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Vendas	10	12	3	4,5	6,6%
Beleza, estética	11	13,2	10	15	14%
Informática, tecnologia	11	13,2	3	4,5	9,3%
Serviços de beleza (manicure, barbearia)	6	7,3	5	5,8	7,3%
Construção e serviços gerais	1	1,2	6	7,2	4,6%
Costura	6	7,3	8	15	9,3%
Cuidador(a) (crianças, idosos, casa)	4	4,8	7	10,5	7,3%
Eventos	8	9,6	3	4,5	7,3%
Outros	24	29,6	23	33,8	31,3%

Como destaca Machado Pais (2005), a inserção do jovem no mundo do trabalho transformou-se em um percurso árduo, marcado pela alternância de períodos de desemprego, inatividade e reinserção, geralmente em trabalhos precários e desprotegidos. Esse cenário é o mobilizador do aparecimento de jovens “nem, nem”. De acordo com Blanch (2014), a existência de jovens “nem, nem” poderia estar evidenciando uma transformação silenciosa nos significados atribuídos ao trabalho, principalmente na concepção do trabalho enquanto atividade central na vida das pessoas. Com isso é importante compreender quais os significados que os jovens atribuem ao trabalho.

Percepções e significados sobre o trabalho foram destacadas pelos entrevistados que concordam que os jovens sonham com um bom trabalho, que os tornariam “pessoas de bem” e que poderiam garantir o futuro, entre outras questões destacadas por eles:

## 14. VISÕES SOBRE O TRABALHO

	Nem, nem		Nem, nem, nem				Total			
	Concordo		Discordo		Concordo		Discordo		Concordo	Discordo
	f	%	f	%	f	%	F	%		
O trabalho garante o futuro	72	88,9	9	11,1	57	83,9	11	16,1	86%	13,3%
O trabalho não compensa	7	8,6	74	91,4	6	8,8	62	91,2	8,6%	90,6%
A maior parte dos jovens sonham com um bom trabalho	81	100	0	-	58	85,3	10	14,7	92,6%	6,6%
O mundo do tráfico compensa mais	3	3,7	78	96,3	4	5,9	64	94,1	4,6%	94,6%
O trabalhador é uma pessoa de bem	79	97,5	2	2,5	65	95,6	3	4,4	96%	3,3%
Na periferia, bandido é mais respeitado do que o trabalhador	54	66,7	27	33,3	47	69,1	21	30,9	67,3%	32%

Os significados atribuídos ao trabalho são constituídos por elementos históricos e culturais compartilhados no contexto social, como também por uma dimensão intersubjetiva de cada pessoa. Com isso, as interpretações individuais acerca do trabalho são fruto tanto das experiências pessoais do sujeito, quanto a partir das relações que estabelecem com diferentes atores sociais, por meio dos quais ela tem acesso à informações, opiniões, crenças e valores sobre o trabalho. As falas a seguir evidenciam as percepções juvenis:

Jasmim (28 anos): Nos meus planos eu pretendo ainda os meus planos de antes. Terminar a construção da minha casa. Dar uma estrutura melhor tanto para ela [filha], quanto pra minha mãe, que eu moro com ela e como eu já falei, ir trabalhar nessa parte de recepcionista. Graças a Deus, meus sonhos não mudaram. Tem gente que diz que filho atrapalha. Atrapalha não. Aí é que eu vou criar mais forças ainda, porque eu vou querer dar o que eu não tive, pra ela.

Íris (22 anos): Meu sonho é terminar meus estudos, colocar minha filha no colégio, ter meu próprio salão.

Azaléia (26 anos): Eu também penso como ela. Meus planos ainda continuam os mesmos. Eu pretendo trabalhar, fazer faculdade, dar a vida que eu não tive para ela.

Magnólia (29 anos): Meu plano atual é conseguir um emprego. Antes de engravidar o meu sonho era fazer medicina. Até um tempo desses eu ainda queria tentar, mas hoje não é mais algo que eu vejo como frustração. Depois dela está tudo completo e eu não quero mais nada. Quero só trabalhar, ter saúde, crescer profissionalmente.

Agapanto (15 anos): Quero trabalhar bem e muito pra comprar uma Hornet. Uma moto.

Beri (16 anos): É. Eu acho que muitos negros por aí deixam de ter o sonho de infância, viram bandidos, por causa disso também. É uma revolta muito grande, sabe? (...) É. Eu já ouvi gente falar assim "ah, a maioria dos bandidos são pretos". Mas por quê, né? Quem é que sofre mais nesse Brasil? A pessoa fica revoltada. Não dá pra engolir.

Sobre participar de projetos sociais, 50% responderam que sim em ambos os perfis, com os jovens reconhecendo em 33% das respostas que o projeto ajudou muito em suas vidas. As atividades mais citadas foram no campo da arte e cultura. Os projetos mais citados foram os seguintes:

## 15. PROJETOS SOCIAIS

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
ABC (dança, maquiagem, circo, futsal)	4	4,8	7	10,5	7,3%
José Henrique	10	12,0	3	4,5	8,6%
Vivo Cidadania	2	2,4	2	3,0	2,6%
Associações de bairro	1	1,2	2	2,4	2%
Esporte (dança, capoeira)	8	9,6	4	4,8	8%
Coletivo jovem Coca-Cola	1	1,2	1	1,2	1,3%
Condomínio Digital	1	1,2	0	0	0,6%
SENAC	1	1,2	0	0	0,6%
CVHS, Instituição Outono, CEDEC	0	0	1	1,2	0,6%
Artes (grafite, pintura, artesanato)	1	1,2	3	3,6	2,6%
Igreja	1	1,2			0,6%
Laboral Crew	1	1,2			0,6%
Mais Educação	1	1,2			0,6%
CRAS - Primeiro Emprego	1	1,2			0,6%
PELC	1	1,2			0,6%
Raio de Luz	1	1,2			0,6%
Tecnologia	1	1,2			0,6%
Maquiagem	1	1,2			0,6%
CA Vida	1	1,2			0,6%
Pro-jovem	0	0	1	1,2	0,6%
Ausente					10%

Indagados sobre seus desejos de realizar algum curso de formação, 87,3% dos jovens pesquisados disseram que sim. Citaram como preferência os cursos nas áreas da computação e da estética. A inclusão digital é um dos grandes desafios em tempos de cultura digital na sociedade, assim como formas de tornar acessível as tecnologias de informação e comunicação. Estima-se que um total de 102,1 milhões de brasileiros possuem acesso à internet no Brasil, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE divulgada em 2016. Esse número corresponde a cerca de 49% da população brasileira, portanto, 51% dos mais de 200 milhões de brasileiros ainda não estão incluídos no mundo digital. A desigualdade na distribuição de renda é um traço decisivo nesse quadro. Já a indústria cosmética é uma área que no ano de 2016 cresceu 5% no mercado e é reconhecida como um ramo promissor e de perspectiva de amplo crescimento. A seguir a tabela sobre os interesses juvenis.

## 16. INTERESSES JUVENIS

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Computação	20	24,7	8	11,8	18,6%
Segurança	0	-	1	1,5	0,6%
Estilismo	2	2,5	4	5,9	4%
Estética	11	13,6	8	11,8	12,6%
Esporte	0	-	0	-	
Gastronomia	3	3,7	5	7,4	5,3%
Propaganda	4	4,9	0	-	2,6%
Cinema	0	-	0	-	
Games	0	-	0	-	
Hotelaria	0	-	0	-	
Dança	1	-	0	-	0,6%
Teatro	3	3,7	0	-	2%
Design	3	3,7	3	4,4	4%
Circo	0	-	0	-	
Música	0	-	0	-	
Artesanato	0	-	2	2,9	1,3%
Outros					35,6%
Administração	4	4,8	6	8,8	6,6%
Bombeiro	2	2,5			1,3%
Construção, engenharia civil	3	3,6	1	1,5	2,6%
Costura	1	1,2			0,6%
Humanas (direito, filosofia, assistência social, música)	2	2,4	3	4,4	3,3%
Educação	1	1,2	1	1,5	1,3%
Eletricista, eletrônicos	5	6,1	2	3,0	4,6%
Mecânica	1	1,2			0,6%
Produção de eventos	3	3,7	1	1,5	2,6%%
Radiologia	2	2,5			1,3%
Saúde (humana e animal)	3	3,6	3	4,5	4%
Ciências			1	1,5	0,6%
Vendas			1	1,5	0,6%
Química			1	1,5	0,6%
Recepção			1	1,5	0,6%

As narrativas dos jovens também apontam a computação e a estética como as áreas em destaque:

Hortênsia (20 anos): Cabeleireira. Informática também ia ser o máximo.

Violeta (19 anos): Depilação. Eu fiz um curso de pintura e textura. Isso aqui foi a gente que fez. Eu fiz também o de design de sobrancelha e agora de maquiagem.

Narciso (15 anos): Coisas estéticas, né, tia?

Agapanto (15 anos): Porque tem muito essas lojas de mecânica, de moto, essas coisas. Aqui no nosso bairro, né. Eu vejo que é um meio legal, da gente ganhar dinheiro.

Byra (16 anos): Mecânica também de moto.

Gerânio (17 anos): Enfermagem.

Cravo (17 anos): Computação.

Sobre suas "profissões do sonho", 74% dos entrevistados disseram que gostariam de ter uma atividade em especial. As mais citadas foram as áreas de saúde e de administração:

## 17. PROFISSÃO DOS SONHOS

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Administrações, empresário, contábeis	7	8,4	5	7,5	8%
Advogado, escrivão	3	3,7	3	4,4	4%
Arquiteto	2	2,5	--	--	1,3%
Assistente Social	2	2,5	--	--	1,3%
Artes (ator, escritor)	3	3,7	2	2,9	3,3%
Beleza e estética	5	5,9	7	10,5	8%
Bombeiro	1	1,2	--	--	0,6%
Cozinha, alimentos	2	2,4	2	2,9	2,6%
Construção, engenharia	3	3,6	1	1,5	2,6%
Tecnologia, mecânica	5	6,0	2	2,9	4,6%
Saúde (humana e animal)	12	14,4	14	21	17,3%
Militar (policial, exército)	1	1,2	3	4,5	2,6%
Esportista (jogador de futebol, lutador)	5	6,2	2	2,9	4,6%
Produtor de eventos, serviços de eventos	3	3,6	--	--	2%
Educação	2	2,4	--	--	1,3%
Pastor	1	1,2	--	--	0,6%
Qualquer coisa com carteira assinada, não sabe	1	1,2	1	1,2	0,6%
Ausente					8,7%

Importante destacar que a crise de inserção e estabilidade no mundo do trabalho atinge diversas classes sociais, independentemente de questões exclusivamente ligadas à escolarização. Giovanni Alves (2013) em suas reflexões sobre o trabalho destaca que a contemporaneidade produziu um exército de trabalhadores chamado de “precariado”, ou seja, a camada média do proletariado urbano precariado, constituída por jovens adultos altamente escolarizados com inserção precária nas relações de trabalho e vida social. Portanto, são diversas as barreiras estabelecidas para a inclusão socioprodutiva dos jovens. Mesmo diante delas, os jovens entrevistados nessa pesquisa ainda sonham com uma transformação em suas trajetórias de vida pela via do trabalho, como apontam os relatos a seguir:

Azaléia (26 anos): Eu acho que emprego dos sonhos hoje em dia é você trabalhar para você mesmo. Você pode fazer os seus horários, os seus dias. Eu acho que esse é o emprego dos sonhos.

Jasmim (28 anos): Eu quero seguir mesmo com essa área de recepção, conseguir mais experiência, porque eu estou vendo que eu estou conseguindo desenvolver. E depois conseguir o que eu quero. No momento eu quero abrir uma loja para mim, vender confecção, roupas. Vamos ver como é que caminha.

Gardênia (20 anos): Maquiadora. Eu tava até falando com a minha mãe e com meu marido para eles começarem a comprar produtos de maquiagem, pra se eu conseguir sair daqui com meu certificado, pra eu me empenhar mais ainda... minha mãe disse que ia comprar uma maleta de maquiagem, pra eu fazer... pra colocar no meu WhatsApp e quem quiser que vá fazer maquiagem, eu vou na casa da pessoa e faço. Numa festa, numa festa de 15 anos.

Hortênsia (20 anos): Deixa a pessoa totalmente diferente. Eu queria fazer gastronomia, eu gosto de cozinhar.

Angélica (24 anos): Eu também gosto de cozinhar.

Violeta (19 anos): Seria veterinária.

Beri (16 anos): Meu sonho era ser do exército.

Gerânio (17 anos): Jogador.

Byra (16 anos): Ser do exército também.

Cravo (17 anos): Quando eu era pivete, meu sonho era ser hacker. (...) Eu sei formatar computador, mexer nessas coisas também.

Açafrão (16 anos): Ou jogador de futebol, ou ser da marinha.

Cacto (15 anos): Ser do exército. Ou jogador de futebol... mas eu prefiro mais o exército.

Pesquisadora: Vocês poderiam explicar um pouquinho do motivo de vocês quererem ser do exército?

Açafrão (16 anos): Na marinha eu quero ser pra eu poder mostrar pros policiais, aqueles que me batiam, que não... que eu cresci e não fui seguir e fazer o que eles faziam comigo. Eu preferi trabalhar e demonstrar que eu sou cidadão. E quando eles forem me bater, eu só mostro minha carteira.

Profissões na área de saúde se destacaram nessa pesquisa, seguidas de áreas administrativas e de beleza e estética, essa última foi apontada especialmente no grupo dos jovens “nem, nem, nem”. O que pretendem alcançar no mundo do trabalho: dinheiro, como mostra a tabela a seguir.

## 18. ALCANÇAR COM O TRABALHO

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Dinheiro	56	69,1	50	73,5	70,6%
Sucesso	1	1,2	1	1,5	1,3%
Felicidade	2	2,5	3	4,4	3,3%
Poder	0	-	0	-	0%
Status	2	2,5	3	4,4	3,3%
Reconhecimento	1	1,2	3	4,4	2,6%
Satisfação	12	14,8	7	10,3	12,6%
Consideração	0	-	1	1,5	0,6%
Cidadania	2	2,5	1	1,5	2%
Outro					6,4%
Ajudar a família	1	1,2	2	2,9	2%
Independência	2	2,5	2	2,9	2,6%
Inteligência	1	1,2	-	-	0,6%
Experiência			1	1,5	0,6%
Viver com tranquilidade	-	-	1	1,5	0,6%

Nas narrativas dos jovens que participaram dos grupos focais há o destaque por uma formação rápida por meio de cursos técnicos que possam inseri-los no mercado de trabalho e torná-los “trabalhadores”, favorecendo com isso uma compreensão mais respeitável e protetora de sua condição social. Seriam importantes oportunidades como:

Íris (22 anos): Curso de cabeleireira e manicure.

Azaléia (26 anos): Cursos técnicos, né? Porque são mais distantes e não tem muito por aqui. Aqui mesmo no bairro não tem. Os que tem aqui são o básico do básico. Tem só um depois doanel viário, aí já fica bastante longe.

Jasmim (28 anos): Cursos técnicos mesmo. Os que tem são distantes...

Magnólia (29 anos): Cursos técnicos também e de graça. Eu gostaria de técnico em farmácia, segurança, de laboratório, essas coisas.

Cravo (17 anos): Pra mim bastava o respeito mesmo. Ser reconhecido, ter minhas coisas e respeito, já tá de bom tamanho.

José Machado Pais (2005) destaca que é no curso de suas interações sociais que os jovens constroem formas de compreensão e de entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e de ação. Dessa forma, abre-se uma "análise ascendente dos modos de vida dos jovens", que parte da diversidade de mecanismos, estratégias e táticas cotidianas significativas para entender como esses mecanismos são investidos, utilizados e transformados, assim como suas possíveis involuções e generalizações. Segundo o autor (2005, p. 14):

[...] alguns jovens movem-se no labirinto da vida numa entrega ao acaso ou ao destino, enquanto que outros atuam de forma estratégica, isto é, considerando várias tramas possíveis que podem modificar-se à medida que se confrontam com os imprevistos da vida, dado que está sujeito a uma série de contingências, as chamadas contingências da vida.

Sobre os acasos e prenunciados que marcam a vida dos indivíduos, em especial, sobre os vivenciados pelos jovens da contemporaneidade, a entrada no mundo do trabalho demarca uma mudança não só econômica como moral na vida das pessoas. Para muitos jovens, esse momento também é percebido como um passaporte de entrada para a vida adulta ou para a vida "com responsabilidades". Ser um trabalhador também é uma identidade constituída pela ideia de respeito e dignidade, pois, segundo o senso comum, aqueles que não trabalham ficam na "vagabundagem". Para a juventude pobre brasileira, o mundo do trabalho é uma experiência vivenciada de forma precária, instável e imposta por uma cobrança social e moral da qual muitos são reféns. Ricardo Antunes (2011) chama atenção para o fato de que a renovação das relações de trabalho (contratos temporários e terceirização), o incremento tecnológico (computadores e a robótica) e a participação do capital privado e internacional em setores regulados pelo Estado (privatizações e empresas internacionais) resultam, a partir dos anos de 1990, no aumento do desemprego e das formas de contratações precárias. Os jovens pobres menos escolarizados e com pouca experiência no mundo do trabalho encontram nesse contexto possibilidades muito reduzidas de inserção no mercado.

Observa-se, por vezes, um conjunto de dissonância entre os jovens e o mundo do trabalho que emerge, frequentemente, como invisíveis e silenciosas. O que no geral os jovens querem e podem fazer, ou aquilo que prefigura nas "contratações precárias", nos "bicos" ocasionais, não é, no geral, levado como ponto de partida para uma possível inserção dos mesmos no profissional. Explicando melhor, projeta-se e atua-se, em nível de políticas públicas, em uma perspectiva normativa: o que os jovens *deveriam* querer e *deveriam* buscar fazer.

Não por acaso, muito deles nesta pesquisa indicaram um desejo de seguir "administração", de saber "empreender" pequenos negócios (por exemplo, no caso das mulheres, maquiagem, design de sobancelhas, dentre outros), ou de ter ciência de como se portar em uma entrevista de emprego, que materializar para apresentar como currículo. Eles não sabem e não conseguem definir como sendo significativo o conjunto de experiências (*slash*) que eles "desenrolam", não identificam de que modo tudo isso pode ser registrado em um currículo, menos ainda no momento que estão sendo "testados" para um possível emprego. Então silenciam, "travam", como foi aludido

nos dados qualitativos. Dessa forma, os supostos empregadores concluem que eles não têm experiência e, ao serem “negados”, mais uma vez, reforça-se neles o já tortuoso e complexo caminho da frágil autoimagem.

São essas as vias de um segmento comumente denominado de “nem, nem” ou “nem, nem, nem”. Muitas vezes, tal qual assinala o Sumário Executivo da Pesquisa Millennials (2018), tratam-se de “pessoas ocupadas que levam a cabo tarefas valiosas em seus respectivos entornos”. Provavelmente, como indica o relatório, aproveitando o conhecimento tecnológico e sua atuação em redes digitais, pode-se tentar otimizar “programas virtuais de mentoria e orientação vocacional e profissional”. Ou seja, partir de onde estão os jovens, de suas práticas e experiências, do que já fazem, se orientados e bem capacitados, podem ampliar, reforçar e valorizar habilidades e saberes e assim concretizar sonhos possíveis.

## **TRAÇOS DE VIDA E SOCIABILIDADES JUVENIS**

Passando ao presente, um dos traços que mais caracteriza a actual condição juvenil é a situação de impasse vivida por muitos jovens em relação ao seu futuro, como destaca Machado Pais (2009). Eles até poderão galgar as fronteiras que, supostamente, permitem a passagem simbólica da juventude para a idade adulta; contudo – porque a precariedade pauta as suas trajetórias de vida – muitos deles não conseguem reunir condições de independência econômica estável. Não obstante, independentemente de as fronteiras entre as várias fases de vida se encontrarem sujeitas a uma crescente indeterminação, continuam a ser valorizados determinados marcadores de passagem (PAIS, 2009).

Os desafios frente às formas de sobrevivência, seja financeira ou emocional, são diversos e inquietantes. No caso dos jovens que participaram desta pesquisa, as mães possuem um lugar especial nas suas trajetórias. Para 44% dos entrevistados, são elas que ajudam o jovem a “tocar a vida”, seguido de companheiros/companheiras (16%) e dos pais (12%). Sobre problemas familiares, foram citados brigas, falta de dinheiro e uso de drogas, como aponta a tabela a seguir.

## 19. PROBLEMAS FAMILIARES

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Maus tratos	0	-	0	-	0
Desemprego	1	1,2	1	1,5	1,3%
Brigas	17	21,0	23	33,8	26,6%
Alcoolismo	4	4,9	0	-	2,6%
Falta de dinheiro	15	18,5	19	27,9	22,6%
Prisão	2	2,5	0	-	1,3%
Uso de droga	3	3,7	5	7,4	5,3%
Agressão/violência	4	4,9	3	4,4	4,6%
Outros					35,6%
<b>Nem, nem</b>					
Medo da violência	1	1,2			0,6
Saúde dos filhos	1	1,2			0,6
Separação dos pais	1	1,2			0,6
Não tem	2	2,5			1,3
<b>Nem, nem, nem</b>					
Perda da mãe	2	2,9			1,3
Afastamento do pai	2	2,9			1,3
Doença na família	1	1,5			0,6
Família desunida, desestruturada	1	1,5			0,6
Preconceito	1	1,5			0,6
Ausente					28,7

Elisabeth Roudinesco (2003) destaca que a ordem familiar econômico-burguesa repousava em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos. A entrada das mulheres no mercado de trabalho, sua possibilidade de separar a vida sexual da procriação, suas participações na vida pública, mesclando ainda mais os limites do público e do privado ao colocar suas opiniões e visões de mundo nos debates e decisões familiares, implicam em mudanças nas rotinas e convivências dentro das famílias. No imaginário do senso comum, essa “irrupção feminina”, como define a autora, é percebida como perigosa para as relações e responsabilidades familiares. Dessa forma, imputa-se às mulheres a função sagrada e exclusiva da maternidade, da educação e dos cuidados com os filhos.

Sobre problemas pessoais, a falta de oportunidade de emprego teve um amplo destaque frente as demais situações vividas pelos jovens.

## 20. PROBLEMAS PESSOAIS

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total (100%)
	f	%	F	%	
Falta de apoio da família	5	6,2	8	11,8	8,6%
Falta de apoio da escola	2	2,5	4	5,9	4%
Falta de oportunidades de emprego	20	24,7	15	22,1	23,3%
Insegurança	3	3,7	2	2,9	3,3%
Uso de drogas	2	2,5	6	8,8	5,3%
Cansaço	0	-	1	1,5	0,6%
Falta de vontade ou desinteresse	2	2,5	5	7,4	4,6%
Pessimismo (não acredito em mim ou na vida)	6	7,4	5	7,4	7,3%
Outros					19,2%
Profissionalização, finanças	4	4,8	1	1,5	3,3%
Características pessoais	12	14,4	8	11,9	13,3%
Hábitos	1	1,2	--	--	0,6%
Não sabe	3	3,7	--	--	2%

Observa-se que os quesitos da falta de reforço da família (11,8%) e da escola (5,9%), instâncias básicas da formação de valores e apoio psicológico, atingem juntas o percentual de quase 18% no segmento “nem, nem, nem”. Quando se trata da juventude “nem, nem”, esse somatório de percentual chega

apenas a 8,7%. Verifica-se que o refluxo do papel das instituições “família” e “escola” certamente ativa e multiplica as possibilidades de recuo de uma juventude diante do que acredita ser capaz, de apoio à sua permanência na escola e à busca de melhores oportunidades no campo profissional. Como bem frisa Lasch (1991) no livro *Família Refúgio num mundo sem coração?*, “cada vez mais as mesmas forças que empobreceram o trabalho e a vida cívica invadem o reino privado e seu último reduto, a família”. Portanto, os “problemas pessoais” (p. 23) dos jovens são, eminentemente, problemas sociais, que se projetam para além de seus bairros, famílias e cidades. São tensões do mundo do trabalho, móveis que constituem aquilo que alguns designam como modernidade: encontrar-se num tempo que promete aventura, poder, crescimento e, ao mesmo tempo, “ameaça destruir tudo que temos, tudo que sabemos, tudo que somos” (HARVEY, 1992, p. 21).

Até que ponto Fortaleza, metrópole ampliada, é percebida e identificada no imaginário dos jovens “nem, nem” e “nem, nem, nem” aqui pesquisados? Rogério (1993) indica que a própria formação da cidade de Fortaleza está conectada a dimensões de segregação e disciplinarização da pobreza. Desde os primeiros momentos de iniciativas de modernização e aformoseamento de Fortaleza, subsiste a ideia, segundo o autor, de que pobres e sujeitos considerados perigosos deveriam ser mantidos em locais a eles destinados, distantes dos olhos e do panorama urbano dos privilegiados. Assim sendo, Fortaleza é marcada por fortes “estigmas territoriais” (WACQUANT, 1995, p. 70), o que “afeta não só a interação com empregadores mas também com a polícia, a justiça, a burocracia do bem-estar social”.

De forma metafórica, para os jovens pesquisados, é como se houvesse uma Fortaleza imaginária, lugar de sonhos de mobilidade e consumo e seus bairros, locais de moradia onde emerge uma Fortaleza que *não é*, uma Fortaleza *inexistente*. De algum modo, esse gostar de Fortaleza, assinalado por parte expressiva das juventudes *escutadas*, diz respeito à dimensão da *estratégia* (DE CERTEAU, 2000, p. 99), “lugar suscetível de ser circunscrito”, o “poder do saber”, que se coloca distante de *táticas* de vivências e enunciação do espaço efetuadas, cotidianamente, por essas juventudes.

Nas suas vivências cotidianas, os jovens declararam que precisam ter astúcias para conseguir driblar o poder das polícias, das facções e dos sujeitos que mapeiam, classificam e dominam os espaços de vida na periferia do Bom Jardim. Por isso, como assina De Certeau (2000, p. 100), a *tática* “aproveita as ocasiões e delas depende”, tendo que “utilizar as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder [...]”. Assim os jovens mesclam o gostar de Fortaleza com os problemas que taticamente enfrentam e com as vias de possibilidades que inventam para tornar possível suas vidas na *cidade*.

Assim, os jovens disseram que gostam da cidade de Fortaleza, apesar de destacarem problemas como:

Magnólia (29 anos): Eu sou apaixonada pela cidade. Eu amo. Mas eu estou pensando muito em ir pro interior. Eu estou muito triste com a situação da cidade. Eu gostava de ir muito de ir para beira-mar. Mas agora eu tenho muito medo de andar de carro, de ônibus. A parada de ônibus é muito longe. Nem carro você anda em paz. É medo de ser roubado, de ser assaltado no caminho.

Byra (16 anos): O que tá estragando mesmo são essas facções. Que ninguém pode sair de casa. Só é confiável sair se for de carro ou moto, porque se for a pé ou de bicicleta, é perigoso.

A afirmação positiva apareceu em 86,6% das respostas. Os lugares prediletos na cidade citados foram: praias para 36,6%, outros bairros para 25,3% e shoppings para 7,3%. Quando perguntados sobre as formas de diversão, apontaram uma diversidade de respostas.

21. **DIVERSÃO**

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Ir para a praça	11	13,6	12	17,6	15,3%
Ficar com os amigos na esquina	3	3,7	5	7,4	5,3%
Escutar música	3	3,7	2	2,9	3,3%
Ficar na internet	3	3,7	4	5,9	4,6%
Dançar	5	6,2	4	5,9	6%
Namorar	0	-	0	-	
Ir para jogos de futebol	20	24,7	4	5,9	16%
Fumar	0	-	0	-	
Ficar em casa	8	9,9	11	16,2	12,6%
Roubar	0	-	0	-	
Jogar videogame	2	2,5	0	-	1,3%
Outros					35,5%
Esportes (futebol, skate)	3	3,7	--	--	2%
Sair com amigos e família	3	3,7	6	8,9	6%
Igreja	3	3,7	3	3,7	4%
Shopping, cinema	6	7,4	1	1,5	4,6%
Polo cultural, projetos	1	1,2	--	--	0,6%
Praia	7	8,4	12	18,0	12,6%
Ler	1	1,2	1	1,5	1,3%
Programas caseiros	--	--	4	5,9	2,6%

Práticas de lazer e cultura deveriam ser ações efetivadas com mais recorrência quando tratamos das políticas públicas para a juventude. Segundo os dados dessa pesquisa, os jovens apontam as praças e os campos de futebol como práticas de lazer mais destacadas em suas sociabilidades ligadas à diversão quando o uso do tempo livre significa lazer, o que nem sempre é compreendido dessa forma. Brenner, Dayrell e Carrano (2005) pontuam que o tempo livre do trabalho pode significar o “espaço da penúria, da opressão e da falta de oportunidade” (2005, p. 178). Como se o tempo não

utilizado de forma produtiva (no entendimento de uma sociedade capitalista, portanto, dedicado ao trabalho) fosse um tempo desperdiçado. Nesse sentido, podemos questionar: quais são as opções de lazer destinado às juventudes das periferias da cidade? Nas falas a seguir, observa-se a percepção juvenil:

Violeta (19 anos): Eu mal saio de casa. Todo dia eu ia pra praça, me reunir com os amigos. Porque lá é um ponto de referência para todo mundo se juntar. Talvez até beber, conversar, ficar conversando até umas horas da noite. Só que agora você não pode ficar até tarde no meio da rua, a gente não pode ir pra rua tal. É muito chato. Então eu prefiro ficar em casa. Tá com quase uma semana que eu não saio mais, fico só em casa. Só venho para o curso e volto. Nem para escola eu estou indo mais.

Hortênsia (20 anos): Eu não saio porque... tipo assim, eu tenho muitas amizades que eu posso chamar de colegas, que não são tão amizades assim. Só que eu fico mais dentro de casa por conta da violência. As coisas hoje em dia estão muito assim, por conta da insegurança também. Eu temo pelo quê? Pela minha vida. Eu não quero dar uma tristeza enorme para minha mãe, de estar no meio da rua e, Deus me livre, levar uma bala perdida...

Angélica (24 anos): Eu gostava muito de ir para a praça. Eu gostava muito dos reggae. Era a única diversão que tinha. Para mim a única diversão que tinha era o reggae, fora as farras que tinha na favela, só que não tem mais. A pessoa que ia fazer, já falou que não vai mais fazer por causa da insegurança.

Beri (16 anos): Nada. No máximo pra praia. (...) Só a praia de Iracema, porque a Barra não pode.

Byra (16 anos): Só na calçada conversando.

Gerânio (17 anos): Dar um balão de bike.

Cravo (17 anos): Não vai. Fica aqui.

Pesquisadora: Mas essas festas de reggae tão acontecendo ainda?

Beri (16 anos): Acontece mais não, porque é direto. Toda vez que acontece, morre um, dois.

Cravo (17 anos): Morreu uma ruma de jovens aí essa semana, depois do reggae. Teve um menino lá do CDV também, que eu vi a foto dele. Foi assassinado.

Açafrão (16 anos): É mais pelo bairro mesmo, porque não pode mais sair de um canto pro outro... aí a gente fica mais dentro do bairro mesmo.

Cacto (15 anos): Como eu não tenho internet em casa, eu tenho que passar o dia lá na minha vó perturbando ela. Isso porque eu não tenho nem internet, nem celular. Eu passo o dia lá na minha vó perturbando pelo celular dela, para eu poder jogar.

Em seus bairros, a praça é o lugar predileto de 43,3% dos entrevistados. No entanto, a vida no bairro é compreendida através de situações de violência (47,3%), insegurança (16%) e descaso dos governantes (13%). Segundo 52% dos entrevistados, o bairro possui um "mandante" que é reconhecido por 48% como um traficante. O campo das violências juvenis, ao ser, algumas vezes, tomado como arena reprodutora do estigma da juventude como problema, foi identificado como um mero assunto da polícia e da esfera restrita da segurança pública.

Schindler (1996, p. 276), na sua preciosa reflexão histórica sobre a juventude, expressa a importância da função social dos jovens "enquanto detentores de costumes do mundo às avessas". Atos de vandalismo, excessos de exibicionismo, tumultos noturnos, tribunais burlescos representavam "um campo de experiências e aventuras, que criava, para além das hierarquias sociais cons-

tituídas, um sentido de pertencimento à mesma comunidade” (p. 302). Discursos sobre a violência nos bairros marcam as narrativas juvenis, como observa-se a seguir.

Azaléia (26 anos): Eu acho que eu não me mudaria daqui. Eu gosto do meu bairro, gosto das pessoas que moram aqui. Mas aí tem também a parte da violência. Eu acho que falta mais segurança pra gente poder ir para os lugares que a gente gosta. Eu frequento mais a casa de parentes.

Jasmim (28 anos): O bairro em si é bom. Mas o que tá pegando mesmo é essa parte da segurança. Você não tem tanta segurança em sair. Para onde eu gosto mais de sair com ela, o lugar mais próximo é a pracinha [praça da Igreja Santa Cecília]. Ela foi até reformada. A gente leva, mas ainda é com medo. Semana passada a gente tinha acabado de sair de lá e teve tiroteio. É isso mesmo, a parte da segurança. A gente fica um pouco apreensiva.

Violeta (19 anos): Dá medo de sair na rua. Nem para a escola eu tava indo mais. Pararam foi a minha mãe para dizer que eu estava indo muito para... que não deixasse eu ir para a praça. Aí eu fiquei com medo também.

Angélica (24 anos): No meu antigo bairro, lá no Bom Jardim, tinha um toque de recolher. 8 horas da noite a gente tinha que estar dentro de casa. E tinha que respeitar, porque a gente não ia enfrentar. Então a gente ficava em casa. (...) Tudo que eu queria era paz, que acabasse com essas coisas de facção... porque o que acaba com o jovem são essas coisas de facção. Se não existisse isso, professora, todo mundo era amigo. Podia ir pra onde quisesse, fazer o que quisesse. Eu moro aqui nesse bairro, tenho tia que mora em outro, que eu gosto muito dela, e eu não posso ver minha tia. Se eu sair daqui, pra ir ali, capaz de nunca mais eu voltar.

Narciso (15 anos): Eu queria que esses prefeitos todos criassem vergonha na cara e o que prometessem fazer pra gente, eles fizessem. Eles deviam colocar na cabeça deles que eles são humanos que nem a gente.

Cravo (17 anos): Sempre foi perigoso, mas agora a gente tem limite. Não pode andar por alguns lugares.

Gerânio (17 anos): Eu acho que faltam coisas pra ocupar a mente do jovem.

Cacto (15 anos): A polícia por aqui quer ser “queixuda” demais.

Ipê (17 anos): Os policiais deixarem mais de ser agressivos.

Ainda sobre a vida nos bairros, a presença da polícia é percebida de forma negativa para 77,3% dos entrevistadas. A violência policial é a agressão mais citada na trajetória de vida dos jovens, como observa-se a seguir.

## 22. VIOLÊNCIAS SOFRIDAS

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Preconceito racial	3	3,7	2	2,9	3,3%
Violência doméstica	5	6,2	8	11,8	8,6%
Violência policial	24	29,6	14	20,6	25,3%
Violência sexual	2	2,5	1	1,5	2%
Abuso sexual	0	-	4	5,9	2,6%
Assédio sexual	0	-	3	4,4	2%
Apanhou de outro jovem	9	11,1	7	10,3	10,6%
Apanhou do(a) companheiro(a)/namorado(a)	0	-	2	2,9	1,3%
Outros					27,6%
<b>Nem, nem</b>					
Apanhou de assaltante	1	1,2			0,6%
Bullying	1	1,2			0,6%
Discussão verbal	1	1,2			0,6%
Agressão psicológica	1	1,2			0,6%
<b>Nem, nem, nem</b>					
Abuso dos avós, trabalho doméstico infantil	16	67,6			10,6%
Por morar na favela, chamaram de vagabunda	22	32,4			14,6%

De modo geral, as políticas de juventude no campo da segurança pública pendulam entre os seguintes eixos binários: a necessidade de atuar nos territórios e diminuir índices de violência e proteger o segmento vitimizado dessa população e o temor de reforçar o estigma do jovem negro morador da periferia que conforma a concepção do senso comum em todo o cenário brasileiro. Michel Misse (2008, p. 10) destaca a construção de um perfil de risco:

a sujeição criminal é exatamente esse processo por meio do qual um cidadão incriminado é transformado num não homem, em que o criminoso é transformado em "bandido", isto é, num tipo social cuja afinidade com outros tipos e camadas sociais está estabelecida no tempo de longa duração de nossa história.

As práticas discursivas e não discursivas da sujeição criminal atingem jovens em conflito com a lei, identificando-os como jovens que podem ser mortos, no limite extremo do que está implícito nessa discursividade, conforme destaca Misse (2008). As abordagens policiais truculentas e violentas representam a contraface mais visível dessa realidade de discriminações praticadas pela violência institucional contra jovens. Todavia, as estratégias de responsabilização penal juvenil nos trâmites de justiça podem ser até consideradas as faces mais manifestas do arbítrio, tendo em vista que há recorrências de sentenças concentradas na internação provisória e na internação que atuam como formas implícitas de penalização juvenil, como destaca o autor. No caso da violência policial contra jovens das camadas populares, temos apenas o exemplo mais explícito do caráter de sujeição criminal anteriormente discutido. As narrativas a seguir apontam as violências sofridas pelos jovens pobres:

Gardênia (20 anos): Eu acho que não é investir na segurança, é eles olharem os policiais. Porque tem muito policial racista, corrupto... vê a pessoa... já passei por isso várias vezes, de me ver e me pararem porque eu sou negra, sou da favela, pensam que eu tenho drogas, me olham torto. Olham pra minha amiga branca e eu sou negra, e me colocam pra fora. Já aconteceu várias vezes. Eu acho que isso que tem que colocar em pauta. Não é a segurança, mas os policiais que tem nela.

Violeta (19 anos): Já pararam ela aqui, é só porque ela se veste de *boy* deram uma pisa nela. O policial meteu a peia. Ele fez xixi nela... ela foi maltratada só pelo que ela escolheu ser. Ela fala assim "eu não sou homem, eu só gosto de me vestir assim". Ela não se sente um homem, ela só gosta de se vestir assim. A roupa dela não define o sexo dela, não. Aí eu fiquei com muito ódio, quando eu soube que ela apanhou dos guardinhas, só porque ela... eles falaram assim "tu não quer ser homem? Então tu vai apanhar que nem homem".

Agapanto (15 anos): E os policiais quando chegam, não correm pela gente não, eles fazem é matar a gente. (...) Tem policial que é assim, depende muito. Mas se tiver numa abordagem e ele quiser levar seu celular, ele leva e você não pode falar nada. Vai falar o quê? Ele tem uma arma. Ele pode muito bem te levar pro escuro e te matar. (...) Eu conheço um menino que aconteceu algo tipo isso. Ele tava num mutirão, os policiais estavam fazendo uma ronda lá, entraram na casa dele, mas não acharam droga nem nada, mas levaram o celular dele.

Beri (16 anos): Eu não vou mentir, eu nunca fui parado por policial, nunca levei nenhum cascudo não. Mas eu não ia deixar barato. Não ia fazer nada na hora, porque eles podiam me matar, mas depois.

Cravo (17 anos): Eu já fui. Uma vez. Graças a Deus foi normalmente. Eu tava só indo na lan house, aí de repente só escutei "mão na cabeça!". Aí eu olhei pra trás, ao fuzil apontado pra mim. Eu coloquei a mão na cabeça, ele perguntou onde eu morava. Aí eu disse que morava aí na Mendelin, perguntou quantos anos eu tinha e se eu respondia a alguma coisa, eu disse que não. Aí deixaram eu ir.

Cacto (15 anos): No dia que eles me abordaram, com outro menino ali, e o pivete dali, ele tirou um alicate... e disse que ia arrancar meus brincos, ficou puxando. "Posso arrancar?", e eu só de cabeça baixa. Ele pegou e na hora que eu fui saindo, tava liberado, ele tacou um murro na minha cabeça e mandou eu sair.



Açafrão (16 anos): Só porque tão fardados, querem ser o tal, quero ver se tirar aquela farda se não vão ser a mesma coisa que nós. Ai ficam todos valentões, querendo dar uma de bichão. Se a gente abrir a boca, capaz até de matarem a gente.

No correr da vida muitas experiências são acumuladas e muitas memórias descartadas. Indagados se mudariam suas vidas, 75% dos jovens disseram que sim, destacando como as principais mudanças as suas vidas profissionais e financeiras, em 28% das respostas, e a escolaridade em 16% dos desejos e vontades de mudança de vida dos jovens pobres, negros, que cursaram o ensino médio, que *trampam*, que moram com as mães e que dependem delas para viverem no Grande Bom Jardim. Apesar disso, o futuro é visto por eles de forma positiva, como demonstra a tabela abaixo:

### 23. VISÕES SOBRE O FUTURO

	Nem, nem		Nem, nem, nem		Total
	f	%	F	%	(100%)
Visão positiva (bom, crescer, feliz, estável)	39	46,8	30	44,9	46%
Visão negativa (difícil, horrível, pior)	12	14,4	8	11,9	13,3%
Visão incerta (não sabe, igual, mesma coisa, só Deus sabe)	26	31,2	28	33,6	36%
Ausente					4,7%

Compreendido dentro de uma perspectiva de geração de "desfuturizados", como classifica Machado Pais (2006), porque o futuro se encontra "(des)governado pelo princípio da incerteza" (2006, p. 12), alguns projetos de vida ainda são pincelados por eles(as). Assim, há um "refúgio na ilusão como estratégia de fuga à realidade" (2006, p. 12). Os relatos a seguir apontam essa percepção:

Azaléia (26 anos): Daqui a cinco anos, minha filha vai estar com cinco anos. Espero que ela esteja em uma escola boa, que eu tenha condições de pagar, né. Eu quero investir mesmo no futuro dela. Mas para isso eu quero estar num bom emprego. Também queria conseguir minha casa própria e um transporte também é bom. E é isso que eu queria para daqui a cinco anos.

Magnólia (29 anos): Eu gostaria de estar estabilizada, ou concursada, ou com um emprego melhor que isso. Queria ter condições de me mudar do bairro. E viajar bastante nesses cinco anos.

Hortênsia (20 anos): Arrumar um emprego, ser independente e ter uma renda fixa, que eu pudesse ajudar o meu marido dentro de casa. É muito chato ver ele trabalhar 5:30 da manhã, chegar em casa, só ele se matando pra poder me dar as coisas, e também colocar as coisas dentro de casa. Certo que mulher não pode ter pena de homem, né? Mas eu fico meio assim, porque é só ele, só ele. Mas eu queria ter pra mim. Ter pra mim e ajudar ele. Poder pagar uma

conta, entendeu? Também estar dentro de casa e não ter que escutar "quem manda aqui sou eu, porque eu que pago as contas". Isso aí é chato, muito chato. Queria depender de mim mesma.

Gardênia (20 anos): Eu acho que no momento o queria era depender de mim mesma, não depender dos outros, ajudar minha mãe, que é um grande sonho meu, conseguir pagar minha faculdade e ter minha ONG, pra ajudar a cuidar dos animais.

Cravo (17 anos): Meu sonho mesmo é de ter uma família, casa própria, viver sossegado. Eu sonho com isso. Eu tenho muita fé em Deus que vai dar certo para nós todos aqui.

Byra (16 anos): Uma vida digna que dê para o cara se sustentar, viver sossegado.

Gerânio (17 anos): Um emprego bom para sustentar minha mãe, dar uma vida melhor para ela. Ter uma motinha.

Beri (16 anos): Eu não sei ainda. Mesma coisa... estar trabalhando, ter terminado os estudos.

Ipê (17 anos): Se continuar do jeito que está, vai ter guerra. Se hoje em dia já está tendo, policial matando ladrão, ladrão matando policial. Se isso não continuar, eu acho que vai ser ótimo.

Portanto, diante de tantas movimentações, incertezas, inseguranças, flutuações, projeções e descon- tinuidades, os jovens, especialmente os pobres, negros, moradores das periferias, com pouco estudo e experiência no mundo do trabalho, criam as suas formas de sobrevivência. Suas trajetórias são mar- cadas por "setas do tempo linear", como destaca Pais (2006), que se cruzam com o "enroscamento do tempo cíclico" e "temporalidades ziguezagueantes e velozes" na qual se vivem os chamados "contra- tempos". Nos tempos atuais, os tais contratempos podem ameaçar não só vidas, como sonhos e atitu- des capazes de traçar caminhos mais justos e menos desiguais para quem nasce marcado ou condena- do por ser jovem, negro, pobre e nordestino.



PARTE QUATRO

# ASPECTOS CONCLUSIVOS RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS



## ASPECTOS CONCLUSIVOS

As culturas juvenis podem ser observadas a partir das diversas práticas de sociabilidade que inscrevem modos de ser e de pensar, e até mesmo de refazer e repensar, modos, regras e costumes sociais. Podemos também compreendê-las por meio de suas expressões cotidianas, da forma como organizam seus modos de viver, das interações interinstitucionais (família, escola, trabalho, religião), das práticas culturais, das suas vivências grupais e dos seus adornos estéticos e éticos. No entanto, os dias atuais nos provocam a pensar a condição juvenil por meio de ritos de passagem de uma fase da vida para outra, como também destaca José Machado Pais, os *ritos de impasse* que fazem com que a travessia de uma fase para outra não seja linear, nem regular, nem previsível, especialmente quando observamos um recorte de classe, de raça e de gênero. Nesses casos, tratamos das contingências da vida, ou algo que pode vir a acontecer, mas que não pode ser controlado ou previsto, que tem como fundamento a incerteza do que pode ou não vir a acontecer.

Portanto, analisar a experiência com o mundo do trabalho para as juventudes da contemporaneidade é considerar essa percepção sobre as contingências da vida que muitas vezes são produzidas mais por fatores externos do que individuais. Um caso que exemplifica essa observação é a “restrição do ir e vir”, ou os impedimentos que os jovens enfrentam em andar pelos seus bairros ou atravessar a cidade em decorrência da delimitação definida pelas facções criminosas. Importante destacar que essa característica não é específica da cidade de Fortaleza. Outro fator que dificulta a inserção laboral é a restrição de oportunidades que considerem os interesses juvenis e que proporcionem atividades de trabalho caracterizadas por ações que destacam formas autônomas e não subordinadas, como, por exemplo, formações na área de informática, de pequenas marmitarias domésticas, ou de estética que tornem os jovens empreendedores e não funcionários de alguém ou de uma instituição.

Observa-se, no trabalho de campo dessa pesquisa, que há uma diferença nas ações de geração de trabalho e renda entre os jovens na faixa etária de 15 a 19 anos e entre os jovens com mais de 20 anos, sejam eles os que não trabalham e não estudam e os que não trabalham, não estudam e não estão procurando. Os jovens “mais jovens” encontram-se num período de indecisões, incertezas e desinteresse em definir não só o sentido do trabalho, pois muitos ainda são sustentados pelos pais, não abandonaram completamente a escola e não tiveram filhos. Para eles, as ações dos programas de geração de trabalho e renda devem focar no estímulo de seus interesses ou em atividades de formação que despertem interesses profissionais e que trabalhem formas de percepções psicossociais sobre a importância e o significado do trabalho. Raramente os projetos e programas direcionados às juventudes consideram que há períodos diferentes na vida para os jovens reconhecerem o significado do trabalho; por isso, muitos não sabem responder ou associam o trabalho à possibilidade de conseguir um dinheiro para suprir seus desejos com lazer e bens de consumo supérfluos.

No caso dos jovens “mais velhos”, nota-se que há um período diferente marcado por preocupações com a criação de filhos e com a compra de casa ou de meios de transporte que estão associadas a uma organização futura de suas vidas. Jovens com mais de 20 anos que nem estudam, nem trabalham, nem estão procurando trabalho são indivíduos que já tiveram algum tipo de experiência profissional, muitas vezes, no que “apareceu para fazer”, desconectados de seus desejos e interesses laborais e geralmente em trabalhos subordinados. Para esses jovens, é eficaz a realização de projetos e programas que os formem para empreender seus próprios meios de sobrevivência e de trabalho. As áreas de informática e estética podem ser percebidas de forma diferente pelos gestores de projetos. Você pode formar uma garota a ter seu próprio salão de beleza ensinando não só as habilidades profissionais para cuidar de unhas e de cabelos e fazer maquiagem, como também ensinando a jovem a administrar seu estabelecimen-

to. Programas de financiamento de pequenos empreendimentos são bem-sucedidos quando há não só o acompanhamento do pagamento das parcelas do empréstimo, como também formações permanentes de como gerenciar e administrar o seu negócio. O mesmo vale para os jovens que desejam empreender um negócio na área da informática, transformando-os em responsáveis e criadores das ações desenvolvidas sob sua direção, em vez de serem trabalhadores de *call centers*. A eficácia em programas de geração de trabalho e renda para os jovens deve alocá-los como empreendedores autônomos com a criatividade estimulada e não meros funcionários a *mercê* do autoritarismo de seus patrões.

A ideia de subordinação, obrigação e desestímulo à criatividade faz com que os jovens se afastem dos projetos sociais e que não os tenham como um referencial. Observa-se com essa pesquisa que os projetos não são destacados pelos jovens em suas narrativas porque são mais compreendidos como atividades de entretenimento e de ocupação do tempo livre (portanto, "mais do mesmo") do que como uma forma de desenvolver habilidades e oportunidades de trabalho. Daí que o nível de *confiança* nas instituições/projetos/ONGs que atuam no Grande Bom Jardim pode ser definido a partir das seguintes distinções e graus variados de distanciamento em relação aos jovens identificados como "nem, nem" e "nem, nem, nem":

- » a) Ações marcadas no imaginário juvenil sob o rótulo da reprodução de um estigma de violência em relação às juventudes locais e que têm o terror e o medo como signos de reconhecimento. No geral, essas instituições utilizam a ideia de promoção da segurança pública como forma de contenção, disciplinamento e repressão aos jovens de modo geral. Houve severas críticas dos jovens desse projeto ao Ceará Pacífico. Logo de início os pesquisadores foram alertados para em *nenhuma* circunstância se identificarem com marcas governamentais para não serem confundidos, devido à grande rejeição dos jovens, na qualidade de agentes do referido projeto.
- » b) Iniciativas que se voltam, de modo geral, a tentar ressignificar traços da "autoestima" dos jovens, da "valorização humana", da "difusão de uma cultura de paz", da produção de agentes e atores culturais sem que muitas vezes os agentes responsáveis detenham os recursos financeiros e o suporte necessário para complexidade de uma ação que se desenvolve em rede e que demanda o apoio e aporte de outras instituições (atuando em todas as esferas da sociabilidade juvenil). Um exemplo é o projeto desenvolvido pelo Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), que tenta "transformar jovens em multiplicadores de uma cultura de paz". Esse projeto atua com um grupo de, em média, vinte jovens dos seguintes bairros: Siqueira, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Bom Jardim.
- » c) Iniciativas muito próximas do que poderia ser identificado na qualidade de juventude "nem, nem" e "nem, nem, nem", como a da Associação de Umbanda do Conjunto São Miguel, cujo objetivo é a "garantia de direitos humanos e sociais" e o "fortalecimento de vínculos com egressos da justiça", em que as ações acabam se voltando para que se "salve vidas", tal qual o relato de um diário de campo de um dos pesquisadores: "Tanto na fala de Jacinto, quanto de Juliano, fica evidente uma preocupação com os casos específicos: a resolução de casos, dos problemas específicos, um jovem por vez. 'Só nessa rua teve 4 vítimas...', com idades de 14 a 17 anos";
- » d) O Instituição Verão, iniciativa não formalizada. No quintal de sua casa, Bromélia criou um palco coberto que promove encontros com músicos locais e de outras partes da cidade. Também iniciou uma pequena biblioteca e, nesse espaço, organiza também saraus. O projeto aproxima e atinge jovens "nem, nem" e "nem, nem, nem" que, inclusive, frequentam o quintal, participam dos saraus e acessam a leitura de livros;
- » e) O Centro Cultural Bom Jardim opera em capilaridade, aliando-se a instituições que atuam em todo o Bom Jardim. Observou-se que, no geral, o CCBJ tenta democratizar suas iniciativas por meio de editais, tendo potencialmente capacidade de atrair a atenção e o desejo de aproximação dessas juventudes. Por vezes, as juventudes "nem, nem" e "nem, nem, nem", movidas por um sentimento de estigma e autoexclusão, tendem a se distanciar desse tipo de iniciativa (editais) e acabam alocando-se em espaços mais próximos de seus interesses e mundos de vida.

Em quase todas as tipificações apresentadas, observa-se que parte substancial das ações evidenciadas são voltadas para a tentativa de minimizar, promover direitos, “fazer justiça” e proteger a vida de jovens ameaçados por constantes ondas de repressão e violência. As possíveis inserções no mundo do trabalho acabam por serem negligenciadas, tendo em vista a premência de se tentar contornar as consequências de vidas que parecem se inserir em paisagens de guerra e em supostos contextos de “paz”.

Portanto, quando analisamos a percepção dos jovens e dos adultos sobre a inserção do jovem no mundo do trabalho, estamos diante de um tripé formado pela compreensão do trabalho como uma necessidade, um valor ou um direito.

Como uma necessidade destaca-se a forma como a sociedade capitalista centraliza a produção e reprodução da vida humana por meio do trabalho, percepção essa afirmada em todo pensamento marxista. É pelo trabalho que se “arruma dinheiro”, que “se consegue uma grana” para seu sustento, para sua existência e para o reconhecimento de sua dignidade, pois essa mesma sociedade classifica os indivíduos entre os trabalhadores e os vagabundos quando a percepção do trabalho se dá como um valor. Ser classificado como um trabalhador também é uma forma de proteção, um escudo que pode salvar os jovens do recrutamento de formas de preconceito e estigmatização, muitas vezes realizadas por sua condição de ser jovem, ser pobre e ser preto. Então, o trabalho como um valor talvez não seja a principal demanda juvenil, mas uma necessidade de cunho pessoal e social, com urgências e interesses mais imediatos. Compreendê-lo como um direito demanda um reconhecimento, especialmente, por parte do Estado brasileiro por meio da garantia dos direitos trabalhistas constitucionais, do reconhecimento do jovem como um sujeito de direitos trabalhistas, estabelecendo políticas que promovam profissionalização eficaz e voltada para a realização juvenil, conectada com o mundo virtual, com a escola, com as potencialidades do bairro e com as diversidades culturais de cada lugar e grupo social.

Os recortes de gênero são destacados na pesquisa. Muitas jovens garotas deixam de estudar porque passam a criar os filhos. Mesmo morando na casa de suas famílias e sustentadas por suas mães, praticamente não há retaguardas de políticas públicas que foquem no caso de jovens mulheres mães. Onde podem deixar seus filhos para estudar ou trabalhar? O salário que recebem, quando conseguem trabalhar, apenas serviria para remunerar a pessoa que teriam que contratar para cuidar de seus filhos. Nesse cenário de precarização do trabalho, nota-se como são as mulheres que arrumam “tramos” como cuidadoras e babás, auxiliando a rotina das mães que conseguiram sobreviver às demandas do mundo do trabalho. Essa é uma das características que as tornam uma jovem que nem trabalha, nem estuda e nem procura, pois as contingências e as exigências da vida são mais agressivas com as mulheres. De todo modo, vale destacar que, apesar de sua condição materna, são as mulheres que crescem com mais rapidez quando estão em postos de trabalho, são elas as mais escolarizadas, as mais empreendedoras, e, contraditoriamente, as trabalhadoras menos reconhecidas e menos assalariadas.

Classificar um jovem como “nem, nem” ou “nem, nem, nem” pode remeter a uma forma precipitada, voltada apenas para dados “frios”, de percepção da sua condição juvenil. Eles não estão, na maioria das vezes, trabalhando, estudando ou procurando por uma questão de ordem exclusivamente pessoal, mas sim por fatores externos que envolvem a precariedade, especialmente, das políticas públicas de educação, trabalho e moradia que lhes são impostas por uma sociedade desigual como a brasileira. No entanto, poucos observam esses jovens como indivíduos de direitos violados que são submetidos a classificações estigmatizadoras para ocultar a responsabilidade de uma sociedade, que, muitas vezes, clama por suas execuções, seja do mundo do trabalho, seja da vida, como demonstram as pesquisas favoráveis à redução da maioria penal e à pena de morte. Ações essas destinadas aos jovens pobres e que muitas vezes são reafirmadas pelos mesmos jovens pobres, que podem não estar reconhecendo a sua condição humana e concordando com práticas violentas e repressoras que lhes atingem diretamente.

## RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

Tecemos algumas recomendações que teriam por objetivo municiar a ação de políticas públicas que pudessem atingir e, assim, transformar a vida das juventudes designadas como “nem, nem” e “nem, nem, nem”.

- » A primeira delas seria transmutar a própria categoria que identifica esse segmento. Como indica já o citado relatório *Millennials: trabalhar ou estudar?*, parte substancial dessa juventude “nem, nem” e “nem, nem, nem” não são ociosos e nem improdutivos: são principalmente pessoas ocupadas que levam a cabo tarefas valiosas em seus respectivos entornos”. Poderiam ser assim designados de “não, não” e “não, não, não”, tendo em vista suas dificuldades de escolher entre trabalhar e estudar e a falta de oportunidades que permeiam a vida de juventudes marcadas por percursos singulares, fora das “normas”?
- » A segunda recomendação seria perceber que as rotas de violência e insegurança, as drogas, como indica o referido relatório, atuam “como constante ameaça de dinheiro fácil, os afasta de suas aspirações educacionais e profissionais”. Ao invés de tentar negar essa realidade vivida por essas juventudes, qualquer política pública que se pretenda ser eficaz precisa partir desse universo e desses referentes simbólicos: tráfico e violência, medo e drogas. De que modo se constitui essa lógica? Como as políticas propostas podem, dentro e fora da inversão dessa mesma lógica, atrair essas juventudes?
- » Qualquer política voltada para essas juventudes, principalmente no campo das profissionalizações, mesmo tendo como premissa a universalização das ações (tendo por base direitos), deve priorizar a compreensão dos contextos concretos, de como os jovens se movem e se situam em seus territórios, quais seus ritos de linguagem e o que pode produzir sentido e adesão às ações propostas.
- » Vale ressaltar que boa parte dos entrevistados não sabem como se comportar numa entrevista, não sabem fazer currículos, não sabem (embora desejem muito) como empreender, não sabem executar simples cálculos matemáticos. Assim sendo, embora se interessem muito por administração, design gráfico, computação e gastronomia, por exemplo, esses jovens teriam que passar por cursos preparatórios de princípios básicos que regem tais ocupações. A indicação é um mapeamento prévio do que “sabem” para aferir o que “podem” realizar e seguir no campo da profissionalização.
- » Por fim, destacamos um aspecto de ordem subjetiva de grande valia. Esses jovens “nem, nem” e “nem, nem, nem” têm valia entre esse segmento: uma energia que os faz resilientes, com extrema capacidade de mutação, de criação, de adaptação, produzindo valorosas habilidades de natureza emocional concernentes ao mercado e ao mundo do trabalho do futuro, aos “mundos imaginados” referidos neste relatório por Arjun Appadurai.
- » Finalmente, indicamos a necessidade de preparação e capacitação de educadores sociais, gestores, agentes governamentais para que possam atuar e otimizar a ação desses jovens. Caso não ocorra essa sensibilização, o ideário do “dever ser”, as instâncias classificatórias que apenas ampliam abismos entre “inseridos” e “outsiders”, cada vez mais ampliam as enigmáticas estatísticas dos designados jovens “nem, nem” e “nem, nem, nem”.



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-73.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ALVES, Giovanni. *Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho*. Bauru: Canal6, 2013.
- ANTUNES, Ricardo. *O continente do labor*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- BARREIRA, César; BATISTA, E. Violência e conflito social. In: *Segurança e sociedade: treze lições*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2011.
- BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BLANCH, J. M. La juventud nini, un agujero negro psicosocial. *Revista Psicología: Organizaciones e Trabajo*, v. 14, n. 4, p. 355-366, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011. 11 ed.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes, 1993. 6 ed.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidades*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.
- CORDEIRO, Denise. *Juventude nas sombras*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2009.
- CASTORIADIS, Cornélius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- COSTA, Joana Simões de Melo; ULYSSEA, Gabriel. O fenômeno dos jovens Nem Nem. In: CORSEUIL, Carlos Henrique; BOTELHO, Rosana Ulhôa (org.). *Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- \_\_\_\_\_. Juventudes, violência e políticas públicas no Brasil: tensões entre o instituído e o instituinte. *Sinais Sociais*, v. 1, p. 102-123, 2012.
- DIÓGENES, Glória. *Juventudes, violência e políticas públicas no Brasil: tensões entre o instituído e o instituinte*. São Paulo, SESC: 2012. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21358/1/2012\\_art\\_gmsdiogenes.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21358/1/2012_art_gmsdiogenes.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- DIÓGENES, Glória; SÁ, Leonardo. Juventude e segurança pública: dissonâncias e ressonâncias. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil*. São Paulo: Petrópolis: Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1987.

- GIDDENS, Anthony. *Modernidad e identidad del yo: el yo y la sociedad en la época contemporânea*. Barcelona: Península, 1995.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 94, p. 7-22, nov. 1994.
- GONDIM, Sônia. *Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas. *Em tese*, n. 12, n. 1, p. 4-33, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/1806-5023.2015v12n1p4/29763>>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyla, 1992.
- IPEA. *Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, 2014.
- LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração: a família como santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde soc.*, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Ganhos, tachos e biscoitos: Jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: AMBAR, 2005. 2 ed.
- \_\_\_\_\_. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Revista análise social*, v. 25, n. 105/016, p. 139-165, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- \_\_\_\_\_. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (org.). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 293 p.
- \_\_\_\_\_. Busca de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas de afetos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/nem-nem-jovens-nem-estudam-nem-trabalham-sao-11-milhoes-brasil/>>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- MISSE, Michel (org.). *Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações*. Rio de Janeiro: Revan; Faperj, 2008.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. *Caderno CRH*, Salvador, n. 21, p. 29-47, jul./dez. 1994.
- POCHMANN, Márcio; FERREIRA, Eliza B. Escolarização de jovens e igualdade no exercício do direito à educação no Brasil: embates do início do século XXI. *Educ. soc.*, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1241-1267, out.-dez. 2016.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: QUEIROZ, Z.M.I.B. et al. *Experimentos com história de vida (Itália - Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.
- ROGÉRIO, Sebastião. *Fortaleza Belle Époque: a disciplinarização da pobreza*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.
- SPINOZA, Benedictus. *Ética*. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 2 ed.
- SPINDOLA, T.; SANTOS, R.S. Trabalhando com história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). *Revista de enfermagem USP*, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- VOGEL, Arno. Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho. In: FAUSTO, Ayrton; CERVINI, Ruben (org.). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: FLACSO; UNICEF; UNESCO, 1996.



Realização: Instituto Dragão do Mar

Apoio: Instituto Oca

Presidente: Fernando Silvio Andrade Pessoa Pessoa

Coordenador do Instituto Oca: Thiago de Holanda Altamirano

Coordenação geral da pesquisa: Glória Diógenes  
(Professora titular do programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, pesquisadora do CNPq, coordenadora do Laboratório das Artes e das Juventudes).

Redação do relatório final: Camila Holanda Marinho  
(Professora doutora da Universidade Estadual do Ceará),  
Glória Diógenes (UFC) e Lara Denise Oliveira Silva.

Coordenação do trabalho de campo: Lara Denise Oliveira Silva  
(Doutoranda e mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, pesquisadora e coordenadora discente do Laboratórios das Artes e das Juventudes da UFC).

Pesquisadores de campo: Gabriela Colares (Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (2016), bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (2011), integrante da equipe do projeto "Mulheres atingidas por barragens construindo o conhecimento agroecológico em áreas rurais do semiárido nordestino", pesquisadora no Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (2016), parceria da Assembleia Legislativa do Ceará com a UNICEF).

João Miguel Diógenes (Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (2011), com mobilidade acadêmica na Ghent University, Bélgica (2010), mestre em Sociologia pela UFC (2014), Desenvolve pesquisas e experimentações entre ciência, arte e meio ambiente, com destaque para as relações entre humanos e não humanos no antropoceno urbano.

Processamento e tabulação de dados: Quésia Fernandes Cataldo  
(Graduada em Psicologia pela Universidade

Fotografias: Celso Oliveira

Projeto Gráfico: Rodrigo Costalima

